



Ilustração Brasileira



ANO XLIII

FEVEREIRO, 1951

NUMERO 202



Monogramas artísticos

ALBUM N.º 4

Quem não precisa, de quando em quando de um monograma? Este album reúne em suas inúmeras páginas os mais interessantes tipos de monogramas.

Um desfile de letras, nos mais variados estilos, com possibilidades de centenas de caprichosas combinações! O mais completo album que existe no gênero!

44 páginas úteis e bem feitas.
PREÇO: Cr\$ 15,00

Bordados infantis

ALBUM N.º 2

A nova edição, muito melhorada, reúne em suas páginas bonitos trabalhos, nas cores próprias, especialmente desenhados para o mundo infantil.

Os desenhos, todos muito graciosos, são de fácil execução e foram preparados justamente no sentido de desenvolver entre a gente miuda o bom gosto pelo bordado.

São páginas e mais páginas que constituem verdadeiro encantamento para as crianças.

PREÇO: Cr\$ 15,00



Toalhas artísticas

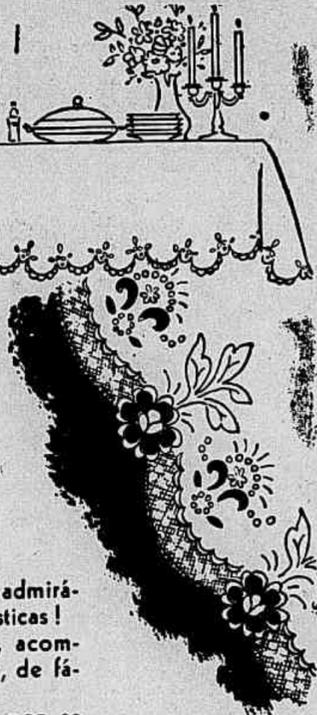
ALBUM N.º 2

Toalhas... peças que contribuem para adorno do Lar!

Na dimensão da execução, elegantíssimos riscos para bordar toalhas de fino gosto! São 40 páginas, coloridas, que formam um conjunto admirável de sugestões práticas e artísticas!

Os desenhos são, todos, acompanhados de explicações claras, de fácil execução!

PREÇO: Cr\$ 25,00



Blusas Bordadas

ALBUM N.º 2

Blusa!... Uma peça que realça sempre a graça da beleza feminina! Este album apresenta uma série de riscos e desenhos de encantadoras blusas, para todos os gostos!

Modelos moderníssimos, desenhos em ponto de sombra, fantasias e aplicações de cambraias e fustão.

PREÇO: Cr\$ 20,00



Figurino Infantil

ALBUM N.º 3

ESTE album foi preparado exclusivamente para resolver o problema da indumentaria das crianças! Em suas 40 páginas as costureiras encontrarão grande variedade de modelos de vestidos e roupinhas!

As donas de casa que costuram para os seus filhinhos, mesmo sem grandes conhecimentos do assunto, poderão executar os modelos, todos graciosos e práticos, em virtude das explicações claras que o album oferece.

Um album-figurino de grande utilidade nos Lares!

PREÇO: CR\$ 25,00



Motivos para bordar

ALBUM N.º 4

O próprio nome já indica a finalidade deste útil album...

Em suas páginas, coloridas, existe uma interessantíssima coleção de desenhos ao alcance das mãos femininas, à guisa de sugestão, para a execução dos mais variados trabalhos.

São pequenos enfeites... figuras variadas... monogramas... enfim encantadores motivos, de fácil execução, para uso pessoal e adorno do Lar.

PREÇO: Cr\$ 20,00

TODOS estes albums são editados pela biblioteca de "Arte de Bordar" Procure nas livrarias e jornaleiros. Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância, ou pelo serviço de reembolso postal. Pedidos à S. A. O MALHO—Rua Senador Dantas, 15-5º and. Caixa Postal, 880 Rio.

Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909 ||

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenário, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940.

Órgão oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Dois de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário do plantio de café no Brasil, do Centenário da República do Equador, do Cinquentenário do Cerco da Lapa, e do Cinquentenário da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva
Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15 — 5.º Andar
Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745
Caixa Postal 880 - End. Teleg. "O MALHO"
Rio

Publicidades e assinaturas em São Paulo:
Av. Ipiranga, 879 — 13.º — sala 131
Tel. 36-4564

PREÇOS DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:

12 meses Cr\$ 120,00

6 meses Cr\$ 60,00

Demais países:

12 meses Cr\$ 140,00

6 meses Cr\$ 70,00

Número avulso Cr\$ 10,00

ANO XVIII - N.º 202 - FEVEREIRO - 1952

NOSSA CAPA

A TARANTELA

Tela de Henrique Bernadelli

FANFULLA

*Quotidiano independente
del mattino*

Um giornale continentalá

per le collettivite

italo - americane



Sede: SÃO PAULO
Rua 24 de Maio, 207
Tels. 32-1216 32-3138 32-3139

O MELHOR PRESENTE

Antologia de poetas franceses

Organizada por R. Magalhães Junior

As moças — Os estudiosos — As pessoas de fino gosto e sensibilidade

TODOS

Gostarão de lêr e de guardar este livro que é um incomparável tesouro poético.

Os maiores poetas da França traduzidos pelos maiores poetas do Brasil e de Portugal.

Volume de 500 páginas brochado Cr\$ 60,00

Encadernação de luxo papel especial Cr\$ 120,00

A VENDA NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS



Baudelaire

★

Escolha o caminho!...

★



A modalidade do seguro de vida é variável, facilitando, assim, sua melhor conveniência. Qualquer que seja o seu interesse, "escolha o caminho" que "A EQUITATIVA" está apta a oferecer-lhe para sua garantia e tranquilidade. Não estando sujeito a descontos e impostos, nem sequer o de transmissão, o seguro de vida é pago integral e imediatamente ao beneficiário. Consulte-nos, que lhe daremos todas as informações e esclarecimentos.

A EQUITATIVA DOS EE. UU. DO BRASIL

Sociedade Mútua de Seguros de Vida
Sede: Av. Rio Branco, 125 - Rio de Janeiro

★

★

CURIOSIDADES DO BRASIL

O CARNAVAL CARIOCA DE OUTROS TEMPOS

Na crônica da cidade do Rio de Janeiro, deixaram alguns veículos particulares e de aluguel fundas recordações. Exemplificava a elegância desta ou daquela senhora, que se fazia transportar garbosamente, ao trote largo e ostentoso de linda parêlha atrelada à carruagem. Nas grandes festas da sociedade e de arte, que a cidade regista, a caleça, a berlinda e o landau conquistaram aurifugente nomeada. Nessas festas e principalmente nas realizadas durante a administração de Francisco Pereira Passos, nas quais o grande prefeito e transformador da capital brasileira, procurou despertar o gosto pelos ceryames florais, aqueles veículos fizeram parte magna. Ainda restam vivas reminiscências das batalhas de flôres de 15 de Agosto de 1903, 25 de Setembro de 1904 e 2 de Setembro de 1906, promovidas pelo infatigável chefe do governo municipal de 1902 a 1906. Realizadas as duas primeiras no parque da Praça da República e a última na Avenida Beira-Mar, foram as primeiras festas dessa espécie no Rio de Janeiro, com o desfile de carruagens ornamentadas a capricho, bicicletas, automóveis e pessoas a pé e a cavalo. Muitas saudades ainda desperta a lembrança da festa veneziana oferecida pela Prefeitura, a 19 de Agosto de 1906, aos membros do Congresso Pan-Americano.

O costume de festejar o Carnaval com carros de crítica e cavalgatas iniciou-se propriamente, no Rio de Janeiro, a 28 de Fevereiro de 1854. No ano seguinte alcançaram maior esplendor os cortejos mascarados. O "Congresso das Sumidades Carnavalescas" fez desfilar curioso préstito alegórico em que figuravam dez "caleches" e um "phaetonte". Obedecendo a itinerário predeterminado no "Jornal do Comércio" de 14 de Fevereiro, o Préstito de Momo saiu às três horas da tarde, do largo de D. Manoel, tendo à frente um esquadrão de cavalaria dos permanentes. Por este modo se comemorou o carnaval, em regosijo pela supressão dos esguichos de água. O estrudo vinha sendo combatido, pouco e pouco, e já nos tempos coloniais só era tolerado até as nove horas da noite, nas ruas, e até a meia-noite no interior das casas. Em 1855, os esguichos tiveram por sucedâneo o limão de geiro, ou a laranjinha contendo água e perfumes. Os velhos da metade do "século das luzes", contrários ao modernismo desdenhando o carnaval sem as en-

SENHORA!

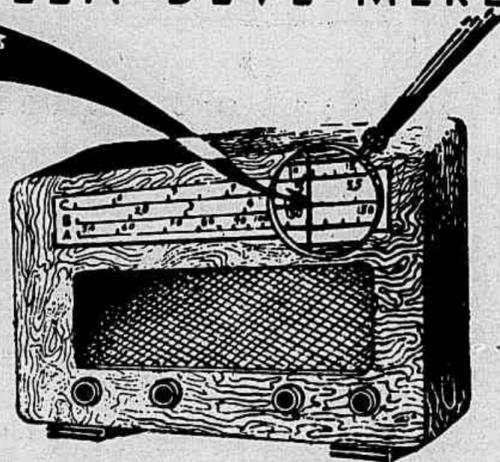
PROCURE NA "RÁDIO QUITANDINHA",
O PROGRAMA DE SUA PREFERÊNCIA!

CAVALHEIRO!

TORNE-SE OUVINTE HABITUAL DA "QUITANDINHA"!
ELA DEVE MERECEER A SUA ESCOLHA!



DE 8 ÀS 12 E DE
18 ÀS 24 HORAS
ZYP-23 MANDA
PARA O AR
UM MUNDO
DE ATRAÇÕES E MARAVILHAS!



OUÇAM-N'A, EM 59, 46 mts.
FICANDO A PAR DO QUE SE
PASSA NO BRASIL
E NO MUNDO!

ESC. CENTRAL: EDF. BRASÍLIA
AV. RIO BRANCO, 311 — 9.º ANDAR
RIO DE JANEIRO

ESTUDIOS: 4.º ANDAR DO HOTEL QUITANDINHA

FREQ. — 5,045 KC/CS
POT. — 5.000 WATS
TRANSMISSOR
DE F. M. —
91 KL/CS

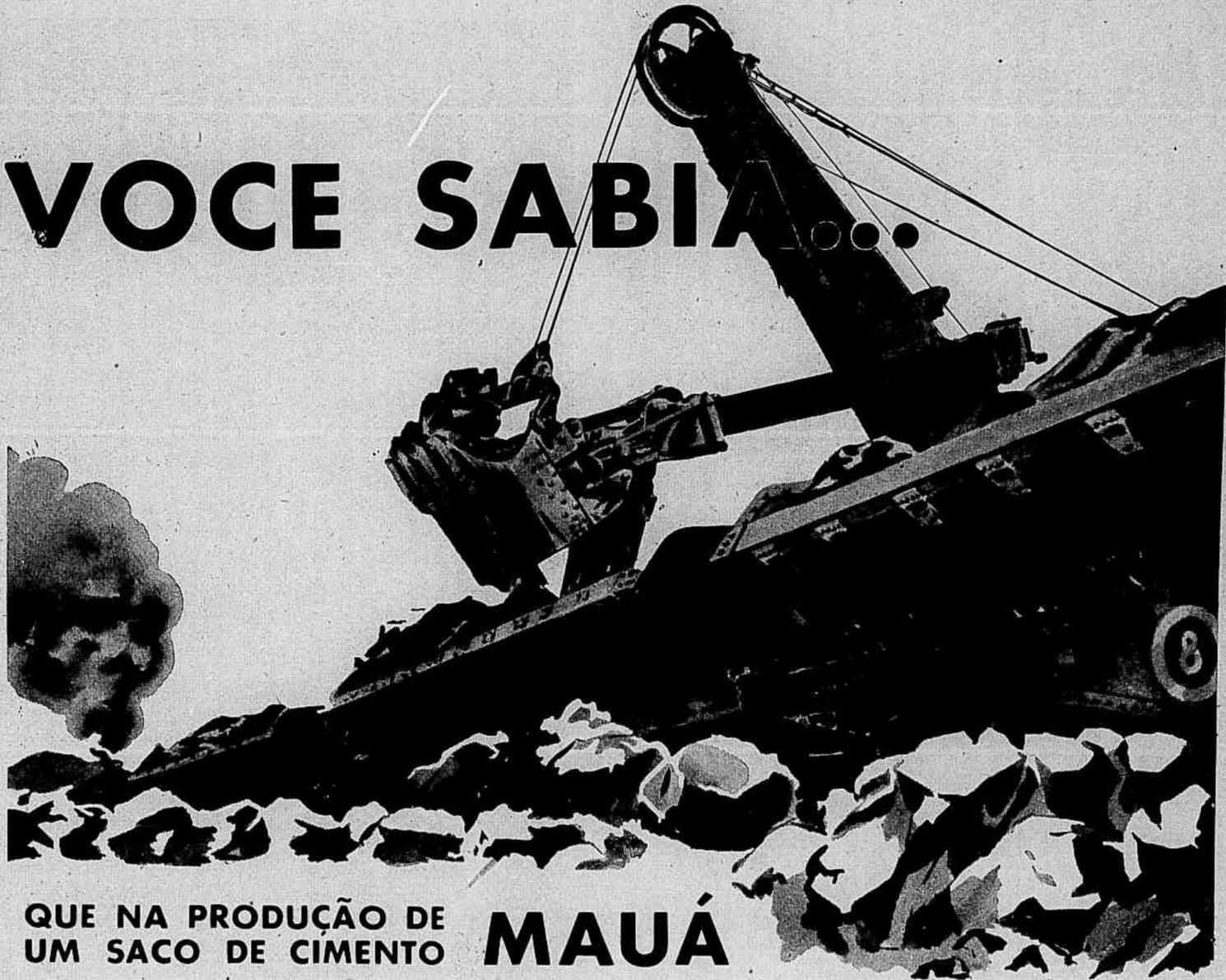


trudadas violentas, saudoso se recordavam dos tempos idos. E com os olhos voltados para o passado, eles se lembravam da célebre for- gança popular da "ser- ração da velha", no vi- gésimo dia da quares- ma, — uma espécie de mascarada com banda de música, carros e ca- valgatas. Pormenoriza- vam as festas dos prin- cipios do século — as touradas do Campo de Sant'Ana, na "Praça do Curro", os carros alegó- ricos e as danças — que se executaram por ocasião de ser coroado D. João VI. Iguais em pompa e notáveis pe- los "carros de ideias" — antecessores dos car- navais cariocas do sé- culo XIX — foram as festas de 1786, quan- do Vice Rei D. Luiz de Vasconcelos, celebrando os espanosais do prin- cipe D. João com a prin- ceza D. Carlota Joaqui- na. Nelas figuram "car- ros de ideias" — de Bac- cho, dos Mouros, das Ca- valhadas Serias e das Cavalhadas Jocosas — projetados pelo tenen- te do terço auxiliar Francisco Soares. O Carnaval de 1855, com as "caleches" tornou- se de algum modo re- vivescência de folguedo similar, efetuado na Praça do Curro, em 1796, com música de pretos e outras charan- gas, que acompanharam carros triunfais. Nisto despendeu o "Senado da Camara" cerca de três contos de réis, em dan- ças e arranjo d eroupas para trombeteiros e con- ductores de churriões. As viaturas introduzidas em 1855 em diante, sem dis- crepância, nos préstios carnavalescos, passaram a ser alugados por quantias excessivas. As que eram ajustadas em cocheiras, para o rega- lo de famílias nos três dias consagrados ao deus do sarcasmo e da folia, subiram gradati- vamente a exorbitantes alugueis.

Os grandes carros alegóricos, como os que ainda ago- ra rebrilham nas avenidas e provocam polemias est- éticas, representavam: — grutas micantes, marcheta- das de malaquitas, com águas vitrais; despenhando- se por arestas de ouro; caramancheis floridos, labi- rintos submarinos, onde brincavam cardumes de ne- reidas e de tritões de escamas fulgidas, templos de colunas giratórias; nuvens leves de gaze estrelada ser- vindo de sucedaneo a deusas; triremes de proas en- floradas; árvores em cujos galhos balançavam redou- ças; e dentro de tais construções, os porta-estandar- tes ou as hetairas reclinadas mostrando-se ao clarão dos fogos de bengala, languidas, correspondendo com beijos aos aplausos frenéticos da multidão em delirio. O carnaval era, como ainda hoje é, a festa predileta e a única verdadeiramente popular da cidade. Naquê tempo valia por síntese dos acontecimen- tos do ano anterior e sobretudo, dos fatos políticos

que repercutiam com escandalo no meio do povo. Da sátira desabusada, que atingia o insulto, tirava pro- veito o carnaval. Explorando frases causticantes, vit- upérios tremendos, dissensões políticas, pequenos ou vultosos incidentes dos partidos da corôa, os clubes carnavalescos deles se aproveitavam para críticas, que caíam e rastejavam na pulha das ruas. Um dos pe- ríodos de maior liberdade de crítica foi o de 1873 a 1881. Neles se glosou a "Camara dos Ilustres Desco- nhecidos", das objurgatórias parlamentares. Noutros carnavais, dentro daquê período, resurgiram os "puffs" à "Camara dos Fagundes", à "Camara dos Servis", das catilinárias da oposição. Em 1877, o Con- selheiro José Bento da Cunha Figueiredo, Visconde de Bom Conselho, Ministro do Império, foi o alvo predileto da troça dos clubes carnavalescos. O carna- val divertiu o povo e satisfazia os instintos de crítica da alma popular.

VOCE SABIA...



QUE NA PRODUÇÃO DE UM SACO DE CIMENTO MAUÁ



O cimento portland MAUÁ su- pera as especificações para ci- mento portland no mundo inteiro.

...foi construída uma Estrada de Ferro particular, com 18 kilometros de extensão, para o transporte do calcáreo das jazidas em São José, Municipio de Itaboraí até a fabrica em Guaxindiba, Municipio de São Gonçalo. Esta Estrada de Ferro que trafega diariamente entre a pedreira e a fabrica, traz o calcáreo em vagões basculantes, carregando 1980 toneladas de pedra calcárea todos os dias. Para tornar possível a construção desta ferrovia a Companhia adquiriu uma faixa de terra de 10 metros de largura, e o seu leito atravessa fazen- das, rios, etc., cujos habitantes já se acostumaram a ouvir diariamente o ruído característico do trem, percorrendo as suas propriedades...

COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND
Rio de Janeiro

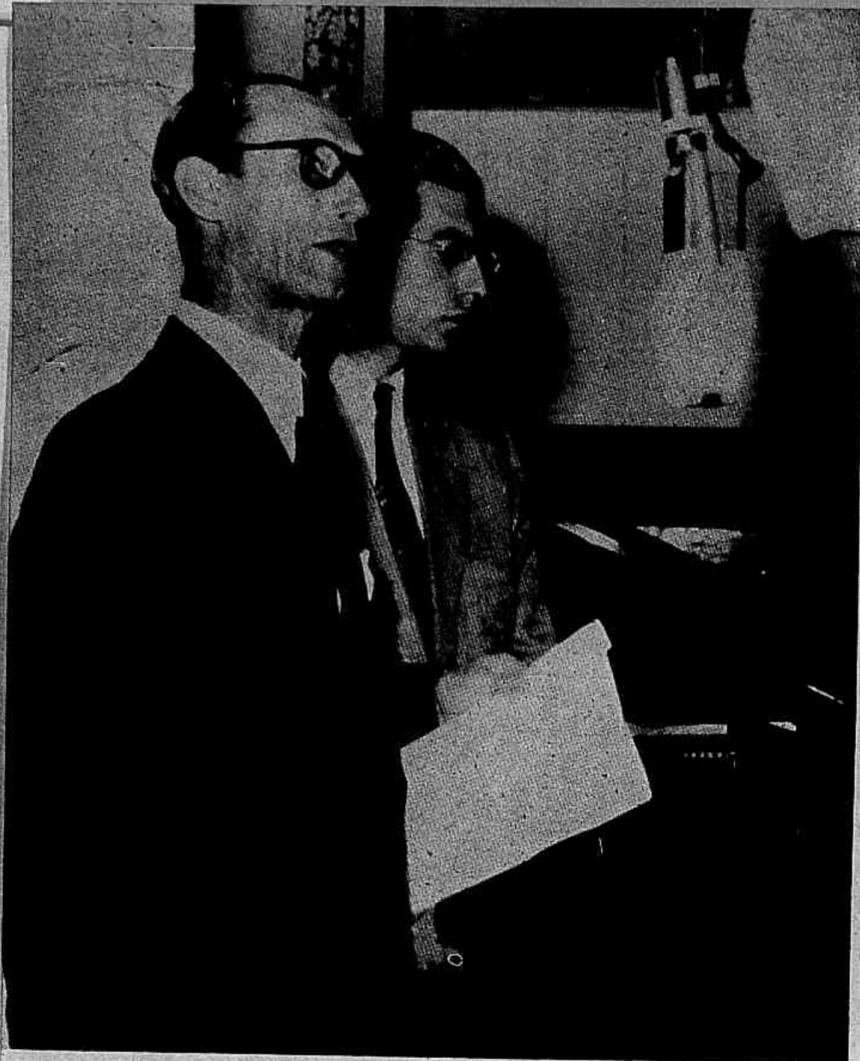
Dr. Ubaldo Veiga

ESPECIALISTA EM
DOENÇAS DA PELE E SIFILIS

Chefe desta clínica na Beneficên- cia Portuguêsa. Consultas: Rua do Ouvidor 183, 5.º andar — sala 504 — nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras das 16 às 17,30 horas.

BRONZISOL ANTISOLAR

De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
À VENDA EM TODA A PARTE



O Dr. Antonio Calmon de Brito, diretor Regional dos Correios e Telégrafos de Salvador, inaugura as novas aparelhagens da emissora bahiana de longo alcance.

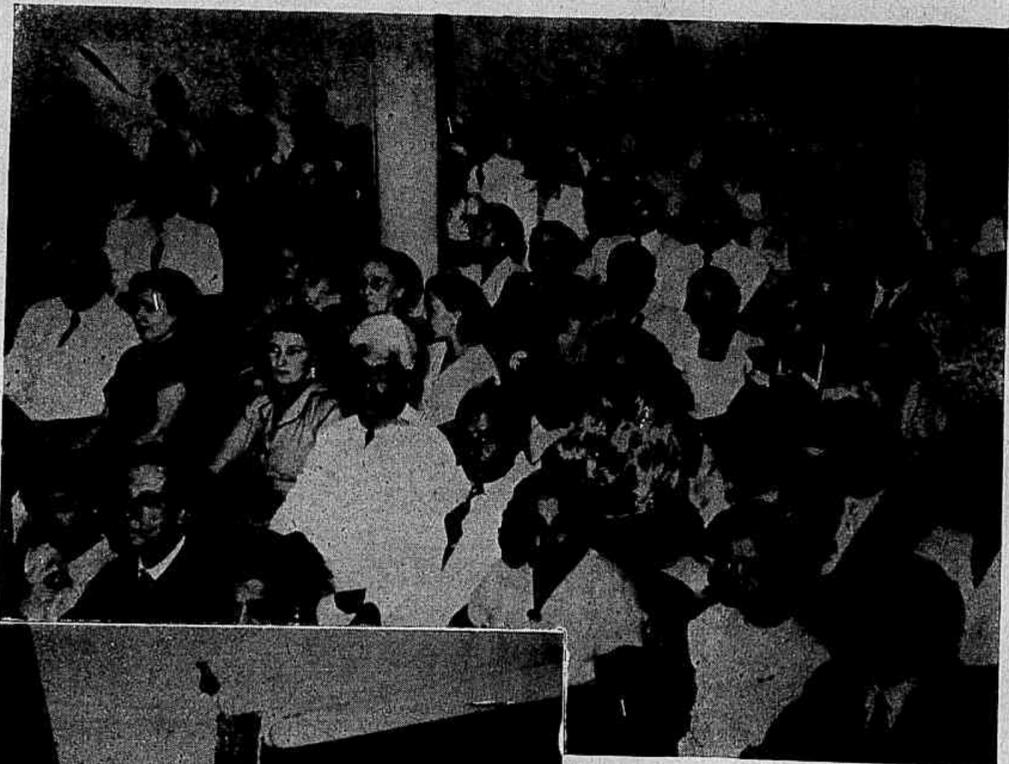


Maria da Graça, a excepcional intérprete de todos os ritmos, estasia o auditório e os ouvintes do Brasil, no programa de inauguração da Rádio Excelsior.

A Z Y D 8

RÁDIO EXCELSIOR DA BAHIA

INAUGURA NOVA E PODEROSA ESTAÇÃO TRANSMISSORA! — OITO ANOS DE TRABALHO PROFICUO PELO PROGRESSO DA BAHIA. — AGORA, OUVIDA DESDE O EXTREMO NORTE ATÉ O SUL DO PAÍS!



E o povo, com a sua presença, prestigiava o ato inaugural da emissora que há oito anos o instrúe e diverte.



Autoridades bahianas dos três poderes, jornalistas e figuras do alto comércio e da sociedade bahiana estiveram presentes ao notável acontecimento que enriqueceu a Bahia com uma poderosa estação radiofusora.

Ilustração Brasileira

O CONGRESSO DE VIENA

Quando se arrastam os congressos internacionais, pesadamente, com os seus discursos fastidiosos, as suas máscaras escuras e vulgares, sobressai no campo das nossas visões históricas um contraste remoto e brilhante — o fugidivo congresso de Viena, celebrado pela Santa Aliança dos monarcas europeus, entre o outono de 1814 e a primavera de 1815.

Napoleão fora vencido e estava na ilha de Elba. Metternich, pelos vencedores aliados, Talleyrand, em prol dos interesses franceses, serviam como pontos nessa representação vniense do ato final de um longo drama, em cujo cenário pompeavam belicosos e arrogantes as dinastias.

O contraste excede a imaginação oriental dos persas ou dos árabes, se ao protocolo burguês da actualidade opomos a atmosfera mundana do Congresso de Viena, o regime suntuário de kermesses, bailes, cerimónias eclesiásticas e exhibições militares, caçadas e cortejos, fogos de artifício e dansas húngaras ou slavas, cujas graças aligeras segredavam ao príncipe de Ligny, octogenário e espirituoso, a sua deradeira pilheria: — “*Le congrès danse, mais ne marche pas*”.

Esse original congresso marchava e dansava, não obstante, segundo a medida coreografica dos reis, entre os quais irradiavam maior prestigio o soberano Francisco I, da Austria, e o czar Alexandre, cavalheiresco, liberal, galanteador, notavel pelo requinte dos seus habitos e pela finura dos seus ditos. Alexandre I, intelligentissimo, havia feito a rutilante nomenclatura das belezas agrupadas nos salões, em torno da assembleia de principes e diplomatas; a condessa Julia Zichy era *la beauté celeste*; Carolina Szecheny, *la beauté coquette*, a condessa

Saurma, *la beauté du diable*; a condessa Sofia Zichy, *la beauté triviale*; a princeza Esterhazy, *la beauté etonnante*. Mas o exímio conhecedor e classificador de tantas belezas, hipocritamente, chamava a encantadora Gabriela, sua amante, *La beauté que inspire seulement du sentiment*. Dest'arte, o Congresso dansava e marchava, idendo o equilibrio das potencias europeias, entre as galas de 1814 e 1815, para o sorvedouro em que afinal desapareceram, um século depois, as coroas da Russia, da Austria, da Alemanha.

Nunca imaginariam semelhante cousa, nas tardes glaciaes e brancas de inverno, o czar Alexandre, o imperador Francisco I e o rei prussiano Frederico Guilherme III, fazendo nessa época vertiginosas excursões de trenó a Schönbrunn, com suas amantes ao lado e o orgulho das suas vitórias no coração. Sob plumas e pedras, as mulheres sorriam ao desejo dos reis; nos trenós e jaezes cintilavam as taurias de ouro, entre os flocos de neve; as patas dos cavalos de sangue nobilissimo e crinas rebeldes, voadores impacientes da stepe, mal roçavam geleiras, que eram lagos petrificados.

E no regresso a Viena, quando o anoitecer instantaneo das planicies álgidas e o reverberar sanguineo dos archotes cambiavam preságios, temores, sombras, mal compreenderiam todos esses principes, todas essas damas, todas essas vaidades coroadas e emplumadas, que a passagem noturna dos Habsburg, dos Holhenzollern, dos Holsteins, em seus trenós imperiais, ao retinir dos guizos argenteos, só anunciava à história o desfile de um séquito mortuário, os funerais de velhas dinastias expirantes, quase ao mesmo tempo, sob os golpes da mesma fatalidade.

CELSO VIEIRA

PAULO SAMPALHO

A Humanização das Conquistas e da Cultura Humana

Nestes dias pesados e difíceis de indiferença e de egoísmo, percebe-se que o homem como que se acha afastado de seu próprio centro de gravidade, e que obedecendo apenas aos seus impulsos instintivos, cada vez mais se afasta, não só de seus semelhantes, como de si mesmo. O centro de gravidade do homem se encontra dentro do próprio homem; não, porém, dentro do animal — o “homem instinto”, — mas sim no amago daquele “homem-ideal”, cujo culto é absolutamente necessário, não só a sua libertação e ao seu engrandecimento em face de suas próprias conquistas, como também à aproximação de seus semelhantes e de si mesmo. O fruto mais imediato e mais perigoso da predominância dos instintos e do egoísmo, é, certamente, esse amesquinamento, e essa escravização do homem à natureza e às cousas que ele criou. Surge, daí, o individualismo mesquinho e que quase que unânime de nossos dias, em correspondência com uma despersonalização assustadora e nunca vista. Enquanto não tratar o homem de vencer o seu egoísmo terrível serão vãos, serão baldados todos os seus esforços, para vencer a natureza. Seus predomínios e suas conquistas serão ilusórios, porque, — ao em vez de uma expansão alegre e feliz, — tudo o sufoca, e tudo o esmaga e, afinal é ele antes um escravo do que um senhor. — A pretensão de dominar a natureza, de violar a todo o custo o seu segredo, e desenfreada ambição de riquezas de poderio e de mando, — determinaram de fato, o divórcio, não só entre o homem e a natureza, mais ainda entre os homens mesmos, — e do homem consigo mesmo, — criando assim, um individualismo que a história não registra igual em época nenhuma, — E' preciso que se demonstre aos angustiados e desordenados homens de nossa geração, clara e inofismavelmente, a imperiosa necessidade de humanização das conquistas e da cultura humana. Porque, aqueles novas que a história da civilização nos aponta como havendo atingido um verdadeiro e harmonioso progresso, — percebemos que o deveram a sua visão interior e humana das realidades materiais, culturais e sociais: — o homem em verdade, era para eles o centro da civilização! Hoje, porém, não encontramos mais os homens olhando assim para dentro de si mesmos, naquela preocupação admirável de erigir o “humano”, a finalidade supremã de todas as outras finalidades. Com efeito; em nossos dias a maioria dos homens tem realmente os olhos apenas voltados para fóra, na fascinação das cousas que os cercam, — na contemplação incisiva dos lucros e no cuidado absorvente de suas conquistas, — em vista quase que tão somente da consecução de poderio e de bens materiais. E agora, já não sabem mais como olhar para si mesmos, nem tão pouco acham tempo para aquela admiração e encantamento das primeiras vitórias, porque o ruído absorvente e caótico das cousas, e a vertigem de todos os acontecimentos, já não lhes permitem mais a contemplação calma e cuidada.

PAULO SAMPALHO



A LUTA DAS

Na literatura brasileira o romance sempre teve relêvo e mesmo grande destaque. A “enciclopédia José de Alencar”, e a classificação não é nossa — obra magnífica do editor José Olímpio, — comprova a asserção. Oxalá ele prossiga lançando outras enciclopédias, de autores, de escritores de renome, consagrados pelos intelectuais e pelo público que sabe lêr.

Na nossa afirmativa podemos catalogar o romance feliz do acadêmico Sr. Cláudio de Souza, *A luta das Gerações*.

E' um grande livro, momentoso. Nas suas páginas argutas debate-se o problema bem atual do extremismo e da democracia.

Não há como negar o fantasma do comunismo aqui, ali, acolá, ajudado pelo medo que inspira, a desorientação de algumas democracias. O mundo está sendo comido pelo medo, de parte a parte.

Daí a inquietação tão bem estudada por esse escritor consagrado, mestre no teatro, no romance, no ensaio, na conferência. E' preciso que a geração nova, que se apaixona facilmente por idéias modernas — às vezes bem antigas mas que são capciosamente revidas — leia e medite estas páginas que vivem.

A dansa das personagens é bem humana. O romance está bem armado, empolgante. As figuras estão bem traçadas, dentro do momento angustioso em que todos se debatem. Desfilam homens e mulheres, — aquele velho João Martins, conservador, operário e proprietário, cheio de bom senso, e compreensivo, e os seus antigos companheiros; o filho moço, já corroido por idéias prejudiciais, o Quintino,

de idéias



GERAÇÕES

manejado pelo Ruivo — um fanático do comunismo até o momento em que se viu capitalista; o aventureiro Pimenta; aquela Elsa, moça bonita, arrastada pelas "idéias novas" que se converte depois de decepcionada em católica: a sua mãe, a Cristina, fanática, que morre pelo seu ideal, mãe e filha apaixonadas pelo Ruivo, que casou com a Elsa; aquela Matilde bem desenhada, esposa de João Martins e que, mãe conssegue que o marido transfira para o filho, o Quintino, as oficinas conservadoras transformadas por este em tipografia e litografia comunista, e outras personagens que afirmam os valores do autor.

Há a assinalar nesse membro de destaque da Academia Brasileira de Letras quer o seu poder de imaginação quer o de observação. E' um autor combatido por uns, tomado por outros, e a conclusão é que é sempre lido. A obra é a análise do conflito, da luta das gerações. Vence enfim a democracia. E há a destacar, a frisar, neste momento em que se menospreza tanto a lingua, a maneira magnífica por que o Sr. Cláudio de Souza maneja o noso rico idioma, a correção limpida do seu português à Garret, a sua orgia vocabular, as suas idéias equilibradas, o seu bom senso dentro dum estilo seguro e firme, e a sua imaginação verdadeiramente feliz conjugada com uma observação penetrante e aguda. Lamentável que uma obra assim se apresente em feição tão pouco artística. E não será este livro o grande romance brasileiro de 1951?

RAUL DE AZEVEDO

GUERRA! — CIVILIZAÇÃO!

Pela estrada interminável dos séculos, a passos contados, prossegue o tempo em sua marcha, sem parar jamais. Vem de longe das priscas eras. E vai ao presente, por nós passando, em direção do futuro. E' sempre, sempre o mesmo em o afã de nivelar os homens: A uns — descende-os, lá do alto de suas grandezas; e a outros — elevando-os, os de baixo de suas misérias. Mas a todos situando, afinal, num plano único, a sete palmos de terra. Geração após geração, tumultuam em tórno dele o gênero humano. Crescer e morrer é tudo questão de um momento, assim para os grandes e poderosos como para os pequenos e humildes do mundo. Ainda que anda o tempo. E, tão logo se afasta, só ficam nuvens de pó e cinza e os ecos das reminiscencias. Associados por intinto e necessidade, veem e vão os homens, vivendo os poucos instantes da vida consoante as circunstâncias da época em que aparecem e a tempera com que forjam o carater. Assim que ora se põe de par, ombro a ombro, penetrados da mesma fé, soldados do mesmo ideal. E ora se entregam à porfia, uns contra os outros, esquecidos da brevidade das glórias, da pouquidade das riquezas, da fatuidade das ostentações e da falsidade das esperanças. Em preponderando as forças do bem, é a concórdia, é a amizade, é a paz. Quando campeiam as do mal, é a desinteligência, é o ódio, é a guerra. E a guerra tanto mais brutal quanto maior o grau de civilização dos partidos oponentes. Guerra! Civilização! Eis aí as duas idéias que, em sã consciencia, nunca poderiam harmonizar-se entre si. A maneira que o progresso avultasse à custa da somação dos esforços individuais, deverá ser cada vez menor a probabilidade dessas tormentas de sangue e aço, que mal se formam num ponto, logo ameaçam de soprar em todos os quadrantes. O mundo seria então, verdadeiramente, uma familia de nações. E viveriam os homens numa continua aleluia de paz. Mas fora também demasiada utopia o não prever irrompessem, a espaços, aqui e ali, dissonancias capazes de quebrarem a afinação geral. — De um momento para outro, pode a guerra ser imposta a um povo pacifico; que não tenha olhos cobiçosos para as riquezas alheias, mas que se torne, a mau grado seu, o alvo de estranhas ambições. Cai-lhes de chofre a guerra em cima. Há suportá-la de animo firme e vontade inabalável, em querendo defender o patrimônio nacional. A glória será o justo prêmio dos sacrificios; o arco do triunfo — a apoteose dos heróis. Aparecem os pregadores e exclamam que a guerra, calamidade composta de todas as calamidades, é "um monstro que quanto mais come e consome tanto menos se farta". Que muito gritem assim, si a guerra é tudo isso e muito mais ainda. Com perdê-la, ficam os homens sem a liberdade. E definha a Pátria à mercê do inimigo. Pior que a guerra, só o espectro da derrota.

ARI MAURELL LOBO

feito, ou mutilado, — logo passava a ser documento sentimental de seu primeiro possuidor.

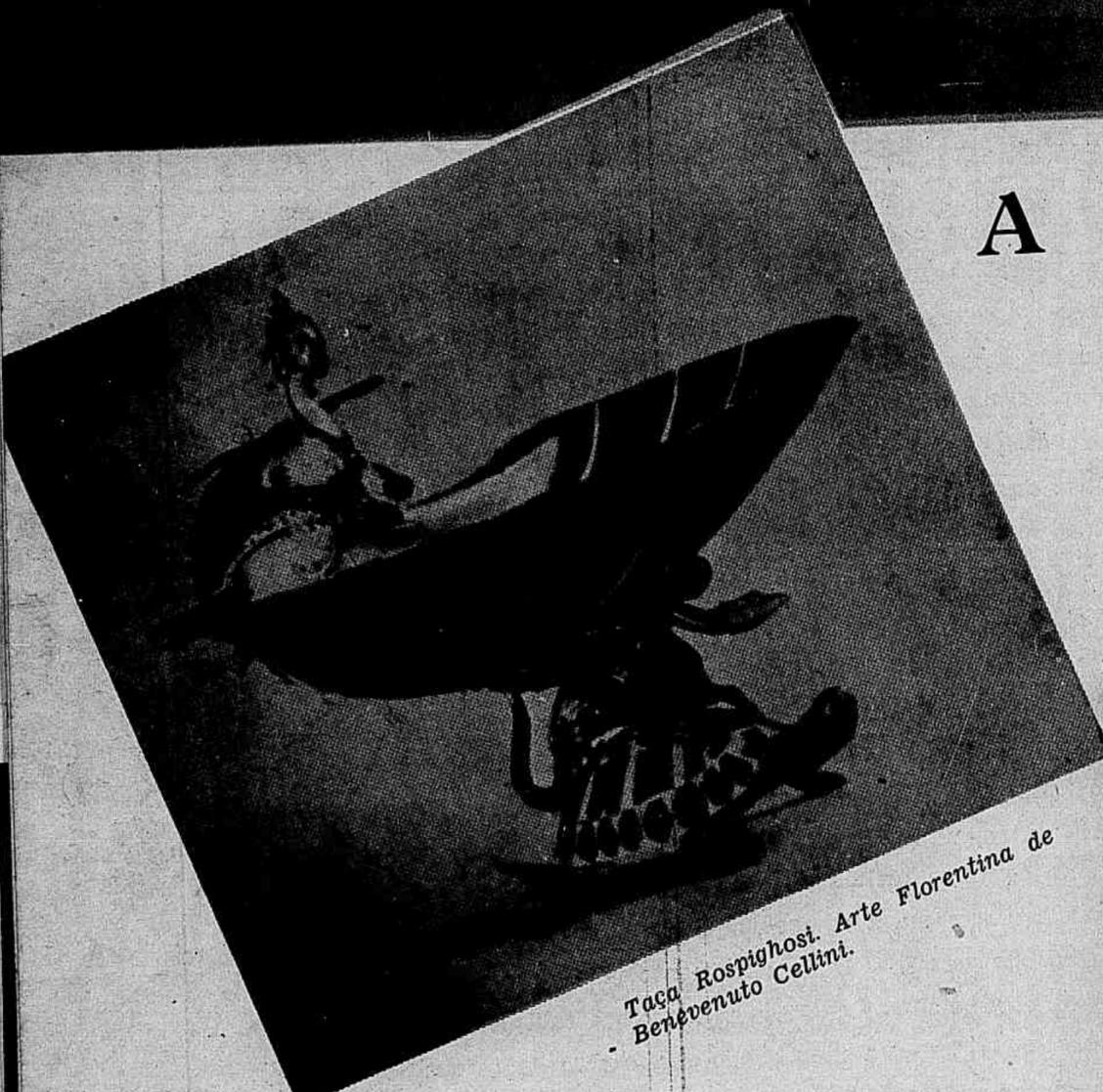
E' claro que concorrera muito para esse regime salvador e tutelar — a criação, por essa época, da Arqueologia, como ciência. Para esse departamento de cultura, não era o fenômeno histórico da evolução técnica da civilização que importava. Sem escrita — toda a Pré-História se alevantava, lentamente, com falhas numerosas, saltos seculares, — mas como probante exibição de labor do homem, de suas qualidades artísticas, na aurora mesma da humanidade.

Imitava-se, assim, verdadeira descoberta que trazia a significação explícita de que a obra de arte já havia atingido, de início, em outro grau, sua própria perfeição. Mas o nosso tempo, encurtou a estrada do passado. Temos, assim, do século XIX para os dias que correm — verdadeira mania do colecionador, arrebanhar tudo quanto lhe oferecem como "antiguidade original". Como os objetos antigos, ou ditos tais, são restritos, apareceu imediatamente uma nova arte: fabricar o "antigo", fraudar as coisas dos séculos vizinhos. E como seria natural, o amador se impressiona muito mais pela *antiguidade* do que pela *qualidade* do objeto. Diante de um documento plástico dos tempos idos, o colecionador sonhava com os mais impressionantes episódios que a história registra do tempo antigo em que o objeto fora empregado no uso doméstico.

De tal sorte, a obra contemporânea não o seduz, ainda que seu valor artístico seja, em muito superior, ao do "documento" que lhe dará a miragem do passado. São

A ANTIGUIDADE MODERNA

FLÉXA RIBEIRO
PROF. CATEDRÁTICO NA ESCOLA NACIONAL
DE BELAS ARTE



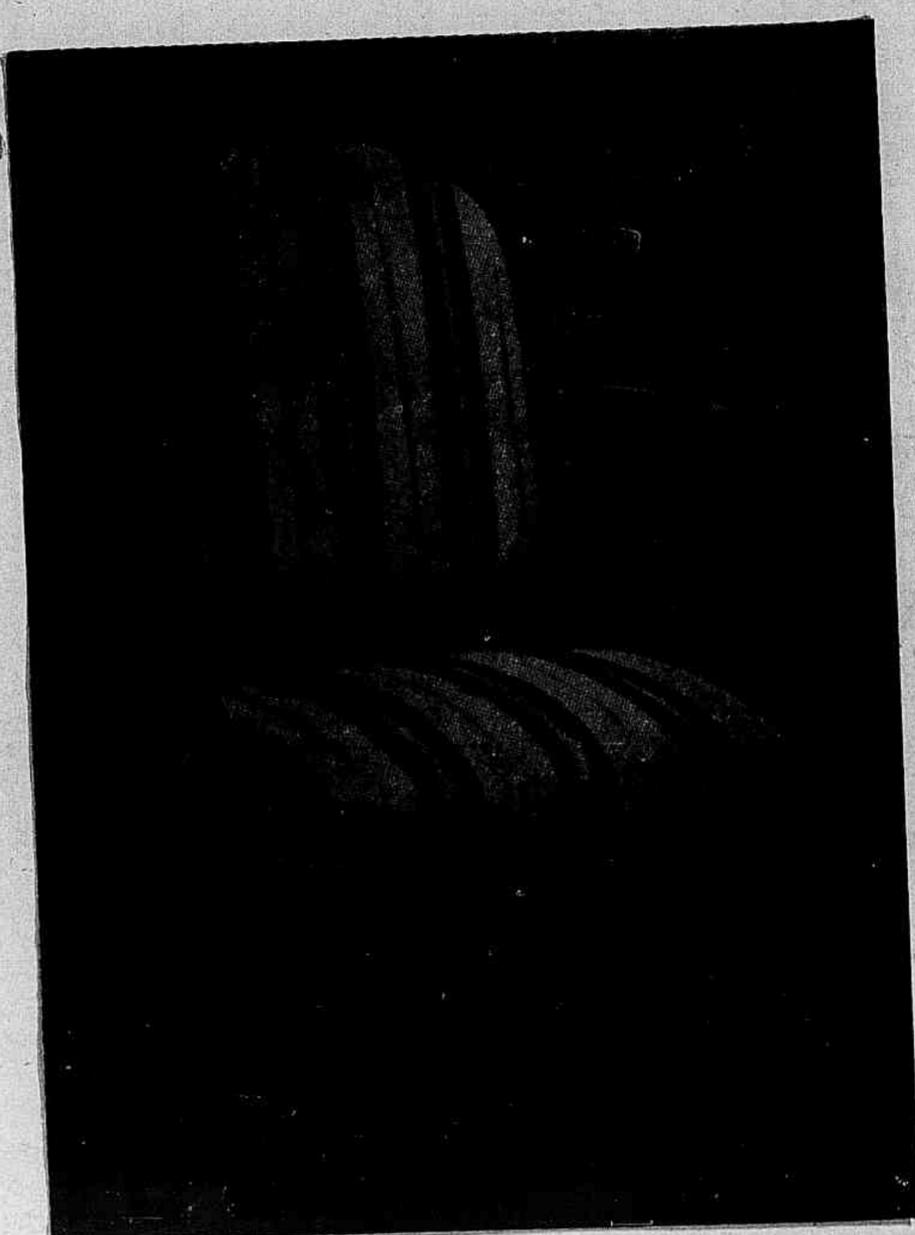
Taça Rospighosi. Arte Florentina de Benvenuto Cellini.

Desde o século XVI, poder-se-ia dizer, que data a preocupação do homem pelas coleções de obras do passado. As descobertas de Pompéia e Herculano aumentaram ainda mais aquela viva curiosidade.

Mas é com o século XIX, principalmente com a "descoberta" da arte japonesa pelos Gongourts, Gonze e Bing — que se dá início ao bric-a-brac.

De tal sorte, nem só a obra de arte, propriamente dita, mas os objetos da arte industrial aos quais se atribuirá uma parte sentimental foram, cuidadosamente, recolhidos, classificados, em conjuntos individuais. Criavam-se, assim, pequenos museus de objetos ditos antigos, mas possuidores de uma história de valia política, militar, civil, e, principalmente, de autenticidade romântica. Eram eles testemunhas materiais de cenas do passado. Neste instante histórico a crítica desaparecia. E, somente, a aura da usança, por personagem famoso, se engrandecia. O objeto ainda quando

Poltrona do Palácio de Versailles - Século XVIII.



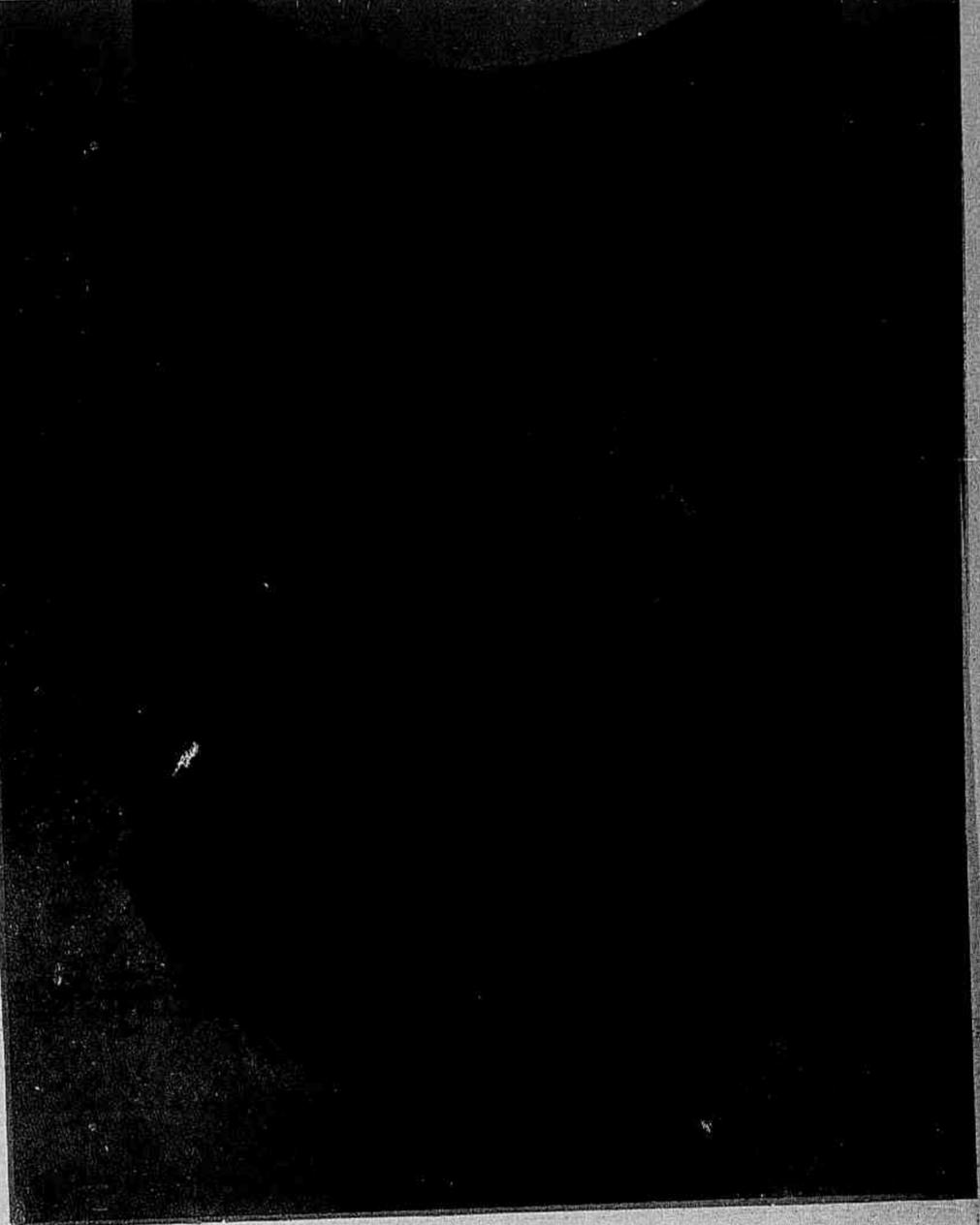
vitimas, por esse pendôr estranho, das mais prodigiosas falsificações. Quase que se poderia dizer existir muito mais ocisas falsas que verdadeiras, na coleção dos amadores.

Mas a fraude é muito antiga; multi-secular. Sôbre este motivo — seria interessante reavivar o que se refere sôbre o imperador Galliano, o *Germanicus* do III século. Conta-se que um lapidário vendera à mulher do imperador — pedrarias que foram verificadas como sendo falsas. Galliano mandou prender o vendedor desonesto, e o condenou aos leões. Quando o anfiteatro repleto se preparava para a cêna — viu-se que, no momento em que a vítima se entregava ao sacrificio, aparecia na rena, em vez de uma fera, — um capão. Foi indescritivel o assombro. Ninguém atinava com o gesto imperial. O monarca explicou, então: "êste homem procurando enganar, êle é o enganado por sua vez".

O colecionador, como não se ignora, é exigente, tem o senso da regularidade. Procura passar por amador esclarecido e metódico; deseja coleções completas. Semelhante anseio facilita a compra do falso. O vendedor consegue, pela fraude de um técnico experiente, oferecer *precisamente* aquilo que faltava ao colecionador.

No Rio de Janeiro semelhante industria de *antiguidades* é relativamente dos nossos dias. Prospera com exagerado lucro. Depois das guerras europeas — forte corrente emigratória clandestina se faz para o Brasil. O Rio se encheu de falsários de obra de arte. Tôda cidade está hoje povoada de casas que vendem *antiguidades* perfeitamente modernas.

Esses falsos "verdadeiros" não são, em geral, de obra de alto porte: nem estátuas, nem quadros. A pintura dos mestres europeus foi sempre extremamente reduzida, entre nós. Só de longe aparece um quadro... que está no Louvre.



Armadura — Itália, século XVI.

O empenho do vendedor de antiguidades é em tôrno do falso objeto, em geral de uso doméstico. Dá-lhes sentimental prestígio a vida de algum personagem em tôrno do qual a tradição oral, ou a história anedótica e pitoresca fixou certos quadros vivos que muito satisfazem a nossa curiosidade maliciosa, e, às vezes, brejeira.

Nesta volta do episódio, o colecionador não mais toma bom e necessário aviso dos valores artísticos. Sômente o empolga, a luz remota da função daquele objeto.

E o que é mais estranho — é vê-lo passar indiferente e até desdenhoso diante de obra de arte contemporânea de real validade.

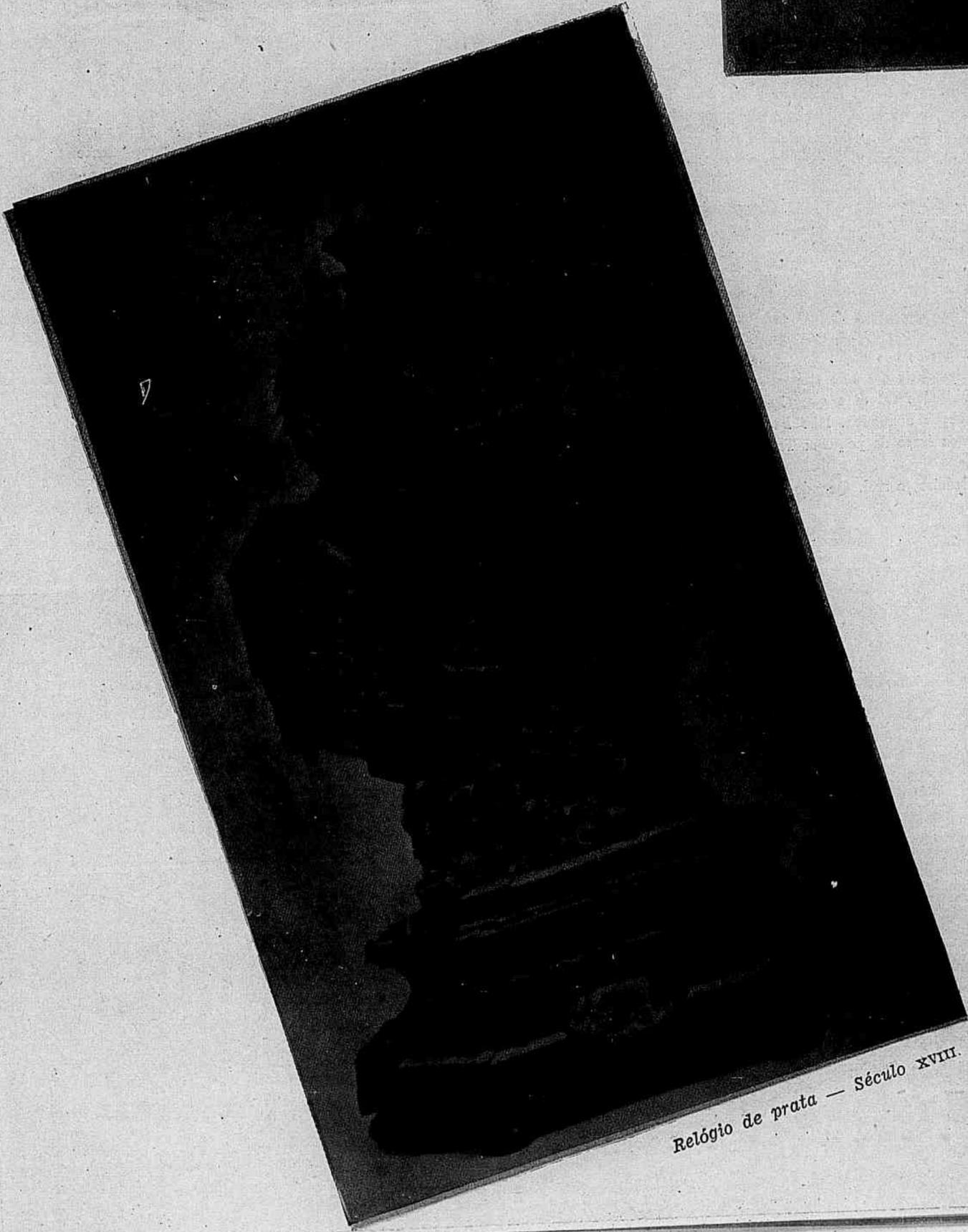
Seu bom gôsto desapareceu; êle só mira a curiosidade pelo objeto que se diz "antigo". Para êle só a miragem da "antiguidade" é fatôr de enlêvo e consideração. Seu prestígio é tão poderoso, sua força de sedução tem tal potencialidade, que o amador se julga um privilégio, até diante de um caco, ou de um móvel gasto, ruído de cupim, cuja vestutez ainda por cima é falsa.

Fica êle, assim, de pose aparente de um objeto mutilado, inerte, e de sua época, como se fosse obra autêntica das eras mortas.

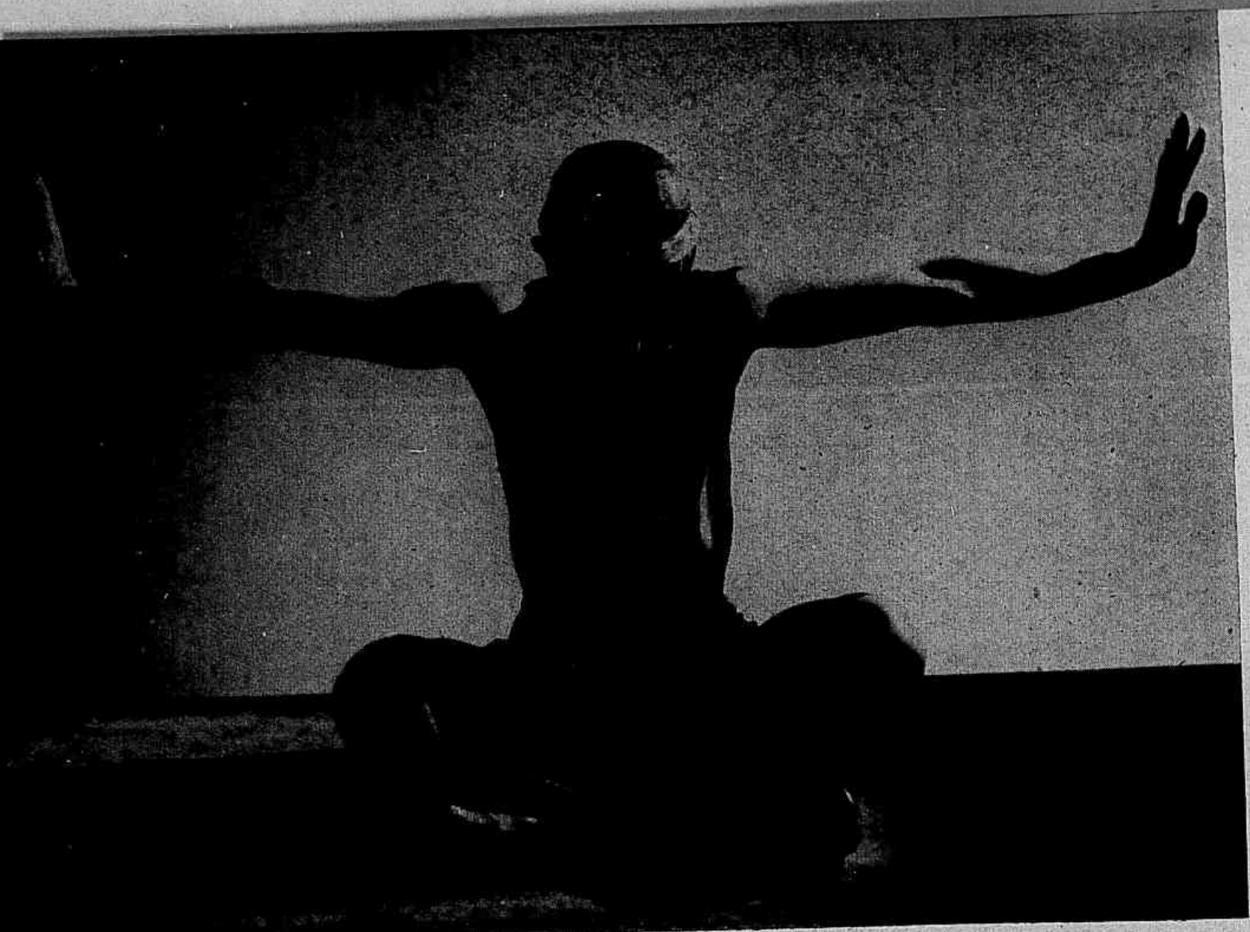
Hoje a antiguidade é a mais próspera industria das obras de arte do passado.

Mas os colecionadores se rejubilam com a posse ideal de alguma coisa que poderia ser autêntica.

Iludem-se a si mesmo diante de um devaneio que talvez não lhes custe, afinal, muito caro...



Relógio de prata — Século XVIII.



Algeranoff no seu estudo coreográfico "O Feiticeiro", música de Francesco Malipiero. A inspiração para esta dança veio das fontes mais curiosas e diversas: o dizer da sorte na areia, ao luar, sob o sorriso enigmático da Esfinge de Gizé; os movimentos dos dançarinos nativos em Java, as lendas dos aborígenes da Austrália, a invocação das danças campestres hindús, Hastas-Mudras das antigas esculturas da Índia e cantos das cerimônias Bali em Ceilão. A essência mística dos elementos está cristalizada na dança — encantação em movimento.

ALGERANOFF E ALGERANOVA

JAQUES COSEUIL

Na sua última temporada, Tatiana Leskova teve a feliz ideia de reconstituir trechos de "Preságios", um dos grandes bailados sinfônicos de Massine. E a música de Tchaikowsky, a dança do Homem com a Paixão e o Destino, realizaram a mágica de me levar para traz, para traz, com a velocidade de um truque cinematográfico... até a primeira temporada do Ballet Russo do Coronel de Basil, ao deslumbramento de seu repertório inesquecível, dançado por artistas como Gollner, Algeranoff, Rostoff, Shabeleswski, Grigorieva, Petroff, Tchernicheva, Volkova, Jasinski, Leskova, Stroganova, Dokudowsky, Stepanova, Moulin e outros que com o tempo se afastaram.

Algeranoff é uma das melhores recordações dessa temporada. Ele dançou justamente o Destino em "Preságios", além do mágico em "O Galo de Ouro", pierrot em "Carnaval", o espião em "Francesca da Rimini", o chinês em "Aurora" — e a impressão causada por seu trabalho foi tão forte que nem o tempo, novos intérpretes ou opiniões contrárias conseguiram diminuir. O Ballet Russo voltou duas vezes, outras companhias vieram depois, mostrando sempre que Algeranoff era insubstituível nas suas criações. Ainda hoje parece-me vê-lo em cena, ao desdobrar o longo manto que escondia o galo dourado, sua saída de costas em "Preságios", a expressão patética de pierrot ao descobrir que não tinha Papillon dentro do gorro... Os que conhecem esses bailados sabem o que significam esses papeis, o que pedem em estilo, compreensão e mímica. Não basta dançá-los, a questão é dançar bem. Lembro-me de uma frase da pequena Tania Bechenova a seu respeito:

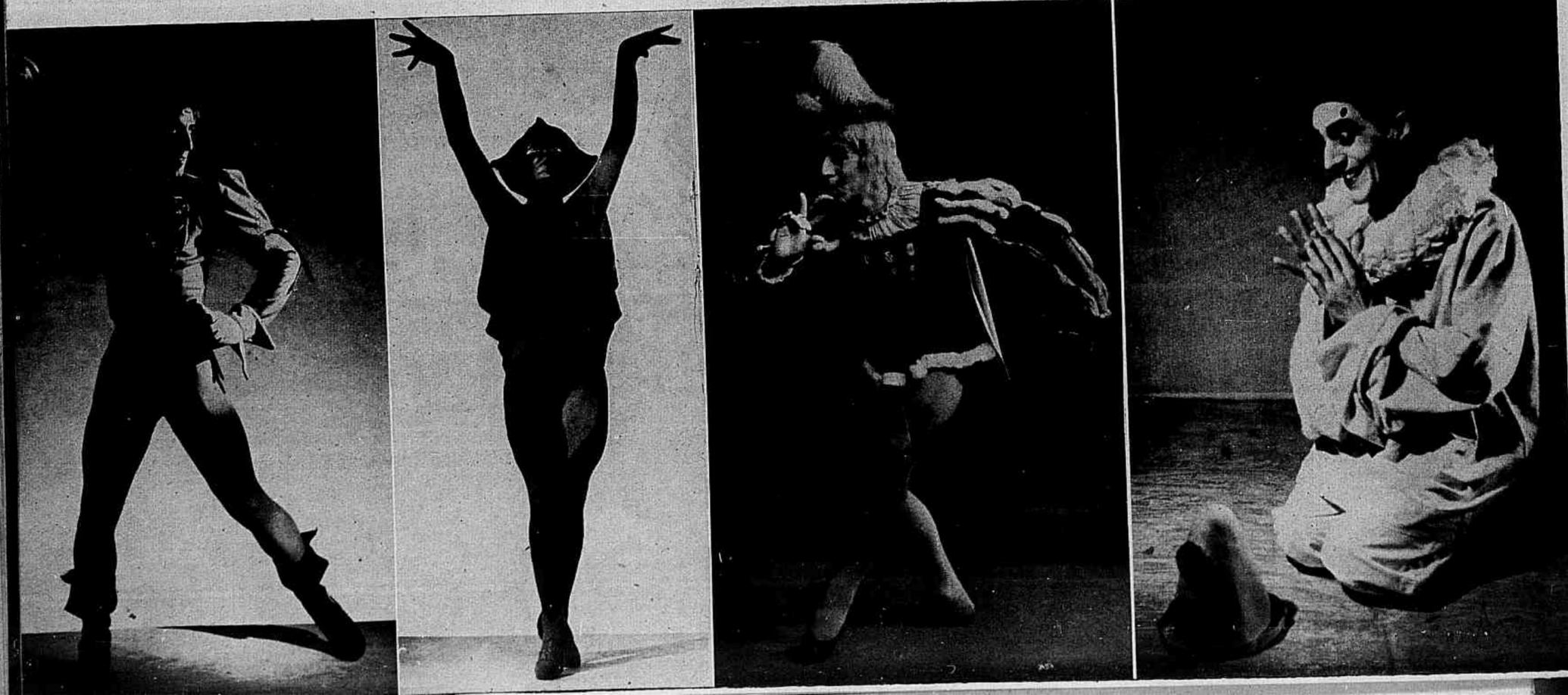
— Com Algy, nem é bem representação, mas o verdadeiro, o real. Quando dan-

çava-mos ao seu lado, no "Galo de Ouro", cada vez que ele estendia o dedo ou olhava para nós, sentíamos arrepios!

Porque Algeranoff não é somente um dançarino, mas um mestre da pantomima e da caracterização. Um exemplo vivo do célebre conselho da Pavlova, "dance with your head", a dança com ele não é apenas uma questão de passos bem executados — sabe dançar com inteligência. Pavlova, aliás, foi sempre e ainda é a sua inspiração. Na companhia dessa grande dançarina, começou sua carreira, estudou com Vladmiroff e outros mestres, dançou nas cinco partes do mundo, aprendendo "in locum" as danças de cada país — Índia, Japão e Java — criando repertório próprio. Foi Pavlova quem lhe deu o nome de cena de Algeranoff (o seu futuro "visa" para o Ballet Russo) pois na vida real ele é o inglês Harcourt Essex. Depois da morte de Pavlova, dançou em concertos, na Cia. Dandré, na Cia. Markova-Dolin e com o Original Ballet Russo de novo correu o mundo. Estava com este último no Colon de Buenos Aires, obtendo grande êxito com suas criações citadas, incluindo "O Pássaro do Fogo", quando decidiu deixar tudo, a fim de ingressar no recém-formado International Ballet, em Londres — pois achava que o seu dever era voltar à pátria.

Com ele estreiou em "Twelfth Night" dançou durante a época trágica da guerra e dança até hoje. Outros papeis seus no repertório estão em "Everyman", "A Bela Adormecida", "Copelia" e "Carnaval". Em 1951, apresentou o primeiro

Suas criações em "Francesca da Rimini", "Preságios", "Twelfth Night" e "Carnaval". Quando aplaudiremos de novo no Brasil êsse notável artista do ballet?



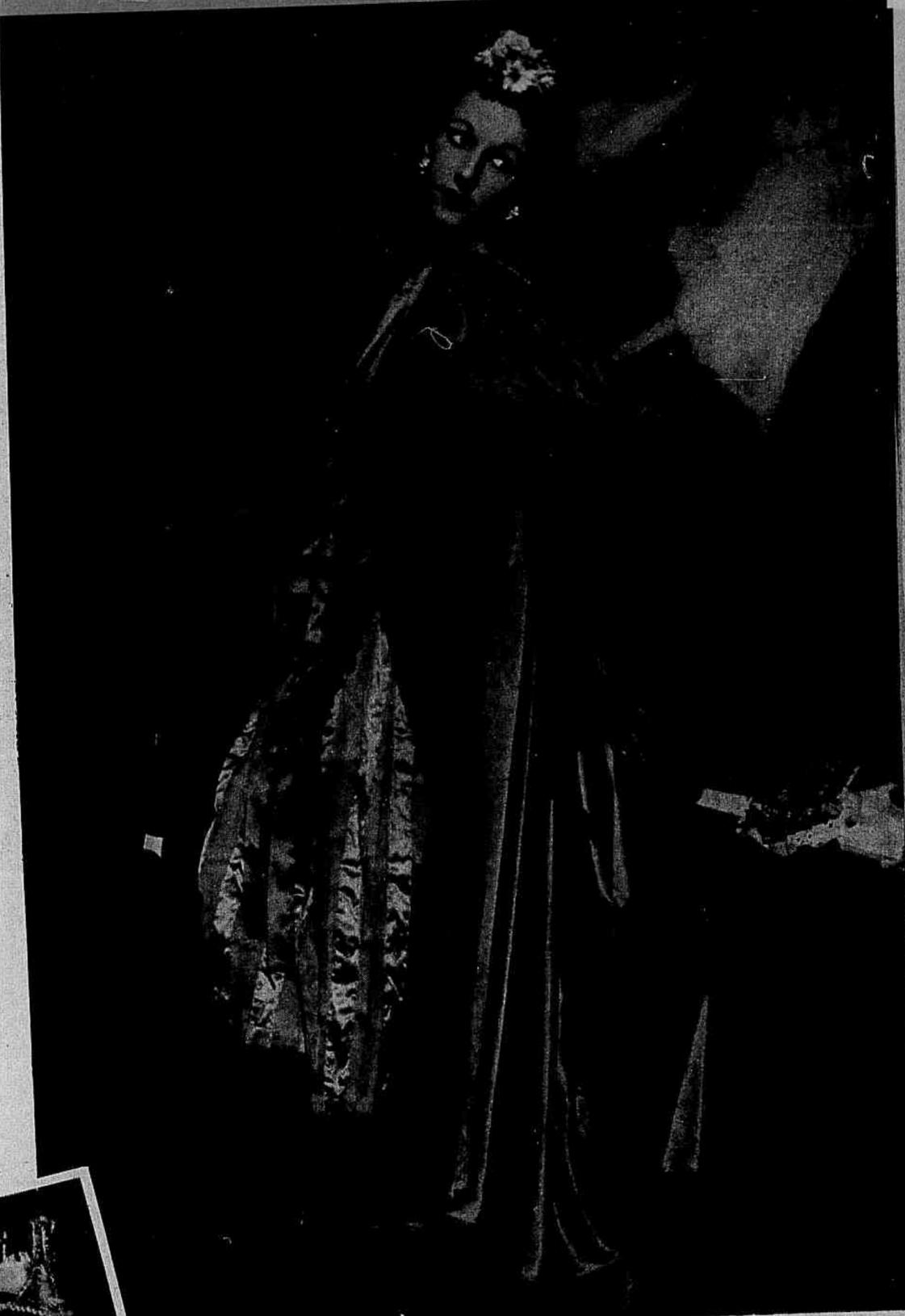
ballet de sua criação — “For Love or Money”, sobre as aventuras de um soldado que volta da guerra.

Poucas vezes conhecemos um dançarino com tão justa compreensão de sua arte, de sua missão como artista e das proporções dessa missão em relação ao mundo em que vive; com tanta ética profissional, auto-crítica e cultura. Não se trata de fazer elogios a uma celebridade que deve ter ouvido muitos e que aliás bem os merece. Mas sim fazer justiça a um artista cujo talento — seja como dançarino, coreógrafo, professor ou conferencista — tem sido sempre empregado menos para glorificação própria e mais para servir e enriquecer o ballet, nunca esquecido que cabe a cada um de seus componentes uma grande tarefa social.

Foi no International Ballet, como conta êle, que conheceu Psyche... Claudie Leonard nasceu em Paris. Quando ainda criança, viajou por toda a Europa com seus pais e deu os primeiros passos em Genebra. Sua mãe é a conhecida desenhista francesa Paule Andréé Leonard, sobre quem o poeta D'Annunzio escreveu e cujo talento foi descoberto por Loile Fuller.

Aos 4 anos, Claudie assistiu ao ensaio de uma menina (ela crê que era Toumanova) numa das grandes escolas de ballet de Paris. E sentiu, instintivamente, que a dança era sua vocação. Ao confiar esse desejo a sua avó, anos mais tarde, foi severamente censurada, pois a dança era considerada, pela família, algo para uma classe inferior. Pouco antes da guerra, seus pais foram residir na Inglaterra e aí, Claudie continuou sua educação, iniciada em Lyon. Em pouco tempo, a francêsinha descobriu que o ponto de vista inglês era muito diferente o de sua pátria, sendo a dança considerada com muito prestígio! Ela persuadiu a família e aos 15 anos, começou a estudar ballet na Ripman School. Antes de terminar o primeiro ano de dança, estourou a guerra, o que ameaçou terminar o ballet para a Claudie. Mas com o apoio e o estímulo da professora Olive Ripman, foi decidido que a jovem continuaria seus estudos, interna no Cone-Ripman College, perto de Londres. Claudie aí ficou até 1941, quando ingressou no International Ballet, que então começava sua primeira “tourné”. Salvo a diretora, Mona Inglesby, Claudie é o único membro fundador que ainda dança hoje na companhia. Depois do necessário estágio no “corpo de baile”, o que fornece a melhor base para a formação de uma dançarina, ela teve o seu primeiro papel: Olivia em “Twelfth Night”, inspirado na peça de Shakespeare. Mas foi em 1944, na temporada de Londres, quando dançou a Oração, no terceiro ato de “Copelia”, que obteve o seu primeiro grande sucesso. Ela provou que tinha talento para a nova “chance” que surgiu dias depois, quando teve que substituir Mona Inglesby, à última hora, num grande papel. O desenvolvimento artístico de Claudie esteve sempre sob a atenção especial de Miss Inglesby, que colocou a jovem sob a orientação de mestres como Nicolai Sergueeff, Stanislas Idzikowski, Lubov Egorova e Judith Espinosa. Os outros papeis foram vindo aos poucos e Claudie estudou todos os ballets clássicos, substituindo Inglesby muitas vezes. Quando chegou a dançar Odette-Odile, o duplo papel central em “O Lago dos Cisnes”, já tinha dançado todos os outros papeis femininos desde o menorsinho no corpo de baile!

“Sea Legend”, coreografia de Dorothy Stevenson, deu-lhe o papel diferente de sereia do mar, o que foi para Claudie a oportunidade de se revelar perfeita em sua arte, tanto no estilo moderno quanto no clássico. Outro papel moderno que lhe dá grande sucesso está em “For Love or Money”, da autoria de seu marido Algeranoff. O idílio começou, dançando juntos na mesma companhia. Casaram-se numa deliciosa igreja de aldeia, em South Wales, em Abril de 1945. No ano seguinte, nasceu o filhinho, Noel. Dez semanas mais tarde, Claudie voltou ao ballet, continuando sua carreira como Claudia Algeranova. Ela progrediu imensamente de 1950 para cá, mas nunca está satisfeita consigo mesma, procura sem-



Claudie Algeranova está se tornando uma das grandes “ballerinas” do bailado inglês. Ei-la em “Lago dos Cisnes” e “Gaité Parisiense”.

pre se aperfeiçoar. Seu papel favorito é “Giselle”, sua criação mais brilhante o “Pássaro Azul”, a mais poética “Chiarina”, a mais encantadora a florista de “Gaité Parisiense”. Este artigo não é somente inspirado por um entusiasmo pessoal, pois Algeranoff e Algeranova já fazem parte dos livros autorizados sobre ballet. Como por exemplo Fernau Hall, na sua obra sobre o ballet inglês: “... as magníficas “performances” de Algeranoff têm a tradição do Marinsky até a ponta dos dedos, mas também vida e riqueza provenientes do seu longo estudo do estilo de dança Kabuki, no Japão...”

O Ballet Anual, de Haskell, diz: “... Claudie Algeranova seria um tesouro em qualquer companhia...”

Quem possui esse tesouro e essa inteligência é o International Ballet, juntamente com outros valores da dança clássica. Por isto, gostaríamos de aplaudir essa companhia no Brasil, tanto para revêr Algeranoff como para conhecer a encantadora Algeranova. Mas até que o International Ballet apareça por aqui, é desejar como Shakespeare:

“When you dance, I wish you

A wave ó the sea, that you might ever do

Nothing but that...”



O CARNAVAL DA VIDA

Tira a máscara, ingrata Colombina !
Arranca o teu disfarce do ano inteiro,
Bebe, delira e baila ao teu pandeiro,
Que a vida não é mais que pantomina...

Essa inebriante orgia te alucina,
Quebrando-te os grilhões do cativoiro,
De um amor que juraste verdadeiro,
E acorrentava à minha a tua sina !

E, depois desta louca bacanal,
Metida em tua rica fantasia,
Continúa, na vida o Carnaval !

Para esconder a dor que me crucia,
Ponho a máscara, e aos Céus, contrito, imploro
Esquecer-me de ti... e soffro... e choro...

Meia-Noite, 12 - 2 - 945.

RENATO ELISIO

OS BANDEIRANTES

A Affonso de E. Taunay

Lá vêm êles ! Terçados a brilhar
pelo infinito além, passam ligerios,
Quando surgem, transborda a preamar
dos tupís e tapuias prisioneiros.

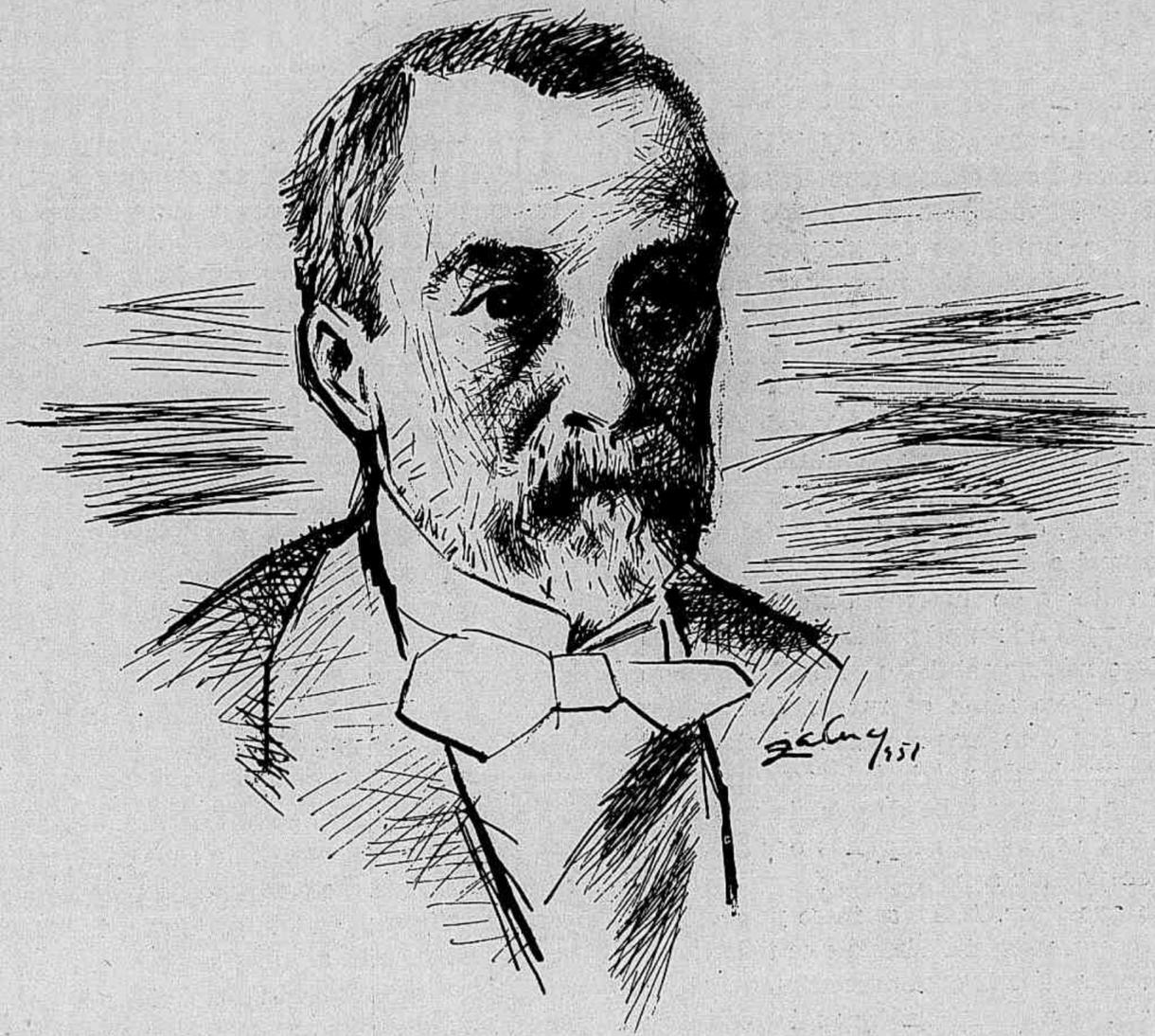
Pedreiros de esmeralda verde-mar,
montanhas de ouro e prata, os monçoeiros,
errando em febre, buscam alcançar
nas invias brenhas dos sertões mineiros.

Os bandeirantes lutam e padecem:
o sonhado e quimérico tesouro
seus olhos tão acesos não achavam.

Mas com qualquer passada que êles dessem
atrás dos indios e das minas de ouro
crescia a Pátria que seus pés pisavam.

OLAVO DANTAS





PASTEUR ESCREVE A D. PEDRO II

Por ERNESTO FEDER

Já há muito, foi publicada a correspondência de D. Pedro II com Pasteur. O soberano, apaixonadamente interessado pela luta contra a febre amarela, convidara o grande pesquisador a vir ao Brasil para organizar e fiscalizar, "in loco", a campanha contra o terrível morbus. Não pôde atender ao convite o insigne mestre. Se o tivesse aceitado, talvez tivesse antecipado de muitos anos a obra de Oswaldo Cruz.

Recentemente, na "Revue de Paris" apareceu uma carta de Pasteur que se refere ao mesmo assunto e que ainda não se conhecia. O motivo desta carta foi o seguinte: Pasteur, eleito membro da Academia Francêsa, havia feito lá o seu discurso de recepção. A este ensejo, D. Pedro que sempre estava acompanhando com o maior interesse os acontecimentos no mundo científico tinha-lhe mandado calorosas felicitações. Aproveitara o monarca essa oportunidade para, mais uma vez, exprimir-lhe o seu pesar pela sua impossibilidade de vir atacar, no próprio Brasil, a febre amarela que tanto devastava o seu Império.

Esta referência levou Pasteur a pronunciar-se, na sua resposta, pormenorizadamente sobre o assunto. É o seguinte o texto da sua carta, datada de Paris, a 7 de Julho de 1882:

"Senhor, comoveu-me sobremaneira a amável atenção de Vossa Majestade. A sua generosa apreciação do meu discurso na Academia Francêsa dão-lhe o maior valôr e agradeço-lhe com toda sinceridade.

Vossa Majestade teve ao mesmo tempo a bondade de falar-me do seu pesar por não ter eu podido ir ao Brasil estudar a febre amarela. Não imagina Vossa Majestade quanto me contrista não poder assinalar uma origem microbiana em qualquer das três grandes pestes do Oriente: a peste verdadeira, a cólera e a febre amarela. Com isso a teoria dos contágios microbianos receberia um impulso decisivo, podendo-se esperar talvez descobrir vacinas contra os novos micróbios. Em Setembro do ano passado houve no Lazareto de Pauillac, perto de Bordeaux, cinco casos de febre amarela, contraída no Senegal. Partí imediatamente para Bordeaux. Mas à minha chegada, os mortos já estavam enterrados e todos os enfermos convalescentes. Esperei outros navios de Senegal, contando que existissem novos casos. Felizmente para a humanidade, e, talvez, infelizmente, para a ciência não houve nenhum.

A meu pedido o Ministro da Marinha teve a bondade de mandar um médico da Armada, a quem eu dera algumas instruções em Bordeaux, para ir ao Senegal coligir certos líquidos de doentes e de mortos para remeter-me. Nada consegui observar de novo sobre tais produtos e atribuí isso a que o médico a que me re-

firo, o doutor Talmy, só chegou no fim da epidemia e não encontrou senão alguns casos de febre mal caracterizados, como é costume de aparecer no momento final das grandes epidemias.

Isso prova que é ao próprio foco do mal que é preciso ir para estudá-lo. Mas Vossa Majestade deve considerar que já não sou moço, (Pasteur tinha então 60 anos. E. F.) que a minha saúde é precária e que ainda por cima estou acorren-tado a pesquisas sobre outras moléstias também de grande importância. É da hidrofobia principalmente que me estou ocupando agora. O meu estudo será longo e difícil, embora menos perigoso do que se imagina. Estou resolvido a não abandoná-lo a não ser na última extremidade, depois do dia, ainda remoto, em que tiver esgotado todas as combinações experimentais a que quero submetê-la.

Tanto quanto posso entrever no texto espanhol (sic!) do autor, a tese de curso do dr. Lima e Castro está redigida no espírito das novas doutrinas cirúrgicas. Felicito-o vivamente. Desde que consiga obter-lhe a tradução, lê-la-ei com cuidado, prazer e proveito. De todos os lados, quer na medicina quer na cirurgia, afirmam-se as consequências da teoria dos germens.

Durante um ano absteve-me de comparecer às sessões da Academia de Medicina de Paris, onde, semana passa, semana entra, me via obrigado de defender a verdade contra as mais frívolas contradições, com abalo da minha saúde. Um dia mesmo certo cirurgião que pertence à Academia chegou a desafiar-me para um duelo numa sessão pública. Creio, todavia, que se me resolvesse agora a assistir de novo às sessões da dita corporação, seria recebido com deferência, mesmo por meus adversários obstinados, tanto caminhou a verdade nos últimos anos.

Não poderei terminar esta carta, Senhor, sem me permitir observar à Vossa Majestade que esse Imperador dum país remoto que toma interesse não só pelas pesquisas dos cientistas do seu Império mas também pelas dos de todos os países, oferece um justo objeto de meditação a um cidadão de uma jovem República que tem, neste momento, muitas dificuldades para mostrar a fecundidade de suas concepções.

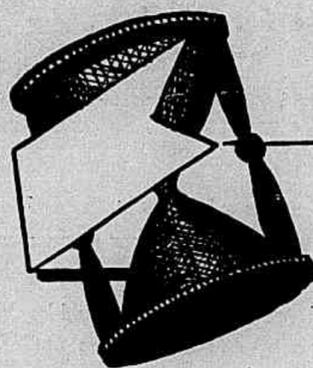
O respeitoso reconhecimento que me inspira de há muito os sentimentos de Vossa Majestade e a sua esclarecida dedicação às ciências ainda aumentou".

Quanto não nos deve comover essa carta. Abre-nos o laboratório das pesquisas pasteurianas. Revela-nos, ao mesmo tempo, as mesquinhas dos colegas que o grande pesquisador e bemfeitor da humanidade teve de aguentar.

Talvez tenha produzido um certo sorriso o fato de ter o grande francês, a cuja apreciação o soberano submetera uma tese de lingua portuguesa, considerado o espanhol o idioma do Brasil. Mas, no seu conteúdo tão simples, tão modesto e tão profundo humano, a carta terá encantado o Imperador. Foi, em suma, uma epístola que honra tanto o destinatário quanto o remetente.

Um dos acontecimentos marcantes do início deste ano foi o almoço tradicional das classes armadas, no qual falaram o Presidente da República e o ministro da Guerra. Houve quem esperasse um duelo verbal entre o chefe da Nação e o seu secretário de Estado, na suposição de que os debates travados cá fora na imprensa em torno de certos aspectos da nossa política internacional pudessem transparecer de um contraste de opiniões no seio do governo. Nada disso, entretanto, ocorreu, nem seria admissível que ocorresse, tratando-se de dois homens equilibrados como o sr. Getúlio Vargas e o general Estillac Leal. Ambos colocaram as questões tratadas, embora em termos diferentes, de acordo com a sua maneira de expressão peculiar, dentro de um único ponto de vista: o do interesse da defesa nacional em face da grave situação do mundo. E era evidente que ao primeiro magistrado e não ao ministro competisse um pronunciamento mais decisivo sobre os rumos do Brasil nos compromissos assumidos com as potências do hemisfério ocidental para salvaguarda do patrimônio comum de civilização. O sr. Getúlio Vargas sabe de ciência própria até onde vai a infiltração de elementos espúrios nos setores administrativos e há de possuir a necessária força para localizá-los no momento oportuno. Aliás, se fosse possível aceitar que o dirigente de um país não visse o que toda a gente vê, e não agisse em concordância com os sentimentos da nacionalidade vigilante, nada seria também mais fácil de entregar definitivamente os pulsos às algemas dos inimigos.

Um episódio comovente foi o da homenagem prestada no Regimento Naval ao maestro-regente Eleazar de Carvalho. Dalí saiu ele para a sua gloriosa carreira de músico. Os que outrora foram seus superiores hierárquicos na galharda corporação da nossa Marinha de Guerra receberam-no com as honras devidas ao seu mérito. E Eleazar de Carvalho confessou o orgulho do que aprendeu naquêlo ambiente onde iniciou o seu aprendizado na arte que tanto elevava. Os estímulos para a ascensão ele os obtivera no convívio daqueles bravos soldados do mar cuja filarmônica é das melhores que possuímos, com uma tradição que a coloca na primeira linha das mais perfeitas da América. Vitorioso na Europa e nos Estados Unidos, nos meios em que a cultura musical atingiu ao ponto mais alto, Eleazar de Carvalho não esqueceu a humildade da sua origem e sentiu vibrar o coração dos antigos companheiros. Desse encontro ficou uma lição esplêndida de democracia. Eleazar de Carvalho não está isolado na galeria dos valores culminantes da arte no Brasil que também vieram de berços obscuros para o sol de ouro da consagração. O seu antecessor na posse do bastão de primeiro regente, o grande Francisco Braga, formou-se na banda de música do antigo Asilo dos Meninos Desvalidos, e o mestre da paisagem na nossa pintura, o extraordinário Batista da Costa, também alçou o voo desse mesmo recinto ao qual se recolhera, pequeno e paupérrimo, aos oito anos de idade. O Estado os educou e encaminhou na vida para um destino magnífico. Isso é a democracia em ação na escolha e ascensão dos valores.



ACONTECEU EM 30 DIAS

Os jangadeiros cearenses chegaram ao Rio com a sua jangada que esteve alguns dias exposta ao público no centro da cidade. Aquêles paus com um banquinho e um mastro mostravam silenciosamente a grandeza da sua aventura. Era de fato admirável que uma embarcação daquelas pudesse vencer as ondas e os ventos e chegar ao seu destino, carregando um punhado de homens. Mas a verdade ali estava: os pescadores nordestinos saíram das praias do Ceará e vieram à capital da República, sem receio das tempestades, e repetiram pela terceira vez a mesma proeza. Deram uma prova do seu desprendimento, de seu espírito heróico. E prosseguiram rumo ao extremo sul, portadores de uma mensagem dos trabalhadores dos mares do nordeste a seus companheiros do Rio Grande. Mas os jangadeiros não trouxeram apenas o desejo de que vissemos uma cousa que sabemos de sobra, e vem a ser a sua consciência de domínio das águas brasileiras. Eles disseram que queriam ser tratados como gente pelos poderes constituídos da nação. Abandonados à sua sorte, têm necessidades e direitos que ainda não lhes foram proporcionados como manda a lei. Na profissão em que são mestres faltam-lhes os recursos que o Estado tem obrigação de fornecer-lhes. Sentinelas avançadas do nosso imenso litoral desguarnecido, marinheiros que vigiam dia e noite os mistérios do oceano, eles bem merecem que as autoridades e particularmente os que respondem pelos serviços de pesca no Brasil lhes reconheçam o direito à assistência técnica e social, o que, aliás, lhes é assegurado em teoria pela velha legislação nunca cumprida desde 1897.

Museu de Arte Moderna encontrou alojamento num barraco armado no pavimento térreo do Ministério da Educação. Para festejar a sua inauguração foram escolhidos os trabalhos que obtiveram os prêmios maiores na famosa Bienal de S. Paulo. E os que desfilaram diante dessas peças malucas, atraídos por uma propaganda que teima em considerar o povo um bando de ignorantes, saíram dali completamente desorientados quanto aos objetivos de semelhante manifestação de contrasenso. Na realidade ninguém aceita como obra de arte um amontoado de rabiscos como o quadro intitulado "Namorados num café", porque ele começa por falhar ao próprio título: nem namorados nem café aparecem. O mesmo sucede com uma natureza morta que pretende apresentar como limões umas figuras deformadas que podem ser castanhas ou aboboras. No campo da escultura vê-se um objeto equívoco de evidente intenção fescenina, recompensado como a melhor cousa exposta no certame paulista. Mas há uma verdade que precisa ser dita e repetida, pelo menos para os promotores teimosos de tais exposições de modernismo teratológico não continuem a julgar o mundo povoado de idiotas: a de que existe um trabalho subterrâneo e tenaz de desmoralização da arte autêntica, com uma finalidade puramente comercial. Os mesmos que orientam essa campanha são os primeiros a colher os seus frutos, adquirindo a preço vil o que é arte boa que eles desvalorizaram. Há muito de negócio nessa história, e negócio pouco limpo. A cidade está cheia de mercadores que vão açambarcando as telas clássicas desprezadas para revendê-las a pêso de ouro...



A Orquestra Sinfônica de Boston regida por Eleazar de Carvalho

Um estudo completo sobre a música sinfônica Norte Americana, é matéria para um livro. Vão aqui, portanto, apenas, ligeiras informações sobre a fenomenal evolução que ela sofreu nestes últimos 50 anos, bem assim os criadores das páginas musicais que, hoje, enriquecem o repertório internacional e o instrumento que lhes dá vida e torna-se possível de serem apreciadas: a orquestra. Pela declaração de August Spanuth quando em outubro de 1898 escrevia, em New York, "não existe aqui uma única sociedade musical onde um músico profissional possa trabalhar para comprar pão e manteiga", e a verificação hoje em dia da existência de mais de 200 orquestras sinfônicas, que abrigam mais de mil músicos, os quais podem manter um padrão de vida bastante elevado, com os seus salários profissionais, é fácil imaginar-se o rápido progresso que

coloca os Estados Unidos na vanguarda das nações, em todo o mundo, no setor musical, já pela organização poderosa de suas sociedades sinfônicas, já pela compreensão e colaboração do povo, pela força criadora de seus compositores, divulgação da sua música e da dos outros povos e para onde convergem os melhores artistas de todo o continente. Quando o célebre compositor e grande regente Gustav Mahler, foi convidado para assumir a direção da Orquestra Filarmônica de New York, em 1909, a sociedade já havia vencido a sua fase de experimentação, que durou 55 longos anos, eis que a verdadeira função foi realizada em 1843 e, somente em 1898, é que estabeleceu a primeira regular temporada de inverno, assim mesmo insuficiente para fornecer aos seus músicos, pão e manteiga durante o ano inteiro. Como se vê a estabilização de uma orquestra sinfônica, mesmo num país onde existem todas as facilidades, não é tarefa de improvisação e motivo para saciar vaidades pessoais ou meios para expansão de sentimentos ditatoriais, considerando que a orquestra filarmônica de New York comemora, este ano, o seu 109.º aniversário de eficiente existência.

uma organização comercial digna dos melhores êxitos. Surgiram, rapidamente, sociedades de música sinfônica, em todo o país, amparadas pelas comunidades que as mantêm, como mantêm as igrejas e, hoje, um grupo de 10 grandes orquestras sinfônicas fazem parte das melhores existentes no mundo e, algumas delas, especialmente a de Boston, tornou-se o mais perfeito instrumento de todos os tempos.

Já na própria época em que Gustav Mahler procurava fixar os destinos da Orquestra Sinfônica de New York, um nome dos mais tradicionais no país, quer socialmente e artisticamente, Leopold Damrosch, fundou a New York Symphony Society, em 1879, oferecendo uma séria concorrência à New York Philharmonic, mesmo depois de sua morte, em 1885, cuja direção foi assumida pelo seu filho Walter Damrosch, contando, então, 23 anos de idade, e, mais tarde, em 1903, transferida para Harry Harkness Flager. Enquanto isto, em 1881, surgia, em Boston, Capital do Estado de Massachusetts, um generoso Meccenas chamado Henry Lee Higginson, estabelecendo bases permanentes para a criação de uma orquestra que



MÚSICA SINFÔNICA NORTE AMERICANA

ELEAZAR DE CARVALHO - NEW-YORK, 1951

Naquela época, em 1898, a despesa da Sociedade com toda a Temporada do ano atingia a soma de 380 dólares; hoje, operando com quantia superior a um milhão de dólares, anuais, demonstra o extraordinário progresso que fez em, apenas, 50 anos. A competição e a procura do melhor, nos Estados Unidos, resultaram um aperfeiçoamento artístico e

iria-se tornar, mais tarde, o modelo de perfeição e organização, graças à eficiente direção de Serge Koussewitzky, exercida durante 25 anos consecutivos.

Theodore Thomas, um dos pioneiros da regência nos EE. UU. aceitava, em 1891, o convite para fundar uma orquestra na cidade de Chicago, a qual tomou



London Philharmonic Orchestre John Barbirolli

o seu nome, embora, mais tarde, adotasse o de Chicago Symphony Orchestra. Com a sua morte, em 1905, Frederik Stock assumiu o comando que ocupou durante longos anos.

Seguindo o exemplo de Chigaco, a cidade de Cincinnati organiza a sua orquestra, em 1898, cujo regente-fundador, Frank Van der Stuckem, implantou uma cultura eminentemente alemã, até quando, em 1909 o jovem Leopold Stokowski, abandonando o seu posto de organista da igreja de S. Bartolomeu, em New York, o substituiu, iniciando, ao mesmo tempo, uma das carreiras de regente das mais espetaculares e teatrais.

Ainda a procura do melhor foi motivo de sucesso entre as organizações e a permuta de regentes era constantemente verificada, sempre com a intenção de elevar o nível artístico de cada uma, renovar o repertório com diferentes concepções e dar ao público algo de inédito.

Stokowski permaneceu em Cincinnati, até 1912, quando se transferiu para Filadelfia; onde criou uma das 3 melhores orquestras do país, embora esta tenha sido fundada em 1900, porém, sem vida expressiva, sob a regência de Fritz Schell e mais tarde, em 1907, Carl Pohlig.

O hábito ganhava adeptos. O povo demonstrava cada vez maior interesse pela música sinfônica. Os habitantes de Minneapolis, portanto, não quiseram esperar e, em 1903, enquanto na cidade de New York, Walter Damrosch fixava definitivamente a vida de New York Symphony, apoiado pela generosidade de Harry Harkness Flagler, o regente alemão Emil Oberhoffer era convidado para assumir a direção da recém-fundada Minneapolis Symphony, onde permaneceu durante 18 anos, quando, em 1931, foi substituído por Eugene Ormandy. Este realizou um trabalho digno de admiração, o que lhe valeu o convite para substituir Stokowski, em Filadelfia, em 1936, passando o comando da orquestra de Minneapolis a Simitri Mitropoulos que, por sua vez, o passou a Dorati, a fim de assumir, juntamente com Stokowski o posto de diretor-regente da Filarmônica de New York.

Seguiram-se S. Louis, em 1907, sob a regência Max Zach. S. Francisco, em 1911, sob a regência de Henry Hadley que, no entanto, nada fez de importante, até quando, em 1915, Alfred Hertz transformou-a numa boa orquestra e, mais tarde, em 1935, o famoso regente francês Piere Monteux, colocou-a entre as 6 principais orquestras do País.

Não obstante a primeira guerra mundial trazer embaraços ao desenvolvimento da cultura musical, alheia às brigas dos aristocratas, mais 3 importantes orquestras foram fundadas durante o período referido. Foram: a *Cleveland Orchestra* que surgiu, em 1918, sob a regência de Nikolai Sokoloff, o qual foi substituído, em 1933, por Arthur Rodzinski, onde permaneceu até 1943, quando passou o comando a Erich Leinsdorf.

Nesta época, Rodzinski foi assumir a direção de orquestra Filarmônica de New York e Leinsdorf, convocado para o serviço militar, foi forçado a abandonar tão importante posição que ficou acéfala durante algum tempo, até quando, em 1946, George Szell foi convidado para exercê-la permanentemente. A *Detroit Symphony* estabelecida em 1918, sob a direção musical de Ossip Gabrilowitsch que, embora não sendo um virtuose da regência, conseguiu fixar um nível artístico apreciável em Detroit, até quando, substituído, em 1936, pelo regente de óperas italianas, Franco Ghione, todo o seu trabalho foi inutilizado. Ghione, mesmo que tenha sido um bom regente de óperas, foi, no entanto, um verdadeiro fracasso em Detroit, colocando a orquestra local num plano de inferioríssima qualidade, situação que, felizmente, durou, apenas, dois anos. Foi substituído por Karl Krueger que, embora tenha melhorado um pouco o nível artístico da referida orquestra, graças às facilidades financeiras que encontrou, não conseguiu também, até hoje, desenvolver uma evolução capaz de torná-la uma orquestra de primeira classe até quando, em 1949, foi dissolvida definitivamente. Veio depois a Los Angeles Philharmonic, em 1919, fundada por William Andrews Clark Jr., onde permaneceu até 1934, data em que faleceu. Walter Henry Bothwell, Emil Oberhoffex, George Schneevoigt, Artur Rodzinski e Otto Klemperer foram, sucessivamente, os regentes que se sucederam na direção da referida orquestra. Hoje o seu regente é Alfred Wallenstein, o primeiro americano

nato a assumir o comando de uma das grandes orquestras do país.

A primeira guerra, além das consequências que trouxe ao desenvolvimento da música sinfônica americana, criou, por sua vez, certos impecilhos, de ordem artística, às orquestras então existentes.

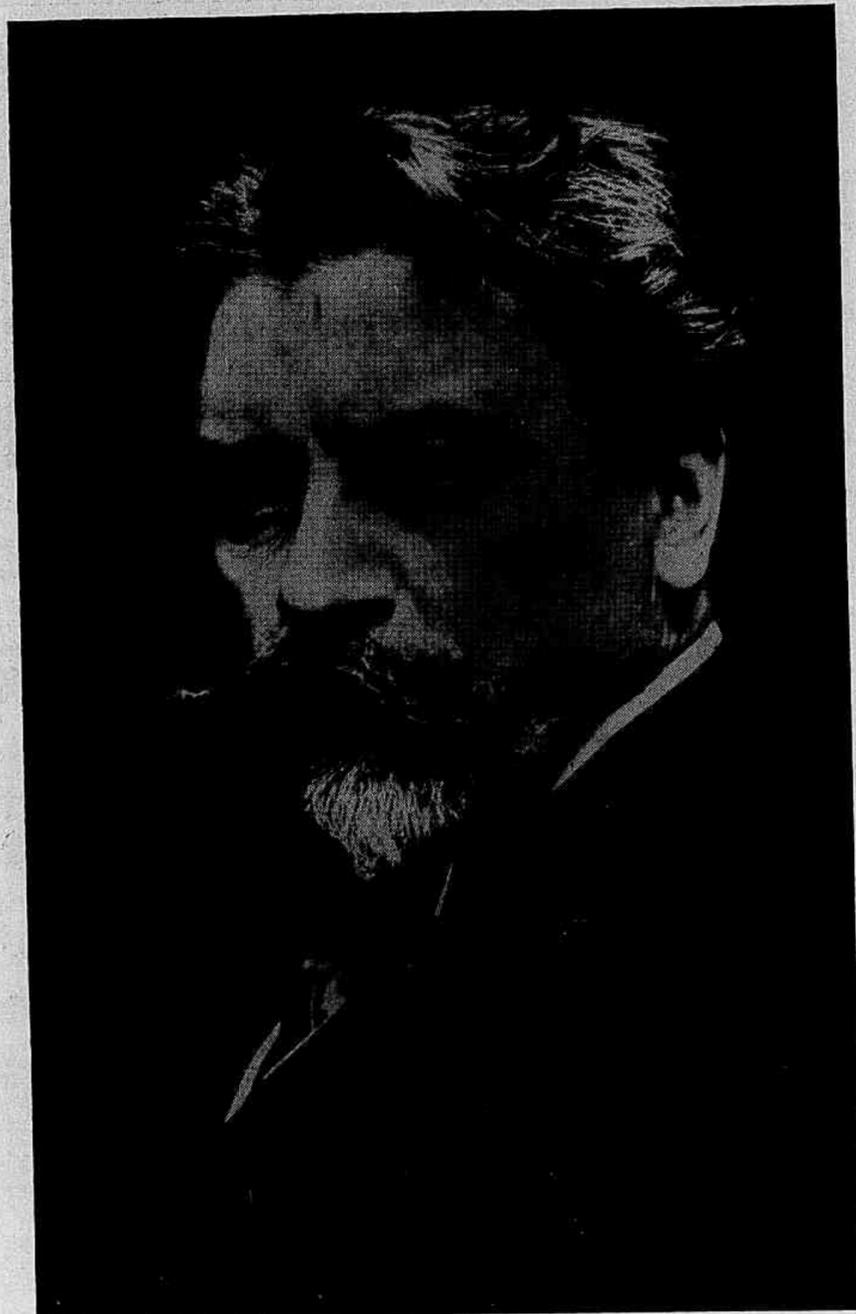
Ernst Kunwald, que havia substituído Leopold Stokowski na direção da orquestra de Cincinnati, em 1912, e Karl Muck, regente da Orquestra de Boston, acusados de espionagem, foram internados numa penitenciária, em Atlanta, como "inimigos estrangeiros. Frederick Stock, embora poupado da penitenciária, foi convidado a ceder a direção da orquestra de Chigaco, posto que exercia desde 1891, ao seu assistente Eric Delamarter porque, mesmo não sendo inimigo, o "estilo técnico" era eminentemente Alemão e, destarte, pernicioso ao meio, providências que, de qualquer modo, influíram na rutura da linha de desenvolvimento artístico que vinham impondo nas orquestras onde eram eficientes diretores.

Passada a guerra, os EE. UU. continuaram a plantar a semente de uma civilização musical que iria ser a mais respeitada, produtiva e perfeita. Muitos pequenos conjuntos foram sendo fundados em todos os recantos do País sempre com as mesmas sadias intenções de servir à comunidade e auxiliar a educação do povo, num setor dos mais delicados, estéticos e sublimados.

Destas, as mais importantes, foram, sem dúvida, a National Symphony Orchestra, fundada por Hans Kindler, em 1931, em Washington — D. C.; a de Pittsburgh, de Kansas, City, Dallas, Seattle, Houston, Baltimore, e muitas outras.

As sementes plantadas há 100 anos passados, já haviam germinado e se tornado árvores, produzindo flores e frutos. Tremendos descen-

Arthur Nikisch



volvimentos eram verificados com a participação de eminentes Mestres da batuta, os quais estudavam, diariamente, meios de evolução para os seus conjuntos, tornando-se cada dia mais e mais perfeitos.

Em New York, a orquestra filarmônica, assumiu proporções gigantescas. Do ponto de vista financeiro, evoluía de um orçamento de 51.603 dollars verificado em 1898, para um de mais de um milhão, em 1949. Por igual, se naquele ano executava apenas 16 concertos por temporada, neste, o total se eleva a cerca de 150. Do ponto de vista artístico a evolução não foi menor. Gustav Mahler, Willem Mengelberg, Molinari, Toscanini, são nomes que dispensam comentários, eis que, reconhecidos como maravilhosos interpretes, impuseram, em New York, uma tradição musical das mais qualificativas, cujo ponto culminante foi atingido durante o período — Toscanini, talvez o mais glorioso da história da veterana orquestra. Infelizmente, John Barbirolli que o sucedeu, em 1936, não pôde manter o nível estabelecido pelo mais velho dos regentes vivos e cedeu o seu posto a Arthur Rodzinski, que o ocupou até 1947, quando se transferiu para Chicago.

A evolução dos conjuntos orquestrais se processou rapidamente obedecendo a um fenômeno misto, oriundo da colaboração e compreensão do povo e da disciplina técnica imposta pela competência dos seus diretores. Se, em New York, nomes dos mais célebres e expressivos passaram pelo púlpito da regência, não menos expressivos e célebres foram os que passaram por Boston.

Willelm Gericke; -- o primeiro regente da Sinfônica de Boston — Arthur Nikish, em 1893; Karl Muck, Pierre Monteaux, Koussevitzk, deixaram em Boston o marco de uma sábia experiência, especialmente durante o período Koussevitzky — o mais profundo, eficiente e glorioso capítulo da história da orquestra de Boston.

Seus antecessores, verdade é contudo dizer-se, prepararam-lhe sólidos alicerces, que ficariam entretanto inutilizados se um hábil e inspirado arquiteto como foi Koussivitzky não soubesse edificar um dos mais belos edifícios sonoros, conside-



Hans Kindler, ex-regente da National Symphony Orchestra

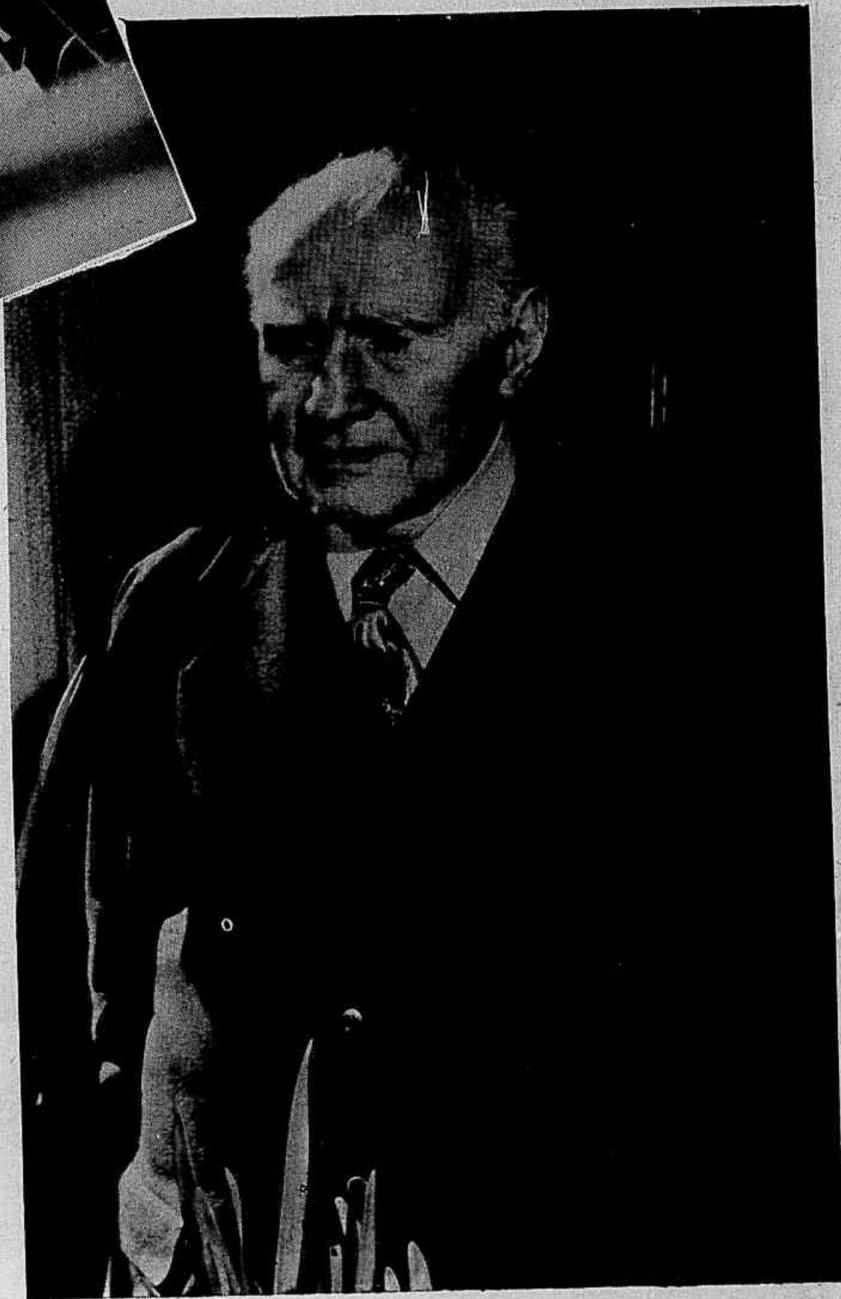


Toscanini regendo a N. B. C. Symphony Orchestra (Orquestra Sinfônica do Rádio N. B. C.).

rado o melhor dos nossos dias e o mais perfeito de todos os tempos. Já em 1898 as repetidas visitas da orquestra de Boston a New York, eram motivo de exemplo e estímulo ao conjunto local, August Spanuth — célebre crítico musical da época — escrevendo: "Nikish e Anton Seidl têm-nos demonstrado algo de muito importante sobre o poder de um regente. Eles têm-nos ensinado a apreciar diferentes e individuais concepções, ao lado de execuções expressivas e emocionantes", demonstrava uma independência produtiva aliada a uma franqueza profissional, que se tornou, mais tarde, prejudicial ao regente local, devido às suas conclusões: "New York já está cansada do convencionalismo de Theodore Thomas."

Este convencionalismo, classificado de "Tradição alemã", encontrava apóio, no entanto, em diferentes cidades onde, na sua maioria os regentes eram alemães. Com a aparição de Stokowski, em 1912, a "Tradição" foi abandonada e, em Filadélfia, uma nova técnica de execução era estabelecida, na qual, a preocupação da

Walter Damrosch, ex-diretor da New York Philharmonic Orchestra.





New York Philharmonic Orquestra regida por Arthur Rodzinski.

qualidade de som, o matizamento equitativo de expressão, revelaram uma exteriorização a utilização dos acentos rítmicos como meios diferente da usual. A expressão sonórica substituiu a rigidez rítmica e uma qualitativa execução, mais expressiva e mais emotiva, tomava o lugar das sonoridades secas dos instrumentos de então. Com a chegada de Serge Koussevitzky, em Boston, em 1925, tudo foi completado. Possuidor de um gosto educadíssimo e aristocrático, o genial regente implantou em Boston a mesma técnica que Stokowsky adotava em Filadelfia, sem contudo imitá-lo, e em proporções mais amplas, mais líricas, mais profundas e eficientes. Conhecedor dos diferentes estilos, criou uma sonoridade própria, quer para as obras de Bach, Beethoven, Brams ou Berlioz, como para as de Tschaikowsky, Debussy, Strawinsky ou Schoeneberg.

Hoje em dia tôdas, ou quase tôdas as orquestras do país, se enquadram direta ou indiretamente na escola de Koussevitzky; os menores detalhes são observados para uma execução perfeita que, por sua vez, requer a participação de musicistas virtuosos, os quais devem tocar em conjunto, com a mesma concepção exigida para um solista.

* * *

Concomitantemente com a evolução das orquestras no país, o gosto e a preferência do povo, também se desenvolvia.

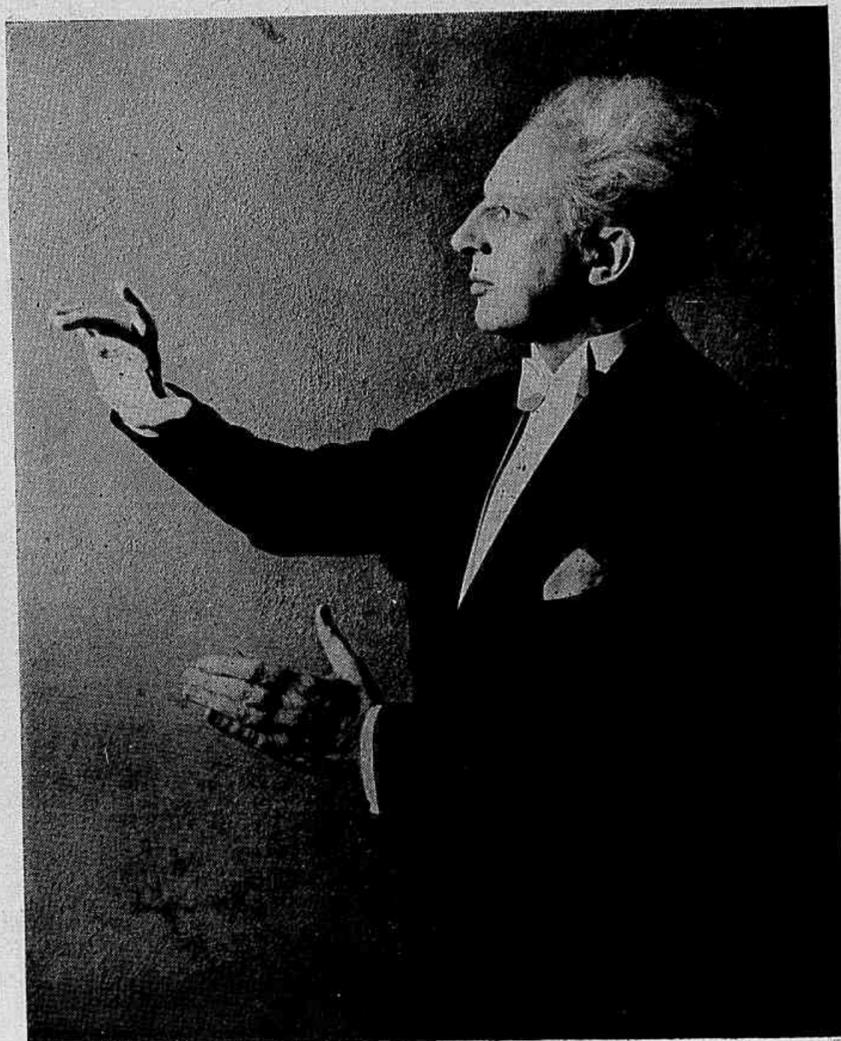
Se no começo do século, uma elite muitíssimo reduzida demonstrava, por uma obrigação social, interesse pela música de conjunto, hoje em dia, multidões de 50 mil pessoas, viajam de um Estado para outro, a fim de assistir, numa noite de verão, ao ar livre, um concerto dedicado a Beethoven ou a Brahms.

Da California vêm caravanas para os festivais de Berkshire e daí vão outras tantas para os concertos de Hollywood Bowl, em Los Angeles.

O interesse pela música de conjunto, portanto, foi se aperfeiçoando, até chegar à aceitação de um solista, mais fácil de ser entendido devido à qualidades técnicas do virtuose e aos concertos de música de camera. No começo do século, o público se interessava mais pelos espetáculos de óperas, sem duvida, o gênero musical mais acessível, de-



Theodoro Thomas



Leopoldo Stokowsky



Serge Koussevitzky à frente da O. S. B. na noite em que foi executada a 9.ª Sinfonia de Beethoven.

vido à pompa de sua apresentação, onde a vista auxilia grandemente a compreensão e o aparato das indumentárias, aliado aos gestos dos cantores, atraem os ouvintes menos avisados.

A invasão da cultura Européia, em todos os sentidos, foi fator de grande importância. A instalação dos museus de Arte, abrindo suas portas à pintura, especialmente aos Mestres Italianos da Renascença a adoção do estilo gótico e clássico, pelos arquitetos de então, por exemplo, abriram novas perspectivas aos povos do Novo Continente. A Arte Italiana, a arquitetura francesa, a música sinfônica alemã, o bailado russo, a ópera francesa e italiana, tudo isto, invadiu o continente e encontrou franca acolhida e compreensão.

O gosto do povo, estava, já em 1870, voltado para a ópera francesa, eis que a ópera italiana, introduzida no país, em 1852, começava a perder adeptos. Em 1900, no entanto, com a nomeação do empresário italiano Gatti Casazza, para o cargo de "Manager" do Metropolitan Opera House, em New York, voltou a ópera italiana aos seus áureos tempos, principalmente, devido à importação dos grandes cantores da Pátria de Verdi, que, nessa época, dominaram completamente o mercado lírico.

Enquanto isto, a visita de Paderewski, Hofmann, Pachmann e Rosenthal, eleva o setor pianístico a um nível de virtuosística perfeição, transmitindo ao público as belezas estéticas da literatura do teclado.

As sociedades sinfônicas viram-se obrigadas a importar regentes de grandes nomeadas e a organizarem-se, profissionalmente, a fim de atender às exigências do constante desenvolvimento do gosto do público.

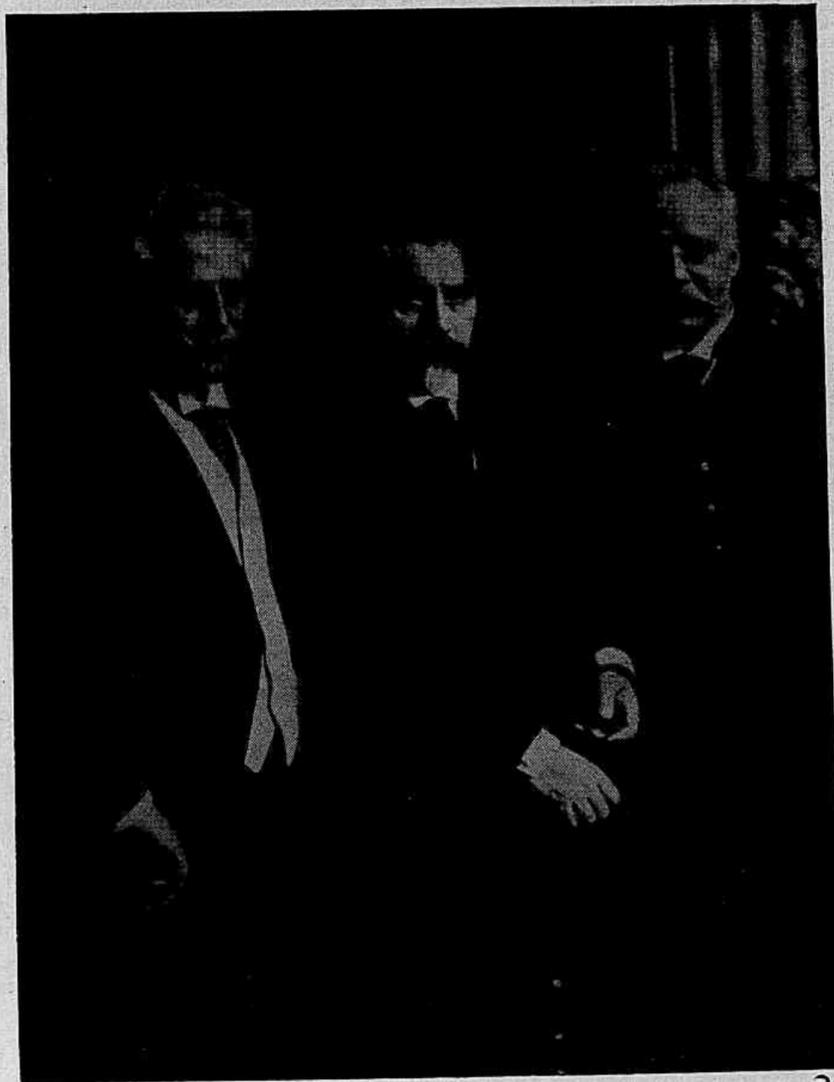
O interesse tornava-se maior, e, não somente os interpretes e creadores se transportavam para o Norte do novo Mundo, como a indústria instrumental se instalava nas principais cidades, competindo com a local iniciante, e o povo passou a ter pianos fabricados na própria América, de marca Steinway, Baldwin, Knabe, Weber, Chickering, etc.

Wilhelm Gericke, Karl Muck, Theodore Thomas, Leopold Damrosch, Frederick Stock, Artur Nikisch, Ernst Kunwald, Frank Van der Stucken, Emil Paur, Carlo Pohlig, Emil Oberhoffer, Mengelberg, Molinari Toscanini, Koussevitzky, Ormandi, Szell, Mitropoulos, Rodzinsky, Pierre Monteux, Demandi, Bruno Walter, e muitos outros, são nomes estrangeiros que edificaram a cultura musical sinfônica nos EE. UU. e, ainda hoje, o país sem o menor sentimento racial, no setor artístico, continua, braços abertos, abrigando todos aqueles que lhes podem levar algo de uma contribuição cultural e artística.

Dois nomes, no entanto, se destacam entre os outros. *Walter Damrosch* — como pioneiro do ensino musical nas Escolas. O primeiro a utilizar a arte musical como educação cívica e artística e *Serge Koussevitzky* o introdutor da música americana, escrita por compositores americanos. Prestigiando os compositores nascidos no começo deste século, incentivando e desenvolvendo o talento da geração contemporânea, foi e é um dos principais responsáveis pela evolução do gosto do povo pela música erudita, já agora, com uma linguagem nacional e moderna, a caminho da completa libertação das influências alienígenas.

E hoje, os EE. UU. já contam com um grupo de compositores nacionais os quais figuram nos programas de concertos sinfônicos de todo o mundo, destacando-se, entre outros: Samuel Barber, Ernest Bloch, Harry Burleigh, John Carpenter, Aaron Copland, David Diamond, Howard Hanson, Roy Harris, Gian-Carlo Menotti, Douglas Moore, William Schumann, Virgil Thomson, Peter Mene, Leonard Bernstein, e muitos outros.

Os 3 maiores regentes do século antes de Toscanini. (Da esquerda para a direita) Segfried — Arthur Nikisch e Max Fiedler.





foi aclamado por grande multidão. É que ele deixava ali, naquêla rincão da terra mineira uma tradição que se tornaria imortal, pela nobreza e retidão com que desempenhou os seus mistérios de magistrado.

Em 1830 foi nomeado presidente da Província de São Paulo. Nêsse posto, Aureliano assistiu o desenrolar dos acontecimentos que agitavam a política brasileira e que haveriam de culminar com o golpe popular-militar do 7 de abril. Com a abdicação de Pedro I, os horizontes se turvaram ameaçadoramente. Tinha-se a impressão de que o país inteiro, desgovernado, iria se entregar, sem resistências, ao terror da anarquia e aos horrores de uma guerra civil, com o desmembramento das suas Províncias e a quebra da sua unidade. A Regência encontrou na energia de Feijó a salvação do Império. O grande sacerdote, na pasta da Justiça, apoiado por Luis Alves de Lima e Silva, combatia vigorosamente a onda de dissolução que se atirava turbilhante sobre o Brasil.

Aureliano, que já exercera os cargos de juiz de orfãos, intendente geral da Polícia e desembargador da Corte de Relação, apoiou a ação de Feijó E quando este, forçado pelas circunstâncias, levado pelos fatos que se sucederam e do qual foi o maior de todos o caso da tutoria de José Bonifácio, acusado de conspirar pela restauração do reinado de Pedro I, abandonou a pasta da Justiça, Aureliano foi chamado a ocupá-la. "Era essa a quadra em que se achavam nas altas esferas da política os interesses mais desencontrados e infrenes, onde tudo presagiava a próxima dissolução da hierarquia brasileira. Aniquilou o polvo revolucionário que estendia os braços de Norte a Sul e derrocou impassível e friamente, todos os embaraços até conseguir o escopo desejado." (2).

Aureliano, entretanto, não procedeu como um desposta, nessa emergência. Sem prejuízo da sua autoridade, sem desmerecer do conceito e da confiança que nêle depositava a Regência, procurou agir como se fosse o antigo juiz de São João del Rei. "Nêle se sentia — diz Pedro Calmon — o misticismo pascalino da ordem e da paz." Mas, foi implacável na repressão à desordem. Acrescenta Pedro Calmon: "Onde quer que perigasse a ordem pública, lá se achava êle, em meio à milícia, enchendo com o vulto gigantesco as arcadas dos quarteis, atropelando nas ruas os transeuntes com a passada veloz, oscilando nos passos e nos gestos e sempre doce o ti-

era trabalhar para ser colocado no poder o filho de Pedro I. Os políticos filiados a esse Clube, com a aquiescência do marquês de Itanhaem, tutor do jovem rei, traçavam os rumos da conspiração que iria acabar com a política das Regências.

A 23 de julho de 1840, Pedro II era aclamado, entre as maiores demonstrações de júbilo, imperador do Brasil. Triunfara o Clube da Joana. O novo monarca organiza seu primeiro Ministério: Império, Antonio Carlos; Justiça, Lizio de Abreu; Fazenda, Martin Francisco; Estrangeiros, Aureliano Coutinho; Marinha, Holanda Cavalcanti; Guerra, Paulo Albuquerque.

Antonio Carlos e Aureliano são as duas figuras maiores do Ministério. Não havendo ainda, por esse tempo, a chefia do Gabinete, travou-se entre os dois eminentes homens públicos surda luta de bastidores. Aureliano venceu. Assim é que a 1 de maio de 1841, o Imperador demite o Ministério e incumbiu o futuro Visconde de Sepetiba de organizar um outro.

No seu livro "O Conselheiro Furtado" o conselheiro Tito Franco escreveu: "Ainda ressoavam os vivas da festa e já o governo pessoal se inaugurava com a nomeação do chefe da facção áulica, Sr. Aureliano Coutinho, para ministro dos Negócios Estrangeiros". A essa afirmação, D. Pedro II anotou no exemplar que possuía: "Dava-me com Aureliano; estimava-o pelas suas qualidades, porém, não o impus como ministro, nem começando então a governar com menos de quinze anos fazia questão de ministros. Sairam dentre os que me fizeram maior."

Eunápio Deiró observa que "Aureliano pôde desempenhar no Brasil o papel de Lord Bute na Inglaterra de Jorge III, governador por trás dos bastidores." Mas, apesar de atacado pelos políticos da época, Aureliano continuou a exercer notável influência na vida partidária do Brasil.

Em 1843, exerce a presidência da Província do Rio de Janeiro. Nêsse posto, logo mudou a feição conservadora da Província, tornando-a liberal, demitindo empregados daquela situação política, de sorte que, nas novas eleições, nem um só conservador conseguiu ser eleito. (3) Petrópolis é fundação sua, com o dr. Koeler e o conselheiro Paulo Barbosa. Senador do Império pela Província de Alagoas, partidário da imigração de colonos alemães, liberal extremado, homem de bem e de fortaleza de espírito, "a sombra considerável do seu corpo forte projetava-se nos destinos do Império como se fôra uma montanha inabalável e imensa." (4) Os Ministérios de 44 e 48 sentiram a sua influência irresistível. Acusado de chefe da "facção áulica", ninguém se achou com forças

UM GRANDE ESTADISTA DO IMPÉRIO

AURELIANO DE SOUZA E OLIVEIRA COUTINHO

(VISCONDE DE SEPETIBA)

Belo elogio de Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, visconde de Sepetiba, escreveu Pedro Cunha, nesta frase: "Tivera o Brasil nas mãos. Mas as retirara puras e brancas. Não as mancharam nem o azinhare dos peculatos, nem o sangue dos inocentes..." Estadistas que viveram momentos de esplendor, homem de cultura e de inteligência, Aureliano dispôs de um vasto prestígio, de uma influência poderosa que o tornaram um verdadeiro árbitro das situações políticas da época. "Democrata sincero e puro, sereno e calmo no entusiasmo das suas vitórias, nas dôres da derrota das suas patrióticas ambições, ante a injúria que seus adversários lhe atiravam aos pés, eis Aureliano." (1)

Nasceu Aureliano na Província do Rio de Janeiro a 21 de julho de 1800. Os albores do século XIX, século da Independência, viram se abrir para o mundo os olhos daquêle que seria, mais tarde, um dos mais notáveis estadistas do Império. Serviu-lhe de berço a paróquia de Itaipú, município de Praia Grande, hoje cidade de Niterói. Depois de estudar no Seminário de São José e de cursar a Academia Militar, seguiu para Coimbra, em cuja Universidade se formou em Direito. Regressando ao Brasil, em 1825, foi Aureliano nomeado juiz de fora de São João del Rei e ouvidor de Ouro Preto.

Nessas funções, o caráter do jovem brasileiro logo se revelou: íntegro e puro. Ficou conhecido em Minas Gerais como o "juiz reto". Quando partiu de São João del Rei para seguir outros destinos, Aureliano

tão da legalidade na Regência que sôbre Feijó tem o merecimento imenso de haver vivido 1832 e 1843." Coube-lhe fazer aquilo que Feijó não conseguira: a destituição de José Bonifácio da tutela de Pedro II. "Conseguimos derrubar o colosso" dizia êle em carta a pessoa das suas relações. Combateu valorosamente os "Caramurus". Enfrentou todas as sedições, todas as veleidades dos restauradores e à sua indomável coragem deve, sem dúvida, o Império a grande argamassa que solidificou os seus alicerces abalados. Bernardo Pereira de Vasconcelos, seu inimigo irredutível, fizera-lhe o elogio com estas palavras: "O nome do sr. Aureliano está gravado na base da monarquia."

Ainda como ministro, Aureliano desenvolveu grande atividade nos serviços públicos. São suas obras a Casa de Correção, o Monte Socôrro, a Companhia de Ônibus, o Montepio dos Servidores do Estado etc. Recusou, posteriormente, a Regência. Não o seduzia o posto supremo que Feijó ocupava e que Araujo Lima aceitara em substituição ao padre paulista, para entregá-lo, depois, a um rei de quinze anos.

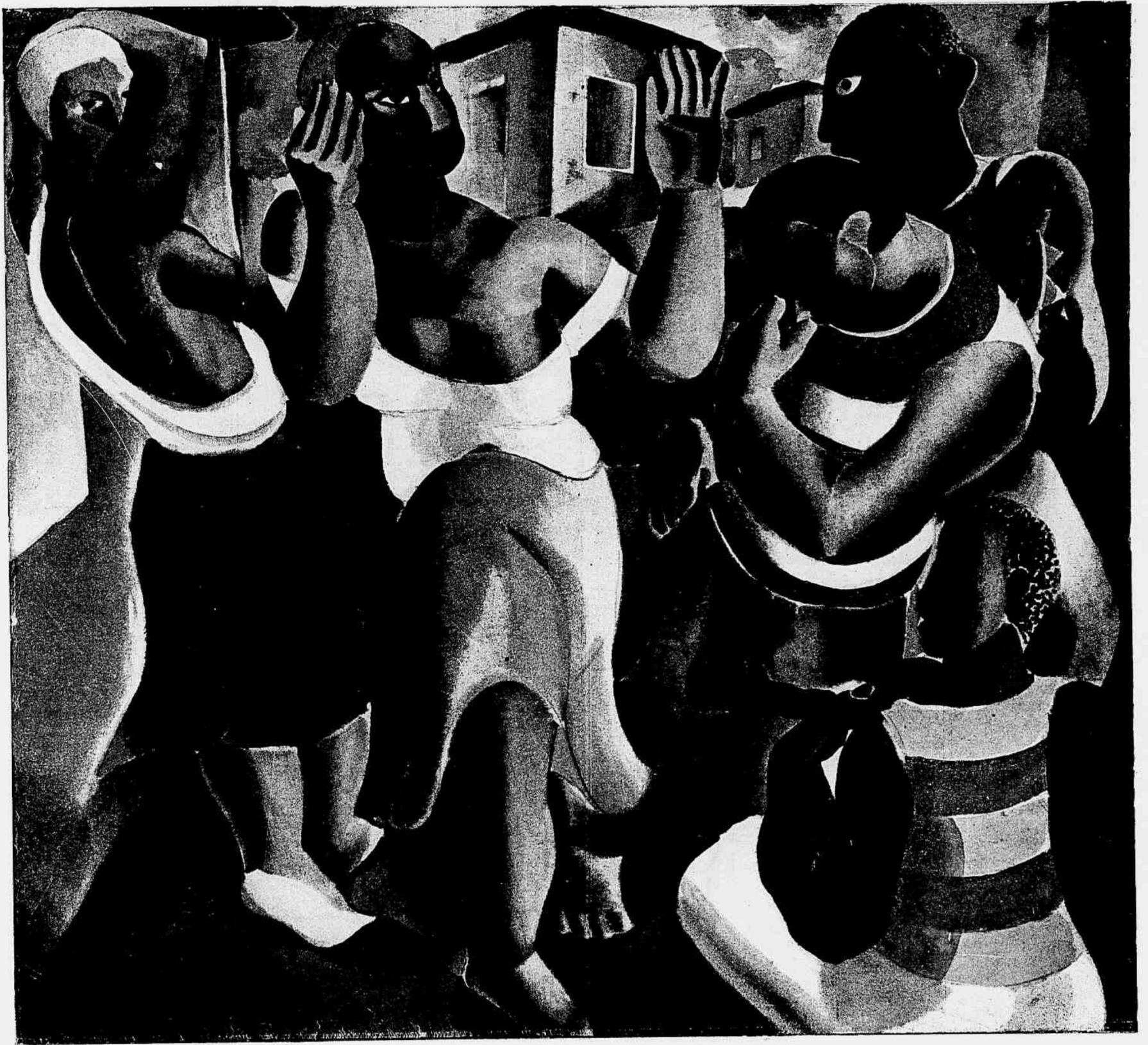
Aureliano olhava os fatos e previa os desenlaces. Por isso a causa da maioria teve nêle um dos mais fervorosos adeptos. Fundado o Clube da Joana, exerceu grande influência nessa entidade, cujo objetivo

para derrubá-lo. Teve defeitos políticos, sem dúvida, mas sôbre êsses defeitos pairavam os valores magníficos da sua formação moral, que foram, de fato, os redutos invioláveis da sua grandeza. "Os pecadilhos das suas manobras políticas, diz Edmundo da Luz Pinto, não lhe hão de diminuir o perfil, destinado a avultar com o tempo, juiz inexorável que, na história de um dia depois do outro, firma o julgamento da posteridade."

Agraciado com o título de Visconde de Sepetiba, Grande do Império, conselheiro fidalgo da Imperial Câmara, dignatário de várias ordens, vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, deixou uma tradição gloriosa na história do Império. Faleceu a 25 de setembro de 1855. Morreu pobre "como Camões, embora a faiscarem no seu peito desdobrado as Grã-Cruzes nacionais e estrangeiras, que eram graças humildes de soberanos seus admiradores..."

- 1) — "Seleta Brasileira" — J. M. Vasconcelos.
- 2) — *idem idem*.
- 3) — "Biografia de Brasileiros ilustres" — Padre Galanti.
- 4) — "O Visconde de Sepetiba" — Pedro Calmon.

A M É R I C O P A L H A



SAMBA

Téla de Di CALVACANTE

O CAMINHO DO SER

E. VITOR VISCONTI

Construímos um conhecimento fragmentário como o que conseguimos aprender da Natureza com os nossos sentidos limitados e com a elaboração intelectual. Conhecimento feito de sínteses relativas, sujeitas a constante renovação, mas que não nos dão a totalidade do processo do real em sua continuidade indivisível.

Há momentos em que sentimos superar essas limitações e chegamos a vislumbrar a possibilidade de atingir a totalidade do processo do Real, como estado intraduzível e irreduzível a termos da lógica. Mas apenas nos debruçamos sobre o abismo do incognoscível recuamos para encastelar-nos nos velhos hábitos mentais, as grandes palavras do velho racionalismo: casualidade, finalidade, liberdade, finito, infinito, nómeno, fenômeno, etc...

Esses fantasmas do velho culturalismo abstrato entorpecem o impulso para o ser e tornam impossível sentir a vida em seu dinamismo interno contínuo e indiviso. Ah! como nos tornar fogo e dança?...

Temos de admitir em nós algo mais do que a inteligência finita, intelectualista, algo que constroi essa cousa esplêndida que é o olho humano, esse algo capaz de prever a finalidade de cada órgão e creá-lo coordenando uma tremenda complexidade de elementos, numa precisão que jamais atingiram os aparelhos criados pela inteligência científica. Esse algo que chamariamos instinto, que nossa inteligência não percebe e talvez seja idêntico ao mesmo princípio que rege os minerais e as plantas. Esse princípio poderoso que supera a inteligência em sua ação e deve superar o conflito do "eu" e do "não-eu", objetivo e subjetivo, intelectual e empírico, nele reside por certo o conhecimento do processo contínuo do real, o segredo da unidade dos contrários, a suprema verdade. Será mera coincidência ou acidental predominio de forças o equilíbrio dos astros com suas prodigiosas relações matemáticas? Que dizer das construções maravilhosas dos cristais, do prodígio da clorofila e da reprodução dos vegetais?

Impossível seria segundo nossos hábitos mentais seccionar a existência, classificar seus fragmentos e submetê-los a leis, por isso a existência pode ser esclarecida, mas não compreendida e traduzida para outrem.

Em vão buscaremos o ser numa especiosa metodologia psicológica como fazem os filósofos existencialistas ou nas especulações estereis da velha lógica que tem obstruído a mente humana com símbolos abstratos que jamais traduzem a realidade. Nossos momentos interiores captados, quando já rolaram no passado, graças à memória, são fragmentos mortos com os quais construímos a consciência de nossa existência e na realidade tem forma de conhecimento empírico embora já mediatizados pela elaboração mental.

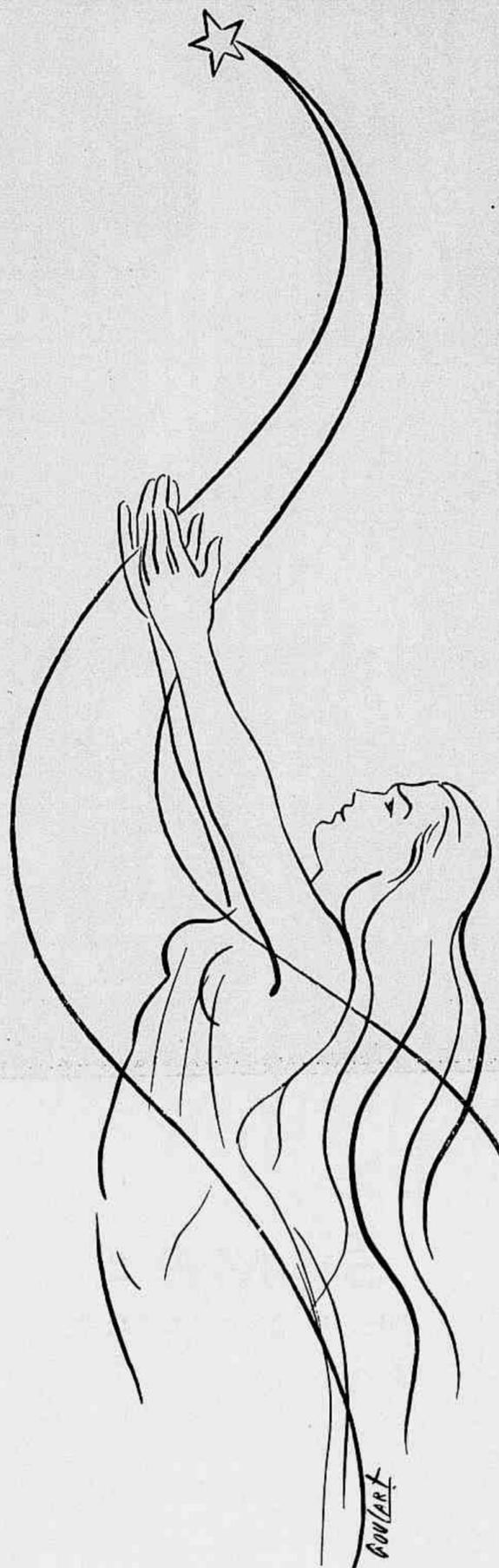
Devemos integrar-nos no ser da experiência e nunca colocar-nos como um espectador a analisar atos e estados psicológicos que a cada instante rolam no passado. É preciso viver a experiência. Esse estar no mundo deve superar o psicologismo. Eu e não-eu não são cousas juxtapostas, como as necessidades da reflexão nos leva a crer. São uma interdependência dialética.

O presente é "ser eu", numa integração com a atividade, nesse momento infinitesimal, se pudessemos determinar o ponto entre o passado e o futuro, superamos o tempo e o espaço e chegamos à completa união com a vida.

Para que nos aproximemos desse estado, deveremos dar uma vassourada em nossas mentes, apagar as grandes palavras vazias da velha cultura e sentir a natureza despreocupadamente, agindo segundo nossos

impulsos para atingir ao estado de plenitude e de verdade.

Quando nos projetamos no mundo e nos confundimos com a soma dos atos realizados somos levados à separatividade e quando nos voltamos para o ser sentimos a totalidade. Daí a angústia entre fundir-se no Todo e afirmar-se como nosso eu. O ser em si quer ser ele, mas isso seria estagná-lo, assim a pluralidade de substâncias, como compartimentos estanques, o monadismo não explicaria o ser. O ser quer comunicar-se, quer ser um em-si e um em outro, mas esse outro é ele mesmo, é como que um refletir-se de existência a existência, de igual a igual, sem subordinação e sem anulação do eu em si. É um estado



dialético de unidade na pluralidade, logo o monismo não seria a solução do problema.

No plano relativo, o ser do outro que se apresenta como uma forma externa entre as cousas nos parece uma degradação do ser. E ~~anda degradação~~ há quando o outro localiza a nossa forma como cousa.

A superação dos opostos eu e não-eu nos levaria a fusão de todos os existentes no Todo. Daí a esperança de vencer os vários insucessos para a realização do ser em sua Totalidade. Eis o sentido da vida. Pelo ser individual deparamos com o Todo, superando unidade e pluralidade.

O caminho da realização é a busca de si mesmo, do próprio ser, e o amor aos outros seres, como seres realmente. Assim somente chegaremos ao estado de superação do conflito de Ser e Não-Ser, eu e não-eu.

Ao depararmos com outro homem vemos que tem um corpo como o nosso e que por analogia terá um "em-se" com o nosso. Então traímos os outros no desejo de conhecer-lhes o ser. Por sua vez os supomos que o possuem melhor do que nós. Daí o culto pelos grandes homens e amor ao Cristo.

Eis porque o místico devocional no seu estado de religiosidade contemplativa e o artista apaixonado por sua obra revelam melhor o ser do que o filósofo atulhado de ideias gastas, de vícios mentais, que o impedem de viver a vida em toda sua intensidade.

Mesmo agindo com uma finalidade predefinida, nos afastamos da ação pura em si.

Impossível seria pensar a existência, mas a faculdade de pensar é existencial. Nunca chegaremos à existência gradativamente. Ela vive em nós aos saltos. Não há pois método de realização progressiva. Deve haver é maior ou menor permanência na integração com a Existência. Eu me crio em cada ato, na exteriorização de cada possibilidade do ser. Contudo devo ponderar: termine-la criado a mim mesmo? serei algo infinito e eterno que não tem consciência de sua totalidade?

Devemos agir por impulsos, mas, atuando por impulsos, podemos estar influenciados pelo subconsciente e necessidades instintivas. Quem sabe se nos habituarmos a atuar por impulsos e criticarmos constantemente as nossas limitações e as imposições do meio não chegaremos a liberar a ação e possivelmente atingiremos ao ato não condicionado culturalmente.

Talvez esse caminho que para muitos se apresenta como a libertação perigosa e exclusiva dos instintos, que por vezes são violentos, para outros significa a possibilidade de revelação do ser em sua profundidade total. É possível que ele nos leve a um estado de intuição pura em que o Cosmo se manifestará em nós e agiremos em harmonia com as infinitas possibilidades criadoras da vida universal. Os desvios que se verificarem não terão importância. A Natureza sempre corrige os seus erros. Ademais de todos os "singulares dotados de vitalidade o homem é o único que pretende dirigir o seu destino e é destruído por forças imponderáveis que não pode controlar.

Como admiro a loucura dos místicos a ingenuidade dos brutos e rio-me do orgulho dos sábios.

Deixemos fluir em nós a vida. Ela realizará o seu trabalho e seremos o que deveremos ser. Saibamos viver e morrer sem problemas, sem angústia, na aceitação do momento que passa e certo de que algo novo começa e os acontecimentos rolam no passado a cada instante e já não nos afetam. Realizaremos a harmonia com o Cosmo. Se conseguirmos conquistar esse estado de União com o Real, é possível que descubramos

(Continúa no fim do número)



Edifício da Biblioteca e Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, estilo clássico, construído entre 1928 e 1930.

E' um pouco do passado, belo repou-
sante e nobre passado, que ergue
as severas paredes côr de rosa, en-
tre o borbórinho tão comercial da
rua Larga.

E' inevitável a comparação entre dois dos
mais belos edifícios públicos — o atua-
líssimo, funcionalíssimo Ministério da
Educação, que tornou famoso Oscar Nie-
meyer e o bellissimo néo clássico italiano
do também não menos funcional Palácio
do Itamarati.

Vindo do tráfego desvairado das ruas, os
largos corredores, as paredes grossas, os
tetos altos, o calmo e repouante pateo
central, com as suas filas hieraticas de
palmeiras e a graça alva dos cisnes des-
lisando nas águas são um convite a amor-
tecer os passos e a voz, a suavizar as ma-
neiras e o espirito. Há nada de mais
"funcional" para abrigar um Ministério
das Relações Exteriores, isto é, o lar da
diplomacia?

Foi outrora residencia particular — e que
bemaventurados deviam ser os séres ca-
pazes de construir para si próprios e para
o seu particular conforto um repouante e
magnífico palácio como aquele!

Há várias versões — como em tôdas as
histórias interessantes — sobre quem foi
o seu arquiteto. De certo, o que há de
mais provável é que fosse discípulo de
Grandjean de Montigny, que deixou tantas
mascas de seu talento na meiga São Se-
bastião do Rio de Janeiro, do meio do ou-
tro século.

Foi dessa época — 1851 — a sua constru-
ção, pelo segundo Barão de Itamarati, nu-
ma das artérias mais largas do Rio antigo,
chamada com justeza a Rua Larga de São
Joaquim.

Dizem — e é versão patrocinada por Vale
Cabral, consciencioso investigador da his-
tória fluminense; no seu "Guia do Viajante
no Rio de Janeiro, de 1822, que a planta do
Itamarati teria vindo da França. Outros

ainda atribuem a obra ao arquiteto brasi-
leiro José Maria Jacinto Rebelo.

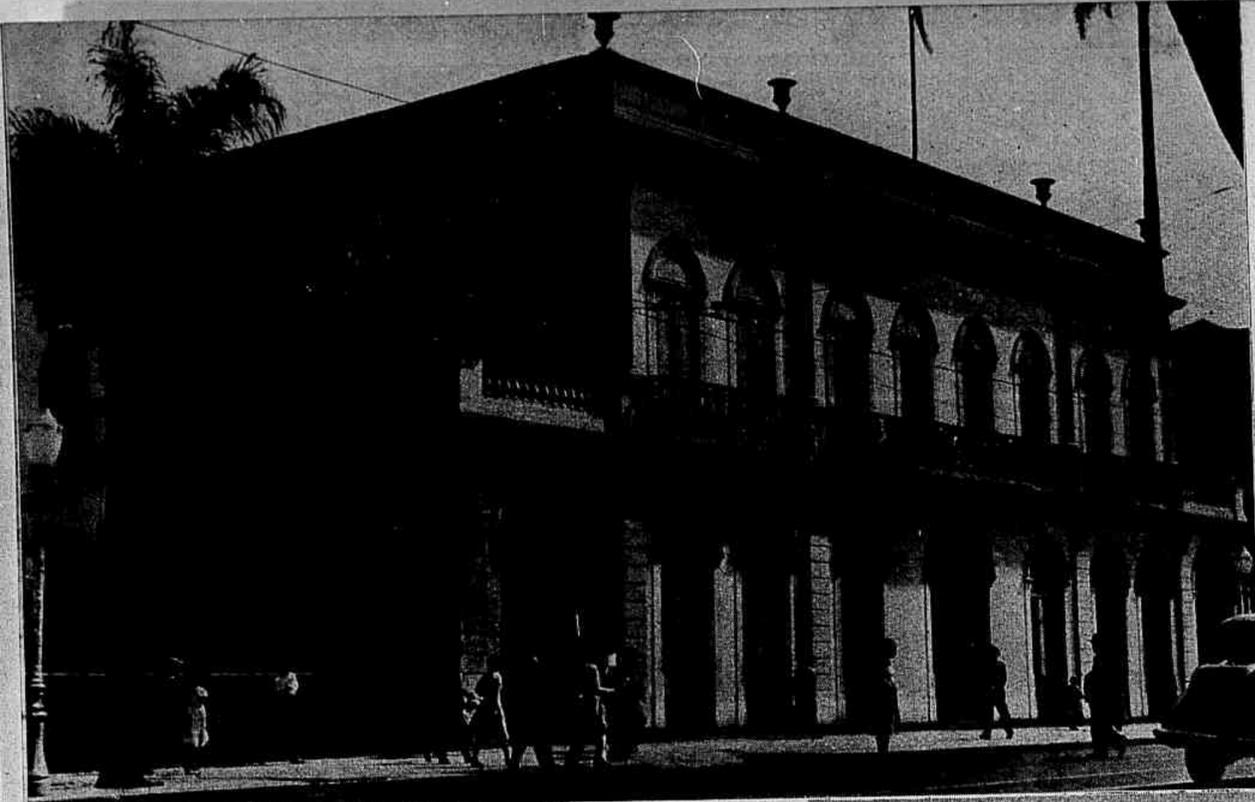
Mas há uma outra versão e é a conservada
pela tradição de família, de que a residen-
cia senhorial e autentica obra prima ar-
quitetônica seja devida a um simples mes-
tre de obras português, sob a orientação e
inspiração do próprio Barão de Itamarati.
E ainda hoje que a cidade cresceu e en-
feiou, tantas vezes, derrubando as velhas
chácaras, arrazando paredões e velhos so-
lares de belas linhas coloniais, podemos
imaginar como não seria bela e descansa-
da, sem trilhos de bonde e desvairamento
de ônibus a zigzaguear-lhe pela frente,
sem a invasão do pequeno comércio sem
beleza, a casa côr de rosa, flanqueada pe-
los terraços com balaustrada de lioz.

A planta do Palácio, harmoniosa e simé-
trica, refletia a época, o gosto do bem vi-
ver, a aristocracia tranquila que plantava
os seus salões e estendia o verde das suas
chácaras sem medo de despertar rancores
ou invejas perigosas.



A CASA DE RIO BRANCO

"A CASA ROSADA" EM QUE SE ABRIGA O NOSSO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES.
— NUM TEMPO EM QUE SE SABIA MORAR — NÉO-CLÁSSICO ITALIANO e PEDRA DE LIÓZ.
— "A CASA DO MENINO DE OURO" — A SALA ONDE FALECEU O BARÃO DO RIO BRANCO.
— BAILE RESPLANDESCENTE, QUE CELEBRAVA A TERMINAÇÃO DA GUERRA DO PARAGUAI.



Fachada principal do Palácio Itamarati.

Com os seus salões dispostos ao redor da escadaria principal coroada por uma cúpula graciosa, o palácio prestava-se para as recepções suntuosas, e contudo não ficou o Itamarati ligado à tradição das grandes festas do tempo do Império.

Só de um grande, suntuoso e resplendente baile ficou notícia nas velhas crônicas: a festa que celebrava a feliz terminação da guerra do Paraguai e em que pela primeira vez brilham como deviam as sedas, adamsadas das paredes, os cristais facetados dos lustres refletidos no brilho severo dos jacarandás negros.

E transcrevemos, para dar maior sabor à narrativa, trecho de um cronista social da época, o do "Jornal do Comércio":

"O palacete apresentava aspecto deslumbrante. Os dois terraços laterais brilhavam com numerosos bicos de gás e, visto das janelas do fundo, o jardim oferecia uma das mais deliciosas vistas que se podem imaginar. Repuxos, estátuas, montes de arbustos estavam, simetricamente, iluminados com luzes de côres, que se estendiam a perder de vista, formando como o fundo de um quadro em cujo principal plano se levantara uma espécie de acampamento... As 10 horas da noite começou

pesada de jacarandá, misteriosa e cheia de segredos, as palzagens de um Brasil que já se acabou olhando o Brasil de hoje, das telas de Franz Post.

Nem a irreverência dos sambas da orquestra e o arranjo ousado das plantas e frutas brasileiras, nos florões de Burle Marx, conseguem afastar de todos os velhos fantasmas. Sentimos um pouco do passado, dos grandes vultos que por ali passaram, dos graves cruciantes problemas da nossa Pátria que preocuparam céretros privilegiados, em passadas sem fim de noites de vigília pelos longos corredores.

*

"Casa do Menino de Ouro" também chamado o velho Palácio. É a tradição oral,



Salão Guarani

o baile, dansando a primeira quadrilha o Conde d'Eu com a Baronesa de Itamarati".

É ainda um pouco desse passado que podemos surpreender, nas grandes noites de gala em que ainda se iluminam os velhos salões.

Na madrugada velha, quando as salas se esvaziam, fiquemos no terraço, com uma última taça de "champagne" na mão a olhar a graça simétrica das nobres paredes refletidas nas águas quietas do tanque, o vulto esguio das palmeiras, o colorido dos salões acesos, a silhueta de uma arca

registrada por Escagnole Dória, em crônica intitulada "O Primeiro Itamarati". Restabelecidos os enfermos de doenças graves, iam pagar as promessas feitas nas horas aflitas, oferecendo a intuições pias o peso do corpo em metais preciosos.

Assim fez o primeiro Barão, quando de uma doença seria na meninice do filho. O fato ficou em memória do povo e o apelido da casa guardou a tradição: "Casa do Menino de Ouro".

Mas "A Casa do Menino de Ouro" viria, com o andar do tempo, a transformar-se em sede da Presidência da República.

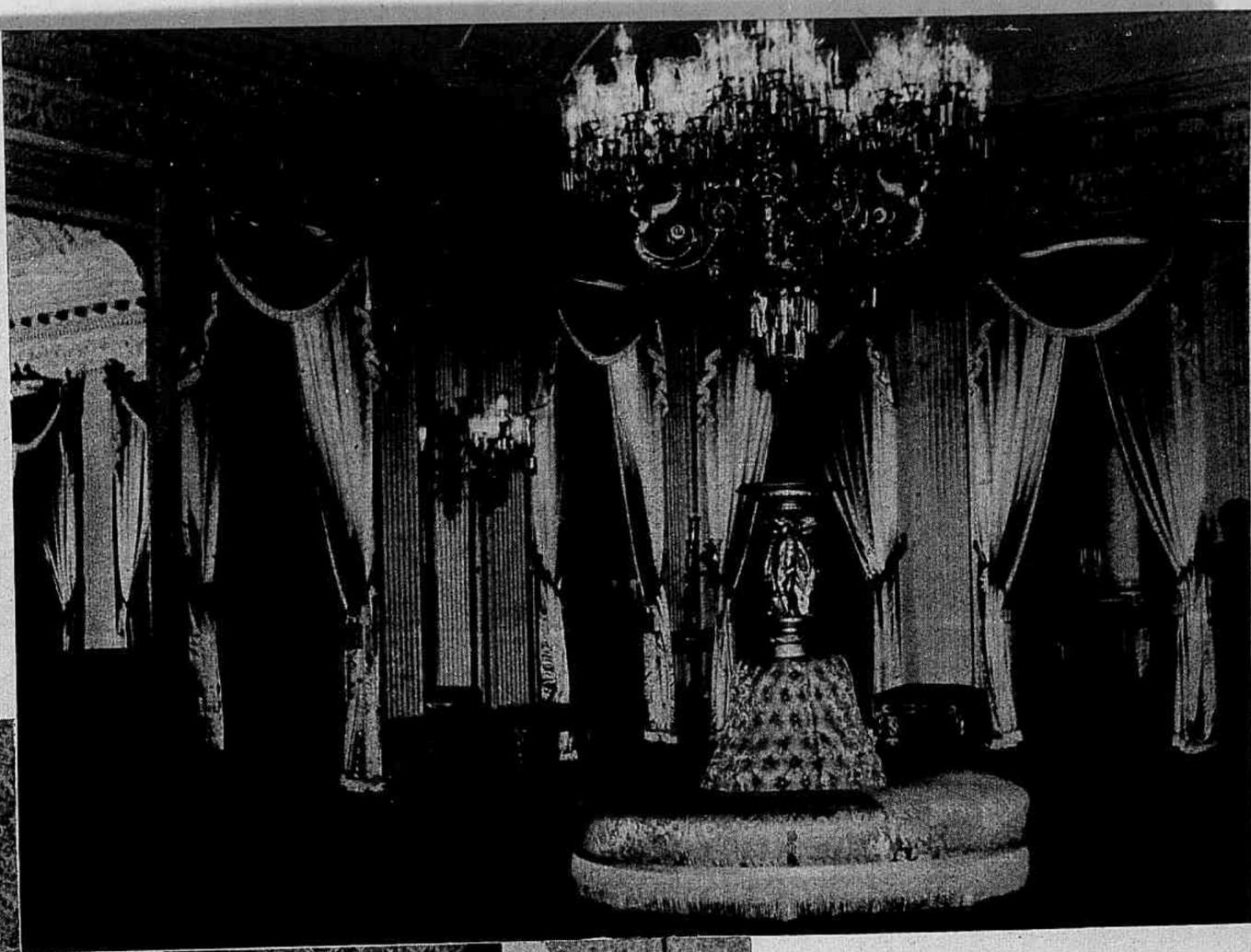
A 23 de dezembro de 1889 comprou-o, para sede da Presidência, o Governo Provisório da República à Marquês de Itamarati. Doente e mal acomodado no antigo Hotel Vista Alegre, de Santa Tereza, Deodoro deliberou adquirir para a Presidência a casa da Marquesa e, ao escolhê-la dentre tantas outras que lhe foram oferecidas, além da beleza e suntuosidade do Palácio, também deve ter influido no espírito de nosso Primeiro Presidente o fato de já ter residido no bairro e a ele se afeiçoado.



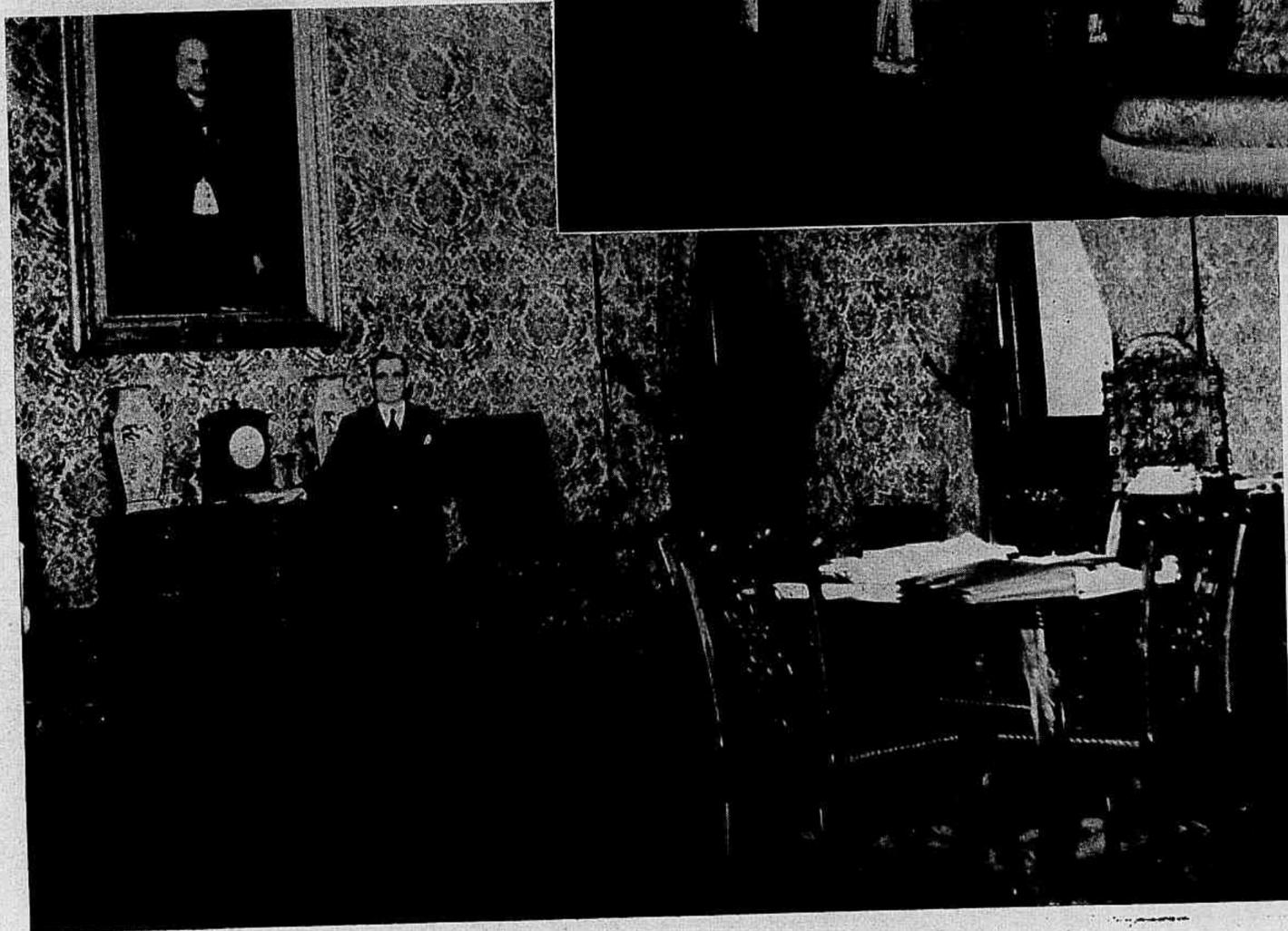
O Ministro João Neves da Fontoura, despachando no seu gabinete de trabalho.

E é daí em diante que o velho casarão entra para a História. Nele se desenrolaram graves acontecimentos, discussões importantes e sérias decisões do novo regime. Ali se realizaram as discussões preparatórias da nova Constituição; decretos capitais lá foram assinados.

E só em junho de 1897 foi o Itamarati cedido ao Ministério das Relações Exteriores. Mas é só em dezembro de 1902 que a casa terá o seu período aureo, que lhe vale ser chamada até hoje de "Casa de Rio Branco", com a posse do grande brasileiro no cargo de Ministro das Relações Exteriores.



Aspecto magestoso do Salão de Baile, ricamente estucado, de estilo imperial.



O Gabinete do Ministro

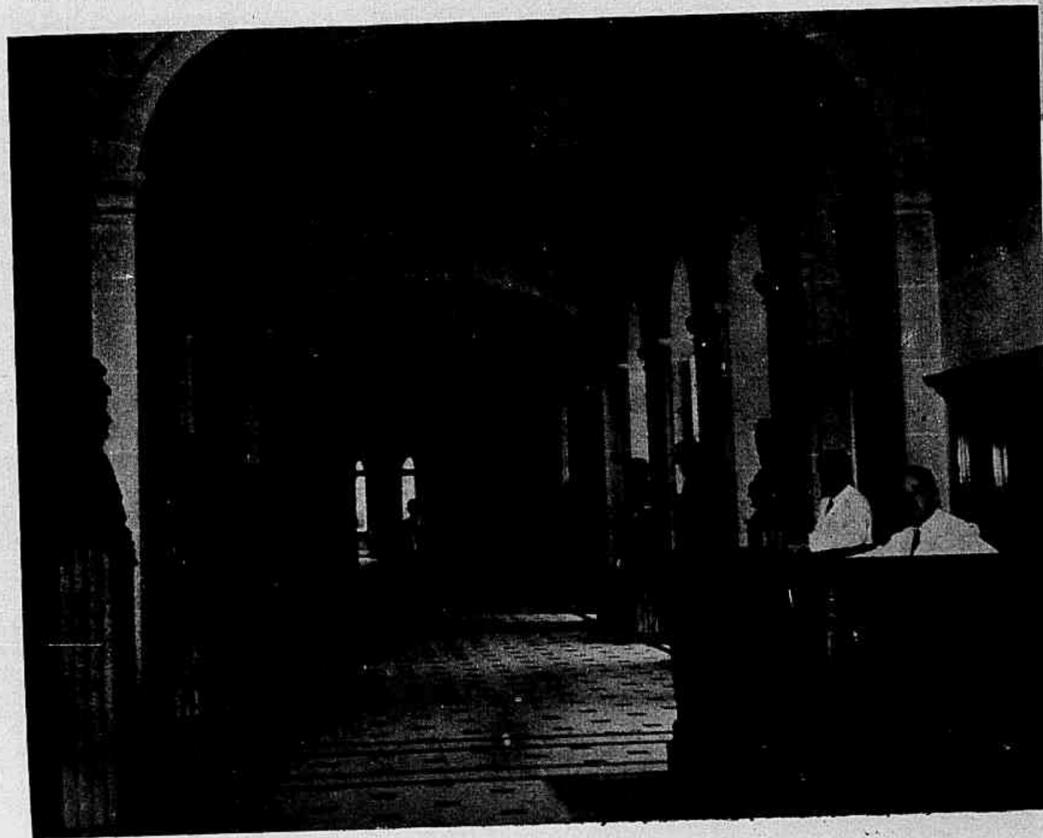
um pedaço de paz e de passado, com os seus corredores onde os passos se amansam e as suas tapeçarias que atafam o estridor do mundo lá fóra, de que só chegam, suavizados pelas paredes grossas, o barulho das campainhas, das buzinas enlouquecidas, do vozerio dos "camelots" na rua Larga...

Ai se reavivariam as tradições e o prestígio continental da Chancelaria brasileira com a figura impar daquele diplomata que ainda hoje é o paradigma de todos os outros — o Barão do Rio Branco. Constróem-se novas alas, redecoram-se os salões, lustres, cristais e porcelanas são incorporados ao seu patrimônio, tapetes preciosos estendem-se pelo chão.

Ai, no velho palácio que tanto amou e enriqueceu, morrerá um dia, na mesa e na sala de trabalho, o lutador infatigável que deixará o seu nome imperecivelmente ligado à História do seu país. A 10 de Fevereiro de 1912, junto à grande mesa de jacarandá Dom João V em que escreveu febrilmente por noites longas de vigília falece José Maria da Silva Paranhos. E até hoje, rolados os anos, é ainda conhecido o velho Palácio como "a casa de Rio Branco".

Cresceu em tórno a ela a cidade e as suas palmeiras de quietas ramas foram agitadas pelos ventos vários das estações que se sucediam. Da chácara que se estendia, verde e senhorial, foram aos poucos cortando o chão. Os arranha-céus avançam, desgraçados, às vezes, nas suas estruturas cinzentas de cimento armado, projetando para o alto à cidade que já não cabia no seu chão. Mudaram os tempos, agitaram-se as ruas e o mundo é hoje a casa grego-romana de mármore, colunatas e pedra de líoz(com os seus jacarandás e Aubussons, com os seus lustres e as suas porcelanas assinadas é um museu habitado, a relíquia de um mundo que já acabou,

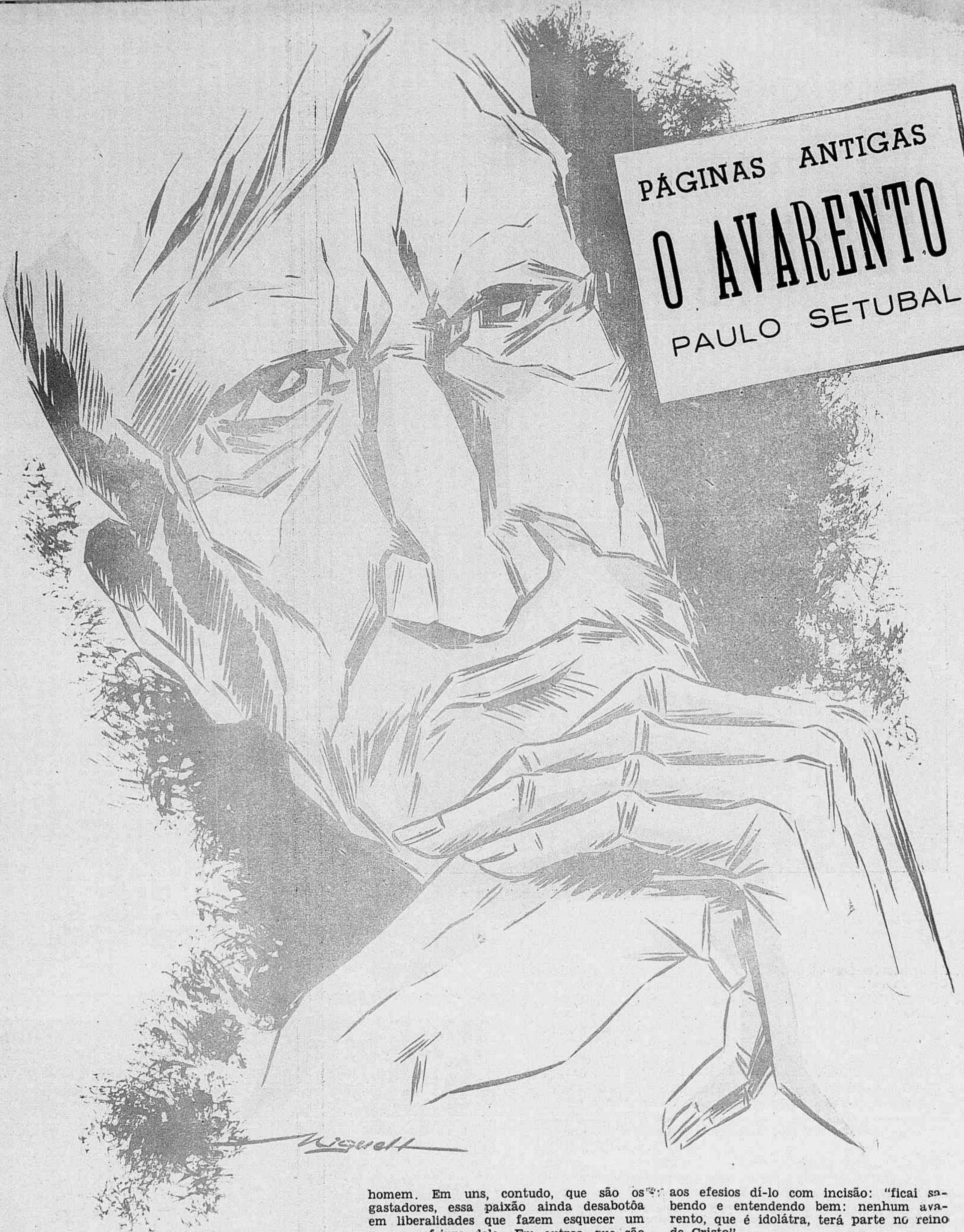
Portaria e entrada lateral do Palácio Itamarati



PÁGINAS ANTIGAS

O AVARENTO

PAULO SETUBAL



Dinheiro... Há os que buscam o dinheiro para o gastar; há os que buscam o dinheiro para guardar. Em ambos, é certo, a mesma paixão esterilizante. Paixão vil e profundamente terrena. A mais ressecadora paixão entre as paixões que aguilhoam o coração do

homem. Em uns, contudo, que são os gastadores, essa paixão ainda desabotôa em liberalidades que fazem esquecer um pouco a feiura dela. Em outros, que são os avarentos, ela descamba em uma sordícia que é repugnante e odiosa. Não há nada, só o sol, tão asqueroso, como um avarento. Nada. E' êle, entre os carunchos que se arrastam sôbre a crosta lodosa dessa nossa miserável terra, a casta de carunchos mais nauseantes. E' gente que não verá jamais a face de Deus. Jamais. O Apóstolo Paulo, na epístola

aos efesios di-lo com incisão: "ficei sabendo e entendendo bem: nenhum avarento, que é idôlâtra, terá parte no reino de Cristo".

Eu conheci alguns avarentos na minha vida. De um deles, muito em particular, guardei na lembrança um episódio que não esqueci jamais. Episódio que marca bem o ponto de vileza a que se despenha um homem agarrado bestialmente ao seu dinheiro. Deu-se o caso, exatamente, na minha viagem de retôrno a São Paulo. Fricipiára-se a esse tempo (mas muito

raramente ainda), a fazer, de automóvel, o percurso entre Lages e Florianópolis. Três dias de viagem. Ah, se me lembro... Três dias que não acabavam mais, a subir e a descer morros, tendo diante dos olhos uns panoramas deslumbradores, é verdade, mas tendo debaixo do automóvel a estrada mais sinuosa e a mais burocrática do mundo inteiro, sobre a qual ia a gente socada, pilada, arremessada de tal jeito que, meu Deus, ao desembarcar um cristão em Florianópolis, lá se via o desgraçado com os fundilhos em cacos, mais morto do que vivo, a berrar por uma boa salmoura. Nós havíamos fretado um automóvel para aquela travessia. Nós, quero dizer — eu, um estancieiro e um comprador de gado com a mulher. Cada um de nós, combinamos ao partir, pagaria os gastos de um dos dias da viagem. Ao estancieiro coube pagar os do segundo dia. E esse dia foi trágico. Era Junho. Chovêra toda a noite anterior. A estrada tornara-se um barreiro pegajoso e exasperante. Mas nós nos botamos destemerosamente a caminho. Viajamos o dia inteiro por entre dificuldades desesperadoras. E desce aqui, e empurra o automóvel ali, e ajuda acolá a mudar o pneumático, e bota mais além as correntes nas rodas... Um inferno. A tarde, seriam cinco horas, caía um chuvisqueiro tedioso. Lusco-fusco. O chauffeur quis acender os faróis do automóvel. Os faróis não acenderam. A lombra, que começáramos a galgar, tinha dois agoniantes palmos de barro mole. Iamos devagar, angustiados, as rodas do carro rasgando a custo aquele barro. E o chuvisqueiro a tombar, implacável. Um chuvisqueiro enervante e gelado. Sobretudo, gelado. Pois fazia um frio de mil diabos, aquele aspero frio do sul, enregelante, entanguecedor, que entrava até a medula dos ossos. E eis que escureceu de todo. Noite preta. Em que altura estavam nós? Não sabíamos ao certo. Nem sabíamos como encontrar pouso. Pouso onde? em que lugar? E o chuvisqueiro tombando, e o frio, e a noite preta em derredor. Vai senão quando, em meio à dura subida, justamente no mais íngreme da rampa, pára de subito o motor. Bonito! E agora? Agora não havia mais o que hesitar: era meter o pé no tijuco e investir pela estrada afóra. Foi o que fizemos. E toca a subir o morro. Toca a subir, a subir. Duas horas de marcha penosíssima. Que não daria-mos nós, àquela hora, para topar com um pouso? Não havia preço, realmente, por mais alto, que refugassemos pagar, naquele instante, por um telheiro que nos abrigasse. Bem se pôde avaliar, pois não é preciso acentuar, o jubilo e o alívio do nosso "olhem lá! luz!" com que festejamos o aparecimento de abençoada luzita que tremeluzia ao longe. A luzita não ficava à beira da estrada que seguíamos. Carecia, para alcançá-la, quebrar a marcha e enveredar por umas terras a dentro. Pulamos, sem hesitar, a cerca de arame do caminho, enveredamos por um pasto encharcado de água, e, transidos, literalmente desfeitos, batemos à porta do rancho. Era um rancho miserável. Mas para nós, no nosso desbarato, aquele rancho era um palácio dourado. Couso tombada do céu. Sentimos todos, ao transpôr-lhe a soleira, um bem estar físico, um conforto, uma voluptua corporal inesquecível, deleitosa. Até que enfim estávamos debaixo de um telheiro onde havia luz! E bem pouca cousa, na verdade, além de telheiro e luz, havia naquele esburacado rancho de sapé. Os moradores dele, um casal de *agregados*, eram uns caboclos em mulambos, peludos, selvagens que viviam naquele fim de mundo, como bichos, dentro daquela palhoça lazarada que uma estância distante lhes cedêra. Ah, o sertão do Brasil... Esse sertão que os que vivem nas grandes cidades asfaltadas, furadas de arranha-céus, nem sequer imaginam que exista. Nada fala mais nitidamente da miséria que anda por esse hin-

terland brasileiro afóra, do que a miséria em que viviam aquele marido e aquela mulher. Eles eram a indigência viva. Havia apenas ali, dentro daquelas paredes esfumeadas, com riqueza total, o colchão rôto em que dormiam, um monte de palhas de milho a um canto, e, sobre carunchoso cavalete, uns arreios amarfanhados e gastos. Nós não comíamos desde pela manhã. Estávamos estropiados e com imensa fome. Mas, naquele rancho, digo um naco de carne, mas um só ovo comer o que? Não achamos ali, já não que fosse, um bocado sequer de farinha seca. Nada, nada. Apenas a mulher (com uma boa vontade enternecedora, coitada, envergonhada por não ter cousa alguma, pedindo mil desculpas) correu à cosinha, arremeçou no cuia um punhado de erva mofada e velha, preparou o amargo e trouxe-nos, muito solícita, a cuia e a chaleira de água fervendo. Bebemos aquela choca água, esverdeada e quente. Foi porém, naquele instante, grande festa para os nossos estômagos enregelados o chimarrão detestável. Tratamos de nos acomodar. Os caboclos — bondosa gente, generosa gente, desditosa gente! — tiveram para conosco liberalidades rasgadas. Deram-nos o seu palácio, e, com tocante abundância de coração, entregaram-nos hospitaleiramente, grandiosamente, tudo quanto nele havia. Foi assim que o boiadeiro e a mulher se instalaram como nababos no colchão rôto dos caicaras; o estancieiro se aninhou no monte de palhas e nos baixeiros dos arreios, e eu, enrolado na minha capa de borracha, me aboleti como pude em cima de dois pelegozinhos esfarrapados. Estávamos molhados e exaustos. Dormimos regaladamente como em leito de plumas. Os caicaras não se deitaram. Deitar aonde? Eles nos haviam dado tudo. Ficaram-se por ali, rondando o fogo, atiçando-o, para que pudessem os viajeros (como diziam) "dormir no quente". E passaram ambos a noite em claro, os pobres diabos. Madrugadinho, escuro ainda, o homem saiu para o pasto com um cabresto na mão, pegou o matungo e, em pelo, lá partiu aos trotes não sei para onde. Voltou com um canecão de leite, pó de café, umas colheradas de assucar mascavo, três tigelinhas de louça. A mulher preparou às pressas um café-com-leite. Oh, aquele café-com-leite, depois daquela noite, naquele rancho abrigador! *Que te carmine dicam?* Com que poema eu te cantarei, café-com-leite inesquecido, café-com-leite adoçado com açúcar mascavo, pretejado com café ralíssimo, e, no entanto, o mais delicioso, o mais saboroso, o mais gostoso café-com-leite que já bebi na minha vida inteira. Para que a nossa felicidade fosse perfeita (merecíamos bem, depois daquela noite sinistra, uma compensação) eis que, em meio à festa com que sorviamos a beberagem, ronca lá em baixo, na estrada, o motor barulhento do automóvel. O chauffeur, que dormira nele, lograra botá-lo em condições de partir. Tratamos logo de deixar o rancho. Foi quando o estancieiro a quem incumbia pagar as despesas, chamou o caicara a fim de regular contas. Esperei-o por um momento. E ouvi isto:

— Então quanto é a pousada, moço?
— Quanto é a pousada? Nossa... então a gente vai cobrá de vancê uma dormida no rancho? Não fale nisso, sior. A gente é pobre, veve aqui no mato, não tem nada, mas o rancho tá aberto prá quem quizé.
— Assim não serve, não, moço. Veja o quanto lhe devo. Eu quero pagar.
— Não tem que pagar nadá nada, sior. Pagá o que? Vancê nem fale nisso que vancê até avexa a gente...

Então aquele estancieiro, que era homem já velhusco, alto e magro, com uns olhos impressionantemente parados, aquele estancieiro que possuía nada mais e nada menos do que cento e dez milhões de campo povoados de gadaria, aquele estancieiro botou a mão no bolso, sacou lá do

fundo uma bolsazinha de prata e de níqueis, escolheu entre os níqueis um níquel de quatrocentos réis (quatrocentos réis!). E passou-o à mão do caicara.

— Pois então guarde isto para você... Não pude conter-me. Acerquei-me vivamente do velho. E protestei:

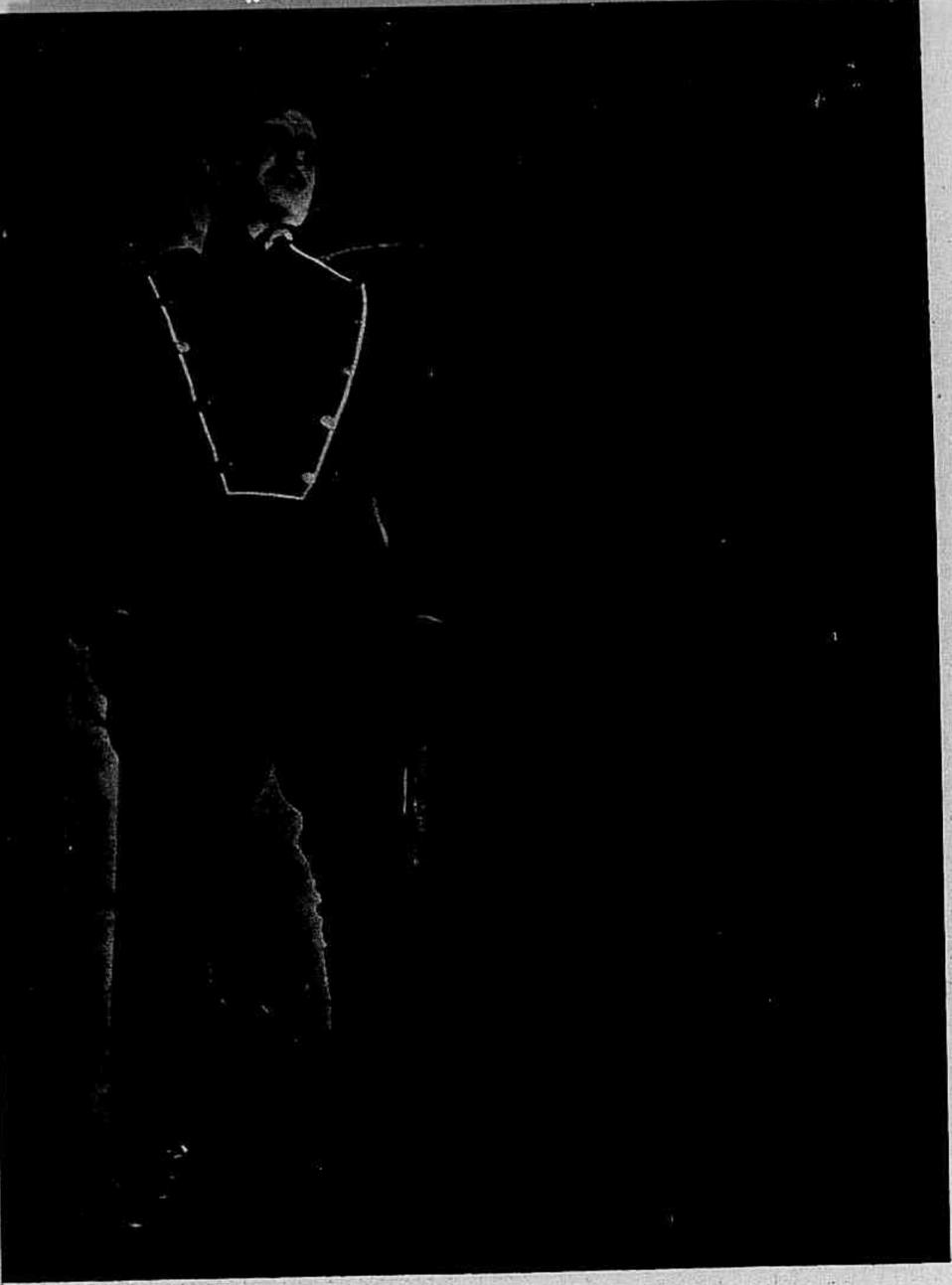
— Que é isto? Quatrocentos réis? Não pôde ser, é uma miséria. O senhor tenha paciência, carece dar mais alguma cousa a este pobre homem.

— Não vejo porquê... Aquela avareza revolucionou-me. Perdi a calma. Num assomo, muito fogosamente, atirei à cara do velho, por entre desaforos descabelados e crus, toda a sopitosa revolta que me sacudiu naquele momento. Em vão. O homem não teve um gesto de repúdio. Nem um só musculo se lhe estremeceu. Ouvi impassível, absolutamente imperturbável, com aqueles seus olhos parados, mortos, dedenhosamente pousados em mim. E disse apenas:

— Si o senhor acha que é pouco, dê mais. E saiu do rancho com serenidade.

Nunca mais, no correr de minha vida, eu pude me esquecer desse homem de olhos parados. Nem nunca mais eu pude me esquecer da cena no rancho do caicara. Aquela cena marca bem, pinta com uma côr que flameja, a repugnante vileza a que arrasta a miserável paixão do dinheiro. *Quid non mortalia pectora cogis, auri sacra fames?* No entanto, eis uma bem dura verdade, todos temos fundamentalmente em nós, congenitamente em nós, eu já não digo a paixão do dinheiro, mas pelo menos o amor da riqueza. E' tal esse amor, tão geral, que Pedro, ao ouvir o Mestre condená-lo com incisiva rudeza, exclamou com pasmo: "mas nesse caso Senhor, quem se salvará?" Que pergunta humana e profunda, e sábia, oh, meu rustico e ingenuo Simão Barjona! Sim, nesse caso, quem se salvará! Muitos poucos ricos, Simão Barjona. Muitos poucos. "Oh, quão difficilmente entrará um rico no reino de meu Pai!". E si para o rico, isto é, para o que tem o amor da riqueza, é difficil, para o avarento, isto é, para o que tem a paixão do dinheiro, é impossível. Eis que, repito-o, disse S. Paulo sem ambages: "nenhum avarento, que é idolatra, terá parte no reino do Cristo". E com razão. Porque o avarento é um monturo. Aquela cena do rancho do caicara atesta-o com eloquencia. Eu compreendi naquele dia a imensa verdade que há no Harpagon de Molière. A imensa verdade que há, no Shylock de Shakespeare. A paixão do dinheiro, não há dúvida, é paixão capital, avassaladora, que entorpece, que embota, que abrutalha, que sufoca todas as nobrezas do coração do homem. A paixão do dinheiro é a paixão que se opõe com mais força à paixão do Cristo. O dinheiro é a matéria; o Cristo é a espiritualidade. Treva e luz. noite dia. Dinheiro e Cristo. Enquanto o mundo fôr mundo, a paixão do Cristo e a paixão do dinheiro não poderão jamais andar juntos Jamais. Por isso o Cristo, com aquela cortante rudeza, disse: "Ninguém pôde servir a dois senhores. Ou há de amar a um e aborrecer a outro, ou há de desprezar a um e querer a outro. Ou servirá a Deus ou servirá às riquezas". Nada mais certo. Cristo quer dizer cruz, renúncia, perdão, caridade, humildade, pureza, santificação, isto é, estrangulamento de todos os egoísmos, aniquilamento de todas as vilezas, sufocamento de todos os instintos, amordaçamento de todas as bestialidades. Dinheiro quer dizer mundo, conspiscencia, venalidade, esperteza, fausto, materialidade, isto é, o amor da mesa, o amor da mulher, o amor do luxo, o amor da pompa, e, mais do que tudo, o amor do próprio metal, da própria placa dourada, amor tão obcidente, tão bestial, tão rasteiro, tão odioso, tão abjeto, que faz o avarento de Veneza exigir, para pagar-se, uma libra de carne arrancada à carne

(Continua na página 42)



Primeiro tenente "Isquierdo" (Graça Melo) — desempenho admirável como oficial espanhol.

Ferve na linha do trópico a herança da inquietação guerreira que povos da península transplantaram para o novo continente. E roto, febril, sem desmorecimento, com planos geniais, como um iluminado, Bolívar escreveu em terras da América Meridional as maiores façanhas da História Militar de todos os tempos. Os generais espanhóis procuravam por tôdas as estradas cercar o libertador. O onipotente Monteverde queria com tôda a gana acabar com Bolívar a qualquer preço.

Foi quando, num choque, Bolívar sentiu mais de perto o ferro e o fogo dos invasores e, ferido, doente, e mal protegido, avistou-se com um oficial espanhol: Montserrat. O encontro dos dois homens transformou o vitorioso. Ouviu sua palavra de fé e ficou fascinado. E deixou o vencido no esconderijo perto de Puebla, numa cabana, só com três índios, ardendo em febre. Seria o caminho para as montanhas ou a fuga para o mar. Mas o encontro foi revelado. Conhecido o traidor, as ordens de Monteverde são definitivas. O primeiro tenente do Capitão Geral, Isquierdo sabia que nenhuma palavra conseguiria do colega preso. Para quem é sanguinário e conhece mil formas de tortura, não ignora que Montserrat manterá o silêncio. Nada de fuzilamento rápido ou sofrimento com chumbo derretido no ouvido ou ainda picada de formigas e outras atrocidades em que os invasores são mestres para os nativos; procura um novo requinte de perversidade. Manda apanhar na rua as seis primeiras pessoas, que encontrar. Inocentes, de certo, que, como refens, pagariam com a vida uma por uma até o oficial pela compaixão revelasse o esconderijo do revolucionário. O destino apontou um fabricante de jarros, o oleiro que sabia como os incas o segredo da cerâmica; um rico, importante negociante possuidor de casas e rebanhos; uma mulher do povo, mãe que tem dois filhinhos pequenos, sendo que o menor a espera para mamar; um adolescente, um grande comediante espanhol, intérprete notável dos grandes clássicos; e uma jovem índia.

E' tôda uma cena de Inquisição, levada para a América. Julgamento sem base alguma. O processo, a indagação, o debate aprofunda a alma das criaturas. A tortura mental, o conflito nos dramas de consciência, tudo aparece como num dia de juízo final. E' o homem diante da vida, da morte e da liberdade.

E vemos a galeria de carâteres, o decorrer de vidas, o estado de espírito diante da violência. Ou o oficial capitula e denuncia o

MASSACRE

SEBASTIÃO FERNANDES

E estamos no primeiro decênio de 1800. Havia três séculos que a Espanha explorava e oprimia as suas colônias do novo mundo. Senhora de mares e terras, Castela impunha em metade do novo continente a sua chamada "civilização". Convicto da força, presunçoso de vitória, o branco europeu julgou manter por mais tempo a conquista do americano de côr. Embora Rosseau proclamasse que a felicidade e a inocência humana residem no estado de selvageria com todos os defeitos e o contacto com a civilização com a imposição da força era só para escravizá-la. O nativo era sempre uma boa presa para ser explorado. Fernando VII implantava o despotismo, pois as terras eram ricas. A produção de cana, cacáu, algodão, café, anil e os campos com a criação de gado e ainda escavar das entranhas os metais preciosos nas jazidas imensas faziam o equilíbrio da balança econômica na península. Mas outros povos também possuíam bons navegadores, esquadras, canhões e soldados. E começaram a aparecer novas idéias de libertação. Sentia ela que não podia expandir a exportação de suas manufaturas à América Espanhola, tinha a vizinhança as Antilhas Inglesas... E os círculos foram se fechando em torno da Venezuela. Mas ninguém vive eternamente escravo.

Na terra sem tribunais, sem leis, regida pelo arbitrio dos dominadores, o estrangeiro julgava-se superior pela raça branca e pisava o índio o negro e o mestiço, abafando todos os princípios pelos quais devia reger a vida humana. Apareceu uma voz que não se deixava abater pela covardia, alertando os fracos contra os tiranos que tentavam suprimir a liberdade. A América Espanhola fazia as primeiras experiências revolucionárias. A princípio os motins indígenas não tinham força ante o poderio da metrópole. Foi quando, abandonando riqueza, posição social, um moço começou a pelear pela independência da sua pátria. Saído de família colonial, passeando principescamente pela Europa, onde assistira em Paris à coroação de Bonaparte, o jovem Simon Bolívar, começou a recrutar patriotas, formando pequenos exércitos, rudes guarnições. Procurando cumprir seu voto de não descansar enquanto a Venezuela fosse escrava. Saindo dos salões elegantes, afastando-se de vida comoda e feliz, por montanhas e vales, em arrancadas tremendas, desde os gelos eternos até as areias escaldantes e ainda em orlas marítimas levou seu grito de liberdade contra a opressão. Sua arrancada tornou-se de tal forma excepcional que as côrtes espanholas tremeram. Então os chamados civilizados começaram a confiscar o ouro e prata das igrejas, arrazando plantações, incendiando aldeias, aleijando crianças, torturando mulheres e matando, matando, matando em nome do Rei.

paradeiro e salva seis inocentes ou o massacre será geral. Montserrat e os refens são submetidos a torturas e tormentos, pois a cada minuto mais dêles se aproxima a morte. Não há justiça; é um ato de martirizar. Seis vidas inocentes, cada um com o seu afeto, com seu calor humano, todos são levados ao sacrifício para que militares vençam em terras estranhas. Mesmo diante do despotismo, Bolívar não será descoberto. Fuzilado o último refém, foi inútil o sacrifício. Ficou somente a maldade. O homem em qualquer latitude é sempre a mesma fera. As figuras sublimes mostram excessão da regra geral.

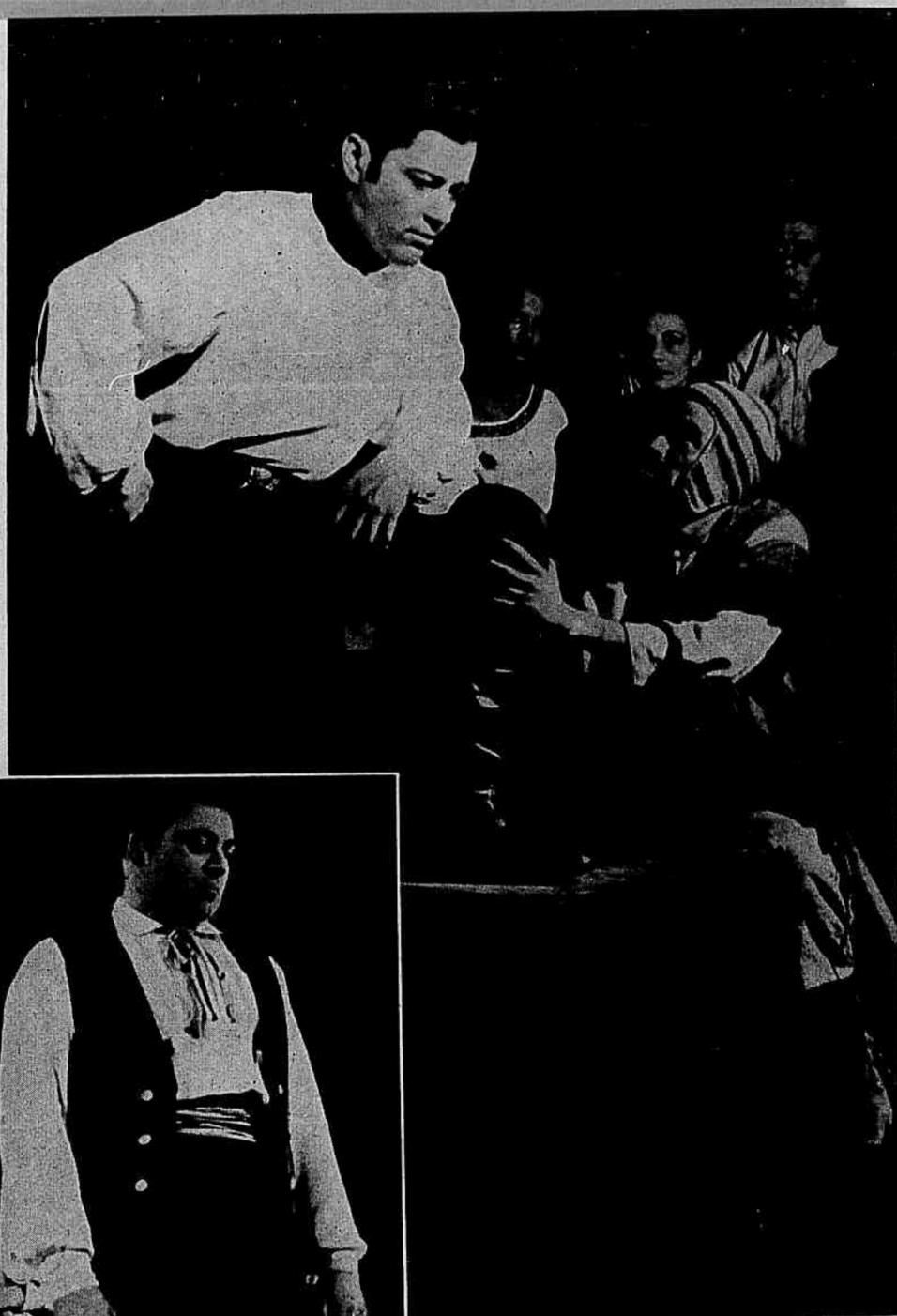
3.º ato — Só resta a "mulher" (Hayde Rego Barros) que tem dois filhinhos à espera dela para se alimentarem "Isquierdo" (Graça Melo), na última tortura, procura a revelação de "Montserrat" (Mario Brasini) enquanto o "capuchinho" (Carlos Couto) passivamente apoia os bárbaros europeus.



O monge capuchinho passeia a sua passividade entre a cruz e a calderinha, sem coragem de deter a onda sanguinária dos patricios. Isquierdo não conseguiu a revelação embora matasse inocentes. Cumpriu um dever militar mas não é um herói, Montserrat mantendo o silêncio e sacrificando-se pela causa de Bolívar é a grande figura. Esta é a pagina teatral magistralmente escrita por Emmanuel Robles. Não é só o bom teatro, um teatro difícil — uma história à margem da revolução — em que há mais uma situação do que enredo histórico porém o sentido político luta de estrangeiro para dominar terras estranhas); sociológico (imposição militar); filosófico (tribunal de vida e morte); religioso (pulsilaminidade do capuchinho) e sobretudo os dramas de almas jogadas diante da força.

"Massacre" tem uma grandiosidade como se fôra um mural de Diogo Rivera e as figuras têm um movimento como um friso do Arco do Triunfo.

"Massacre" (Montserrat), peça laureada com o "Prêmio Portique", é de autoria de Emmanuel Roblés, escritor de formação



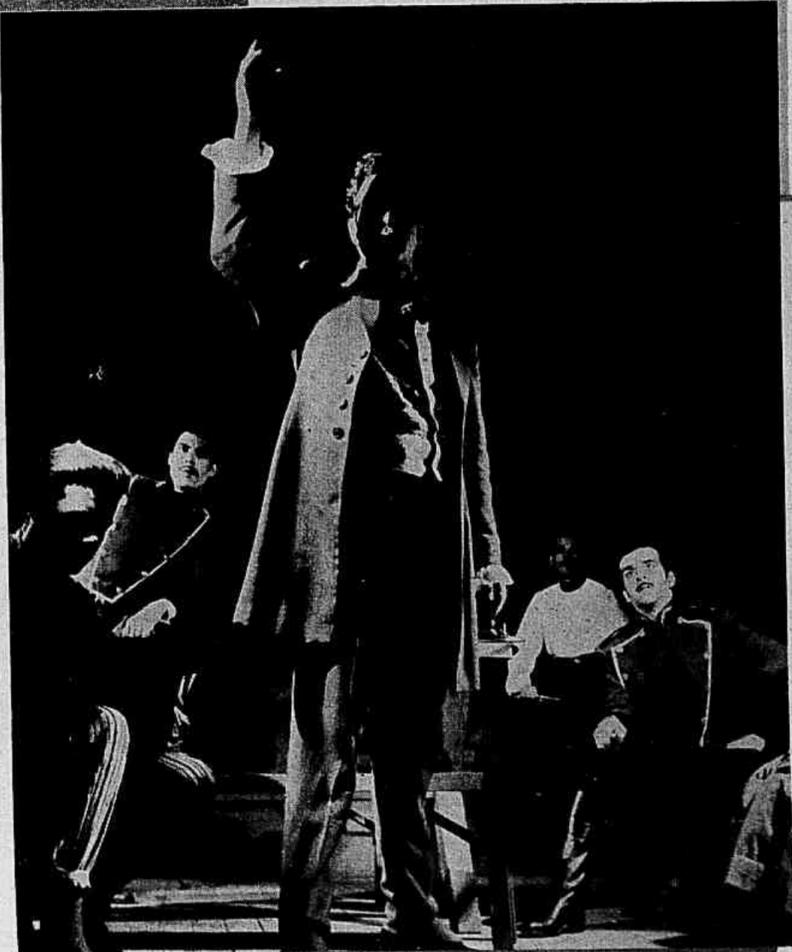
Empolgante cena do 2.º ato quando o "moleiro" (Mauricio Sherman) implora que "Montserrat" (Mario Brasini) os salve da morte.



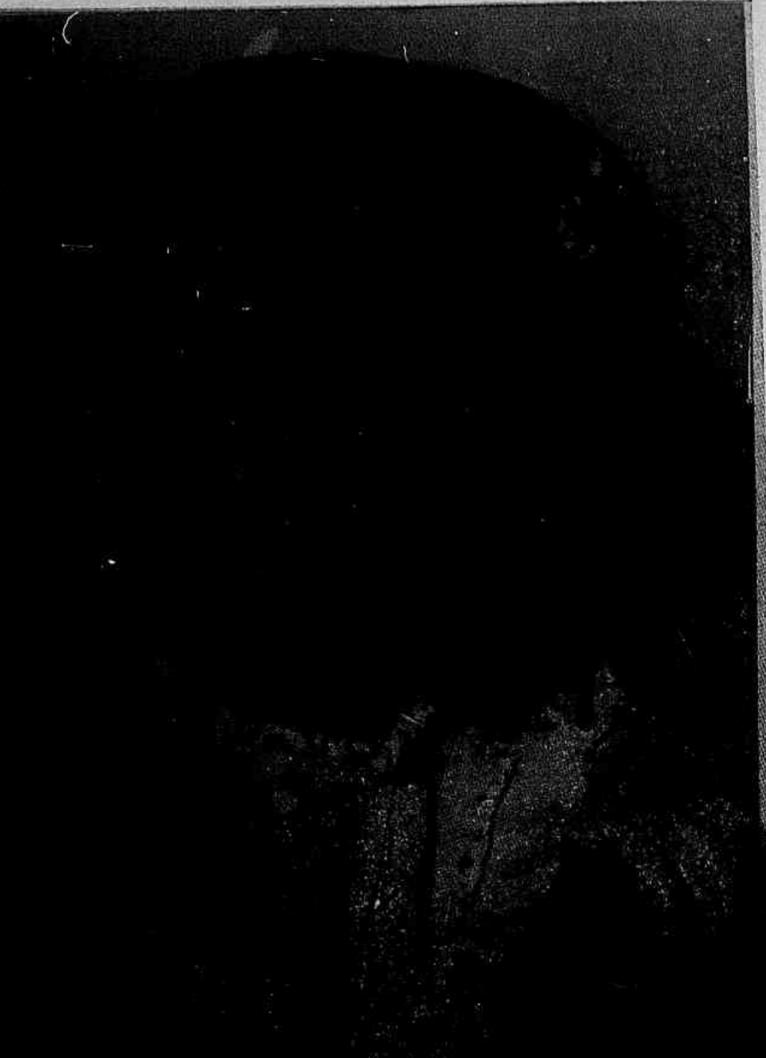
Os seis refem "Juan Salcedo Alvarez" (Eduardo Garcez) "Ricardo" (Serafim Gonzalez), "mãe" (Hayde Rego Barros), "Helena" (Gilda Nery), "Arnaldo" "Lujan" (Mauricio Sherman) e "Salas Incas" (Labanca) são introduzidos na sala onde se acha encerrado "Montserrat" (Mario Brasini) com o propósito de fazê-lo denunciar o paradeiro de Bolívar.

hispano-árabe-francesa e que mostra em suas páginas essa formação de raças, pois nascido em 1914, em Oran, que serviu de campo para tôdas as ambições. O argeliano escreveu com "Montserrat", uma página bela, forte onde o sentido da liberdade explica a inquietação que paira como flama imortal. A estréia da Companhia Graça Melo, no Teatro Regina, foi uma vitória integral. Graça Melo é o grande ator no brutal Isquierdo, e ganhará a medalha de ouro pela direção primorosa que com relêvo amplia o sucesso do espetáculo. E' um verdadeiro teatro de equipe onde Mario Brasini, Labanca, Carlos Couto, Mauricio Sherman, Eduardo Garcez e outros mostram um desempenho de bons valores. Emmanuel Roblés ao se referir a "Montserrat" diz que poderia situar o assunto na antiguidade romana, na Espanha de Felipe II, na França da ocupação, pois hesitou o assunto liberdade, adaptava-se perfeitamente em qualquer daqueles periodos históricos. O ambiente marca o materialismo que ironicamente se tem multiplicado através do tempo. Inúteis as lições. A moral, a filosofia, a ciência, a religião, tudo isso precisa de ocasião, se não, tudo é mera especulação. A maldade do homem sobrepuja sempre e tão alto que chega ofuscar o ideal. E o teatro nos mostra que em qualquer meridiano, em todos os tempos há os que lutam pela liberdade; mas para nosso desencanto haverá sempre inquisição e homem rangendo os dentes e aprimorando armas para abater seu semelhante.

A admirável cena do 3.º ato, quando o comediante espanhol "Juan Salcedo Alvarez" (Eduardo Garcez), declama os clássicos.



IMAGENS DO FUTURO



Sonia Maria, com dois anos, filha do casal Mario Galvão.



Eliana, com um ano, filha do casal Nelson Painer.



Ana Lucia e Mary Dulce, gêmeas com seis anos, filhas do casal Paulo de Oliveira Marques.

Elso José, com quinze meses, filho do casal Elso Legey.

FOTOGRAFIAS TIRADAS
NOS STUDIOS DE
FOTO PREUSS

(SÓ CRIANÇAS)
RIO — NITERÓI





Por VIOLETA de ALCANTARA

No começo de janeiro pode-se dizer que estamos no fim da estação. Entretanto, o trem das festas parece não querer parar! Muita gente já "subiu" — que é como diz sem mais explicações — quem vai para Petrópolis ou Teresopolis. Muita outra se dispersou, como Ali Khan — "o príncipe que se diz persa..." — mas não faltam os "cock-tails", os jantares, as ceias, as inaugurações. A do Museu de Arte Moderna do Rio esteve ultra-super lotada! Segundo parece, houve quem ouvisse comentários divertidíssimos. O público ainda não consegue atingir o mesmo grande abstração da pintura que atingiram certos pintores. De qualquer modo, o Museu representa uma realidade em que há um valôr de que não se deve abstrair, permitindo que todos discutam interessantíssimos temas, com ou sem namorados no café... Inadmissível, no Brasil, é que os namorados estejam sob a ameaça contrária... Porque nem todos os namorados são ricos, riquíssimos...

Uma coisa agradável, no fim de 1951 e principio de 1952 foi, para mim, ter notícias de vários diplomatas estran-

geiros que, embora espalhados pelo mundo, não se esqueceram das amizades feitas no Brasil, desmentindo, assim, o que muitos julgam inevitável. Dos Estados Unidos, veio um cartão especialmente amável do Sr. e da Sra. François Brière. Depois de ter sido conselheiro da Embaixada da França e um bem jovem "chargé d'affaires", o Sr. François Brière encontra-se agora na categoria de Consul Geral de uma cidade americana das mais importantes. Espirituosa e vivaz, sua esposa é uma dessas personalidades de que a gente se lembra sempre com imenso gosto. De Paris, os Werner mandaram simpáticas lembranças. E como poderiam êles mandar lembranças que o não fossem, quando ambos são a simpatia em pessoa? Se o Sr. Eugène Wernert tiver a carreira que merece, deve estar perto de ir longe! De Buenos Aires, escreveram o Sr. e a Sra. Enrique Meunier, justamente elogiados nestas páginas em diversas ocasiões. Antes de terminar esta crônica de verão, gostaria de lembrar às numerosíssimas "hortess" do Rio que a diversidade é um dos grandes encantos das recepções, um encanto que está ao seu alcance. Pode haver "côck-tails" e "cock-tails", jantares e jantares! a questão é dedicar aos seus programas bastante imaginação, pois neste tempo de "champagne" e de "whisky" a preço de fantástica elevação, vale a pena gastar também alguma fantasia na realização das recepções, a exemplo daquelas que já se tornaram, entre nós, verdadeiras mestras da arte de receber. As festas, como as pessoas, devem ter "character".

EM CASA DE
MARGARIDA
LOPES DE
ALMEIDA

Durante a recepção em sua homenagem, Miguel Trigueiros, o "Príncipe dos Poetas Portugueses", conversa com duas poetisas brasileiras, as Sras. Ana Amélia e Tetrá de Teffé, nomes tão em destaque na literatura como na alta sociedade!



○ RELÓGIO DE SOL

PRINCIPE OLGIERD CZARTORISKY

○ príncipe Olgierd Czartorisky recebeu uma grande e justa distinção, sobre a qual pretendo falar mais demoradamente em outros "momentos" do *Relógio de Sol*. Mas não quero deixar de dizer desta vez quanto isso me alegra, e como são intensos de entusiasmo os parabens que lhe envio, assim como sinceras as homenagens que apresento à princeza Czartorisky, tão simples e tão invulgar entre as figuras de maior nobreza que o Brasil hospeda.

MARITA PINHEIRO MACHADO
E O CHÁ EM CASA DO POETA
SILVIO MOREAUX

Regressando da Europa com seu pae, essa conhecida personalidade do nosso meio que é o Dr. Dulphe Pinheiro Machado, a fina interprete da poesia recebeu logo a homenagem de um poeta, o autor de "Sol da Madrugada". Silvio Moreaux e sua esposa ofereceram um chá na sua residência da Tijuca, um chá durante o qual podemos aplaudir a Sta. Helena Pimentel, cantando, a Sta. Noemita de Castro e Maria de Nazaré Moreaux dizendo versos. Na casa antiga, rodeada de árvores, Marita Pinheiro Machado recebeu felicitações pelos êxitos dos seus recitais na Europa, distinguindo-se a fórma pela qual foi recebida em Portugal. Silvio Moreaux sentese feliz em lembrar os seus antepassados, os que nasceram na pátria de João de Barros — que acaba de publicar um livro com o título tocante de "Humilde plenitude", após 50 anos de trabalho literário da mais alta qualidade — e nós todos gostamos de saber que os poetas do Brasil foram aplaudidos no "Circulo Eça de Queiroz", na interpretação de Marita Pinheiro Machado. Poema do autor de "Sol na montanha" — Oliveira Ribeiro Neto — e de "Sol da Madrugada", no país do sol que tão bem canta uma Fernanda de Castro.

"Dia de sol, manhã de sol, hora de sol!"
Numa tarde de sol, o poeta Silvio Moreaux — esse que dá "Poesia e Música" por intermédio das ondas que andam no ar — reuniu amigos antigos e fez amigos novos.

A SENHORA NELSON CALDEIRA

Entre as mais bem vestidas mulheres do Brasil — não é assim, meu caro "Jacinto", não de Thormes e sim da cidade? — encontra-se a Sra. Nelson Caldeira, de S. Paulo: "Christianne", para quem, como eu, durante anos, a viu nos salões mais elegantes de lá, muito esguia, loira, ligeiramente parecida com a "estrela" Ann Todd. A escolha é das mais felizes — tão feliz como, por exemplo, a da Sra. Clotilde de Mello Viana

aqui no Rio, tipo que não podia ser mais diverso do seu, mas equivalente na arte de escolher modelos e de usá-los, conhecendo o estilo da sua impecável silhueta.

EM CASA DO COMENDADOR
E DA SRA. J. SILVA FONSECA

Para comemorar a distinção recebida por seu marido, que a Ordem Nacional do Mérito soube premiar, como já tive ocasião de dizer nestas páginas, a Sra. Rosita Fonseca ofereceu uma recepção no dia 18 de janeiro.

Longos — e curtos! — vestidos de noite, "smokings" de muita distinção encheram os salões da residência da Urca, notavelmente adequados para receber. A dona da casa cantou, Margarida Lopes de Almeida e Maria Calazans fizeram-se aplaudir na melhor expressão de sua arte — poesia, música — e os convidados saíram de lá encantados, aliás como de costume.

Se este "Relógio de Sol" fosse um "relógio de repetição", repetiria sem cansaço os adjetivos devidos à beleza da Sra. Rosita Fonseca, ao seu talento e à sincera expressão de bondade que se reconhece nos seus olhos magníficos. A bondade — essa elegância que só os tolos, julgam capaz de passar de moda!

DE WASHINGTON

De Washington, veio um encantador cartão do diplomata e da Sra. Arnaldo de Vasconcelos.

"CROQUIS"

Em casa de Margarida Lopes de Almeida, a Sra. Comte. Joaquim Costa — nascida — Laura Margarida de Queiroz — com um elegantíssimo chapéu de "crosser" rosadas.

* * *

A Sra. Claudio de Souza — igualmente em casa de Margarida — com um vestido de um invulgaríssimo tom de verde escuro, em tafetá.

* * *

Em casa do comendador e da Sra. J. Silva Fonseca, a Sra. Elmano Cardim vestindo um modelo de noite em tons "dégradés" do rosa ao rôxo. Rosa no corpo do vestido, tons cada vez mais lilazes do lilaz nos "volants" da saia. Com um adereço de ametistas e o seu elegante penteado, a Sra. Elmano Cardim estava muito bem, como disseram diversas pessoas de muito bom gosto.

* * *

Em casa de Margarida Lopes de Almeida, a Sra. Eloy Jorge, tão finamente vestida e penteada que, mais uma vez, me fez pensar numa figura do século XVIII. E que linda expressão de bondade no seu rosto de traços delicados! Linda em qualquer século preciosa neste tempo de olhares inquietos e sorrisos frequentemente ferozes, nervosos ou impressionais!

'O Relógio de Sol' e os livros

"POESIAS" — JOSÉ CAÓ

"O Relógio de Sol" recebeu a bela edição deste livro de "Poesias", que é também um verdadeiro livro de poesias. Noutra oportunidade terá o prazer de comentá-lo.

MARITA PINHEIRO MACHADO

Essa fina interprete da poesia, que acaba de regressar da Europa, convidou para uma reunião em sua casa no dia 31 de janeiro. Entre os convidados contavam-se cêrca de 30 poetas de quem ela costuma dizer os versos. Sem dúvida, uma reunião nada banal.

"CROQUIS"

A senhora Iolanda de Laet com um vestido tão simples, tão simpático, tão luminoso no seu colorido como a tarde de sol em que a encontrei.

Na recepção em casa do Comendador e da Sra. J. Silva Fonseca foi muito admirado o vestido da consagrada cantora Maria Sá Earp.

COMENDADOR GOMES BARBOZA

Foi distinguido pelo governo Brasileiro com a ordem do Cruzeiro do Sul o Comendador Gomes Barboza, que a longos anos reside no Brasil e que foi um dos amigos de meu pai, tão amigo no intercâmbio luso-brasileiro.

HOMENAGENS A JOÃO DE BARROS

Preparam-se em Portugal notáveis homenagens ao poeta João de Barros. A essas homenagens aderi desde já em pensamento e palavra grande número de figuras representativas do Brasil, começando pelo Ministro das Relações Exteriores, que é o embaixador João Neves da Fontoura, brilhante membro da Academia Brasileira de Letras.

"O Relógio de Sol" está de todo o coração com essas justas expressões de admiração pelo excepcional escritor, excepcional entusiasta do Brasil, o autor de "Humilde Plenitude".

MIGUEL TRIGUEIROS
CHEGA A LISBÓA

Acompanhado por sua espôsa, encantadora senhora Margarida Forjás Trigueiros, encontra-se novamente no seu país êsse jovem poeta que tanto êxito obteve entre nós.

UM PEQUENO ÊRRO

Eduardo Vieira de Castro e não Eduardo de Castro, eis o nome que deveria ter saído no número passado, a propósito de alguns comentários sobre a visita do embaixador Nobre de Melo a Juiz de Fôra. Um pequeno êrro de revisão mas que grandes confusões podem resultar êsses pequenos êrros!

Felizmente quando o leitor conhece bem a sociedade, corrige logo sem hesitação, sabendo assim exatamente de quem se trata. Mas "ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA" é lida em todo o Brasil e fora do Brasil também, por milhares de pessoas que não podem adivinhar qual deveria ser o nome certo desta ou daquela figura do meio carioca.



No terraço — junto ao esplêndido trabalho de Margarida Lopes de Almeida, pois, como todos sabem, a eminente declamadora é também uma escultora consagrada — vemos, da esquerda para a direita, a Sra. Gomes Barbosa, a Sra. Antonio Augusto Alves Sarda e a pintora Maria Margarida de Lima Soutelo, três figuras de tanta personalidade.



Da esquerda para a direita o escritor Léopold Stern — bem conhecido autor de "Rio de Janeiro... et moi" — a Sra. Gigy Klein, o poeta Miguel Trigueiros, a anfitriã, a notável pintora Maria Margarida de Lima Soutelo, o jornalista Paulo Tacla — autor de brilhantes artigos sobre o "Príncipe dos Poetas Portugueses" — a nossa colaboradora Violeta de Alcantara Carreira — Sra. Ladislau de Torok — e o Comendador e a Sra. Gomes Barbosa.

Margarida Lopes de Almeida e a Festa em Honra de Miguel Trigueiros

Margarida Lopes de Almeida, a famosa interprete da poesia, nome de que o Brasil se orgulha e países como a pátria de Victor Hugo e Camões já condecoraram, ofereceu uma recepção em honra desse jovem e já tão notável poeta de Portugal. Na sua residência de Santa Tereza, reuniu-se uma brilhante multidão de convidados, que tiveram ocasião de ouvir poemas de Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Raul Machado, Adelmar Tavares, Laura Margarida de Queiroz Costa, Carlos da Silva Araujo, Tetrá de Teffé, Violeta de Alcantara Carreira, Murilo Fontes, Albano Lopes de Almeida, Dilma Cunha de Oliveirã, Faustino do Nascimento, Maria Filina Sá — representando a ilustre escritora Maria Eugenia Celso — Lisette Vilar de Lucena Tacla, Olavo Danta, Marina de Barros e Edmée de Souza Melo, Margarida Lopes de Almeida, o homenageado e Augusto Frederico Schmidt — que leu um poema de um dos seus livros — fizeram-se ouvir, primeiro nos salões e, depois, no grande terraço, que se transformou num belo auditorio de verão!



Da direita para a esquerda, a Sra. Antonio Augusto Xavier, a Sra. Francisco de Souza Brasil, o Dr. Claudio de Souza, a Sra. Marina de Barros, a cantora Sra. Edir de Fabrir, o poeta Albano Lopes de Almeida.

Da esquerda para a direita, as Sras. Faustino do Nascimento, Carlos da Silva Araujo e Artur Martins Sampaio, num instantaneo feito durante a bela recepção.



Nestas duas fotos, reconhecemos, da direita para a esquerda, o poeta Murilo Fontes, o pintor D. Ismailovitch, o banqueiro Antonio Augusto Alves Sarda, o engenheiro Ladislau de Torok, o pintor e cronista Gilberto Trompowsky, a poetisa Laura Margarida de Queiroz Costa, a pianista e jornalista Dyla Joselti, a fina interprete de poetas que é a esposa do diplomata e escritor Jaime de Barros, a Sra. Gigy Klein, a artista requintada que é a Sra. Michel B. Kamenka.





Da direita para a esquerda, o sr. Miguel Angel Aloy, o Sr. Paulo Medeyros, o embaixador da Venezuela, Sr. Gutierrez Aljaro, a Sra. Paulo Tacla, a embaixatriz Gutierrez Aljaro, o ministro Raul Machado, consagrado poeta, o acadêmico Gustavo Barroso, a esposa do Consul da Venezuela, a Sra. Luciola Villela, anfitriã — autor de tantos e tão vibrantes artigos sobre temas de atualidade — e o nosso companheiro Otto Sachs.



A Sta. Lisie Villar de Lucena Tacla e um grupo de risonhas amigas — as Stas. Malva Medeiros, Teresa e Maria José da Rocha Miranda, Irene Pinheiro, Maria Raquel Marques de Andrade e Beatriz Ramos.



Da direita para a esquerda, o Sr. Najah Coury e sua esposa, a Sra. Matilde Bridi, o ministro Raul Machado, os anfitriões e a Sta. Coury.



A Sra. Lourdes Dourado e os escritores Raul de Azevedo, Raul Machado e Claudio de Souza. O ilustre acadêmico e presidente do P. E. N. Clube acaba de publicar um romance largamente elogiado.

A RECEPÇÃO DO SR. E DA SRA. PAULO TACLA

NO dia 19 de novembro, o jornalista Paulo Tacla e sua esposa, que é a poetisa Lisette Villar de Lucena, ofereceram uma grande recepção, às 19 h., no seu apartamento. Os salões — em dois andares — e o terraço, ficaram cheios de figuras do Corpo diplomático, da Academia Brasileira, do P. E. N. Club, do alto meio financeiro como do nosso meio artístico. Os anfitriões e seus filhos, Lisie e Ariel, foram amabilíssimos com os convidados, que durante muitas horas se demoraram na sua agradável festa.

Os alegres vestidos "imprimér" da anfitriã e da sua elegante convidada Sra. Celso da Rocha Miranda parecem simbolisar o encanto da moda de verão.

Num excelente instantâneo, a Sra. Peregrino Junior, a Sra. Gustavo Barroso e a Sra. Otto Sachs, da esquerda para a direita. Três elegantes chapéus claros na bela tarde de verão.



A Senhora Ruy Lowndes agradecendo os brindes que lhe eram dirigidos.

COCK-TAIL NA RESIDÊNCIA RUY LOWNDES

A Senhora Ruy Lowndes com um grupo de amigas, na noite do seu aniversário natalício.



Outro aspecto da recepção, vendo-se o Sr. Luiz de Souza e Silva contando uma história sem fim.

Um grupo em torno da linda mesa de doces e salgados.



O casal Ruy Lowndes ofereceu no seu apartamento da Avenida Atlântica um elegante cock-tail às pessoas de suas relações, por ocasião do aniversário da Senhora Thereza R. C. Lowndes. São dessa encantadora recepção os flagrantes que aqui reproduzimos, notando-se entre outros, os seguintes convidados:

Snr. Luiz de Souza e Silva e Senhora, Sr. Luiz Ferreira Gomes e Senhora, Sr. Luiz Vergne de Abreu e Senhora, Dr. Rolando De Lamare, Dr. Olavo Canavarro Pereira, Snra. Maria Helena Brandão, Ministro Rodolpho Gonçalves de Siqueira, Dr. Themistocles Marcondes Ferreira, Snrta. Helga Ruth Abraham, Sr. Evaristo Maria de Novaes, Engenheiro Silvio P. Viana, Sr. Isaac Israel e Senhora, Sr. Henry A. Miller, Sr. Joaquim Cabral e Senhora, Tenente-Coronel Aviador Orlando Cardoso e Senhora, Sr. H. Estill, Comandante Stanley Crouch e Senhora, Sr. Edward Crouch, Sr. Sadi Lowndes, Aviador Helio Carlos Cok, H. Pattison e Dr. Alberto de Faria Filho.



Dr. Gama Rosa.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE GAMA ROSA

Festeja-se este ano, o centenário do nascimento de Gama Rosa, cuja personalidade brilhou na imprensa, na sociologia e na administração pública. Francisco Luiz da Gama Rosa nasceu a 6 de Janeiro de 1852, na cidade de Uruguaiana, Estado do Rio Grande do Sul. Era filho do capitão de mar e guerra Francisco Luiz da Gama Rosa e de Amelia Molina, brasileira, mas de origem hispano-americana. Essa origem hespanhola, explica as impetuosidades de idéias

e de estilo, que caracterizou a sua figura nas letras brasileiras. Seu avô paterno, João da Rosa, era um notável maestro, compositor e executor de músicas clássicas, das côrtes de D. João VI e de D. Pedro I. O avô materno tornou-se célebre no Rio Grande do Sul, como vaqueano de exercitos, sendo em meados do século passado, universalmente conhecido nos pampas, pela denominação de "Capitão Cabeça", por ter gravado na cabeça o mapa topográfico da província.

Na qualidade de filho único, Gama Rosa recebeu educação e instrução desveladas, vigilantes e disciplinadas. Até aos sete anos, permaneceu no Rio Grande do Sul, ora em Uruguaiana, ora em Jaguarão, em companhia da família do célebre General Andréa, Barão de Caçapava, amigo íntimo e compadre do seu pae, o comandante Gama Rosa. Finda a Guerra do Paraguay, o futuro jornalista e sociólogo aportou à cidade do Rio de Janeiro, a bordo do legendário vapor "Amazonas", comandado pelo pae. Em seguida dirigiu-se à província do Espírito Santo, onde permaneceu três anos, na companhia do pae, que fôra nomeado capitão do Pôrto. Em 1860, em virtude de questões políticas, o capitão Gama Rosa transferiu-se para a cidade de Desterro, em Santa Catarina, passando o filho a frequentar o Liceu Provincial, sendo discípulo dileto do célebre naturalista darwinico, Fritz Muller, cujas lições influíram no seu espírito jovem. Vindo para o Rio de Janeiro, frequentou o Colégio Marinho, sob a direção do célebre educador Barão de Tautphoeus, que profetizou-lhe uma brilhante carreira intelectual. Matriculou-se depois em 1871, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se em 1876. Durante seis anos, Gama Rosa exerceu uma

clínica humanitária e gratuita na Gavea, que lhe trouxe muita simpatia. Por escolha do Imperador, do Ministro do Império Antunes Maciel e do almirante Delamare foi nomeado presidente da província de Santa Catarina. Todos esses personagens externavam verdadeira fascinação pelo talento de Gama Rosa, quer manifestado em seus escritos, quer em conversas ou palestras, onde uma fisionomia bizarra, mobil e espiritual aparecia sempre numa levada de idéias originais. Essa presidência de Santa Catarina, aos trinta e três anos de idade, assinala a época mais memorável da vida de Gama Rosa, como propagandista mental de ideais e de doutrinas literárias, de filosofias modernas.

A imaginação transbordante de Gama Rosa atraíu outros jovens talentos cararinenses, que o cercaram e deram um cunho eminentemente intelectual à sua administração. Parecia a reprodução exata de um filósofo peripatético da Hellade, aureolado por uma falange rãdiosa de discípulos. Paulo Barreto, em admirável crônica publicada na "Gazeta de Notícias", referiu-se à influência benéfica de Gama Rosa, sobre a literatura catarinenses. Também Virgilio Varzea historiou no "Correio da Manhã", esse intenso movimento estético, que se estendeu por outros centros literários do paiz. Desse nucleo destacaram-se Cruz e Souza, Santos Losta-

da, Araujo Figueiredo, Horacio de Carvalho, Diniz Junior, Altino Caldeira Alfredo Luz, Romeu Ulisséa, Renato Flores. Como prolongamentos e repercussões, mais ou menos acentuadas dessa escola literária catarinense do tempo de Gama Rosa, registramos ainda os nomes famosos de Emiliano Pernetá, Gonzaga Duque, Lima Campos, Mario Pederneira, Nestor Victor, Carlos Fróes, Emilio de Menezes, Mauricio Jobim e Saturnino Meirelles.

Gama Rosa deixou, um rastro luminoso entre os seus contemporãneos. Colaborou dois anos na "Gazeta da Tarde", de José do Patrocínio, onde publicou fundamentais artigos de crítica.

Também escreveu na "Tribuna Liberal", onde efetuou trabalhos culminantes, relativos às reformas sociais e políticas, posteriormente realizadas em parte pela República. Publicou ainda célebres e exaustivos artigos sobre o Simbolismo ou Decadismo, memorável escola literária. No "Diário Oficial", como diretor durante dois anos, de 1884 a 1886, instituiu em traduções, vasta revista de todo o movimento científico e administrativo europeu. Destacou-se em outros trabalhos na "Revista Brasileira", por curiosos artigos sobre a "Educação Intelectual"; Publicou a admirável obra "Biologia e Sociologia do Casamento", que circulou por todo o Brasil. A sua presidência na província da Paraíba, assinalou-se pela construção do vasto teatro "Santa Rosa", mantendo como recordação histórica uma parte do nome do seu fundador. Durante seis anos, em excepcionais artigos publicados na "Folha do Dia", escreveu quotidianamente, sem interrupção de um só numero do jornal, colaboração essa reunida nos seis volumes dos "Comentários", que formam a obra suprema do grande sociólogo brasileiro. Em sua obra intitulada "Sociologia e Estética", discute Gama Rosa sobre o sistema educativo, sobre a imprensa através dos tempos, sobre os aspectos característicos do gênio, darwinismo, história e prehistória, a finalidade da evolução, o progresso moral, o govêrno e o futuro, o classicismo no ensino, as surpresas da sociologia, o poder legislativo, sobre a mentalidade e os climas. Fala de Herbert Spencer, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Santos Dumont, João Ribeiro, Fritz Muller, Alvares de Azevedo, Torres Homem, Cruz e Souza, revelando uma farta cultura geral.

Muita coisa do que escreveu Gama Rosa, merece ainda ser lida, pois pensava claramente e expressava-se com a elegância de um espírito dotado de dons espontãneos para a literatura. Uma seleção dos seus escritos relembriaria à geração atual, um nome que não deve ser esquecido, pois lutou pelo progresso e pela verdade, tendo sido admirado pelo filósofo inglez Herbert Spencer, pelo sociólogo alemão Max Nordau e por Ruy Barbosa, que se correspondia com Gama Rosa, em termos efusivos.



ESPORTE E ELEGÂNCIA

Senhoras da elite carioca assistem, na "pelouse" do Prado da Gãvea, ao desenrolar de um páreo.

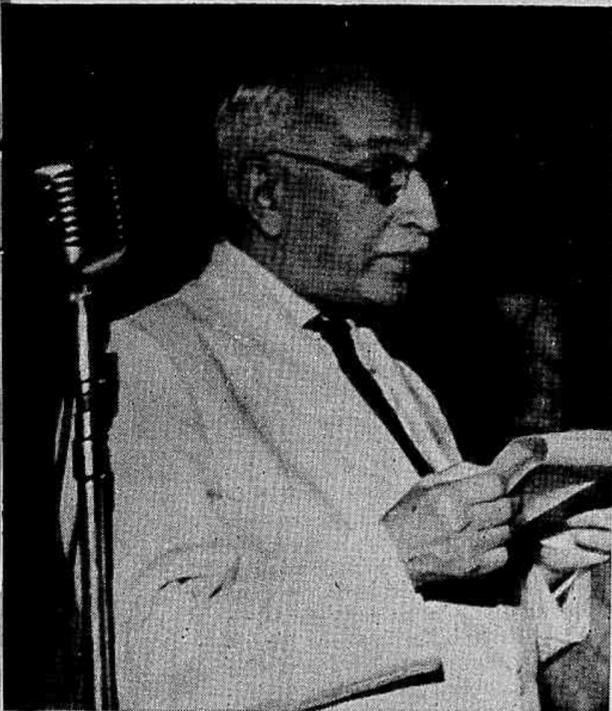


Mesa que presidiu a sessão de posse do Professor A. Carneiro Leão na diretoria da Faculdade Nacional de Filosofia, vendo-se na presidência o Reitor da Universidade do Brasil, Professor Pedro Calmon.

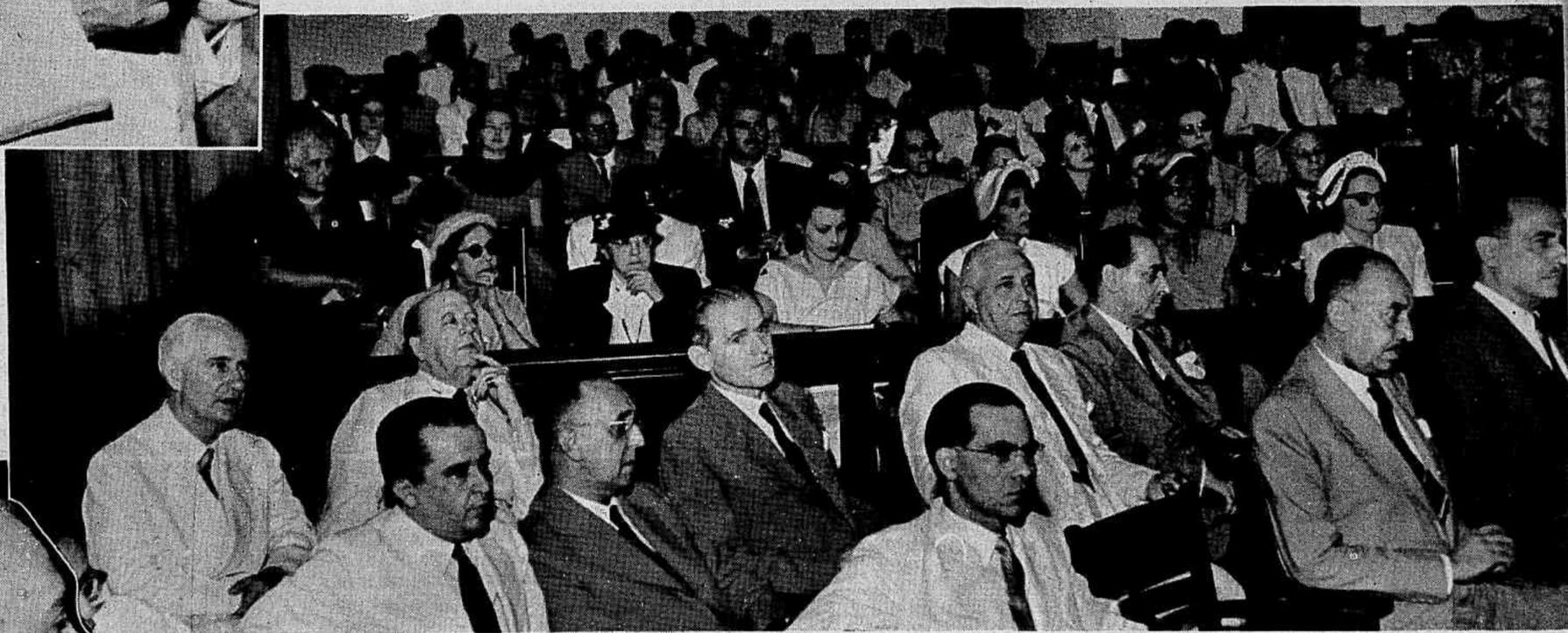
O PROF. A. CARNEIRO LEÃO NA DIREÇÃO DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA



O Prof. A. Carneiro Leão agradecendo as manifestações que lhe foram feitas no ato de sua posse.



O Professor Souza da Silveira saudando, em nome da Congregação da Faculdade, o Professor A. Carneiro Leão que acabava de ser reconduzido para a Direção da Faculdade Nacional de Filosofia.



Parte da assistência que compareceu ao ato de posse do Prof. A. Carneiro Leão como Diretor da Faculdade Nacional de Filosofia no dia 11 do corrente.



O Professor Celso Kelly no momento em que saudava o Professor A. Carneiro Leão pelo "Curso de Jornalismo" da Faculdade Nacional de Filosofia.

A TRILOGIA DE "O TEMPO E O VENTO"

Quando apareceu, há um ano, "O Continente", primeiro volume da trilogia romântica subordinada à epígrafe de "O Tempo e o Vento" de Erico Verissimo houve um movimento de reserva da parte dos grãos-senhores da publicidade literária nesta terra. Algumas vozes se ergueram timidamente para louvar o autor e estranhar o que se lhes afigurava um desvio de rota do novelista que penetrava o cipoal da história para daí extrair a matéria prima de sua fabula. Outras preferiram manifestar-se com as meias palavras dos que se sentem esmagados ao peso de um imprevisto, mas não querem parecer que assistem de fato a um grande espetáculo. E na verdade a impressão deveria ter sido desconcertante nesse pequeno mundo em que se comprimem e acotovelam tantas vaidades, o livro que trazia em si algo de novo na forma e no conceito e cujo autor não pedia licença para atirar do fundo da província uma pedrada de ouro na água parada da metrópole. O êxito de livraria de "O Continente" revelou que as confrarias do elogio-mutuo são às vezes impotentes para impedir as vitórias dos valores estranhos ao seu círculo. Agora surge o segundo tomo, "O retrato", e esse ofereceu ensejo à maledicência, a uma espécie de vingança contra o desaforo da grandeza do primeiro. E a crítica do campariário resmungou que ele não correspondia aos méritos intrínsecos do anterior. É um velho processo de elogiar a obra antiga para desmerecer a nova. Nada disso, porém, representa obstáculo à marcha gloriosa desse escritor de tão poderosos recursos artísticos, porque, na realidade, "O retrato" se mantém na altura de "O Continente", é bem a sua continuação no tempo, e os episódios históricos a que se reporta já não pertencem a um passado remoto, e as suas personagens de ficção se humanizam ao lado de tipos em carne e osso que todos conhecemos. A vida política de antes de mil novecentos e trinta ressurgiu evocada nas suas tricas e negações, nos seus crimes e atitudes heroicas. O velho sobrado é ainda uma "dramatis persona" povoado de espéctros que dirigem os passos dos descendentes de seus primitivos habitantes. Mudou a época, mas a estirpe de Ana Terra aí vibra no sangue desse Cambará que lhe assegura a sobrevivência da bravura tradicional. Um paralelo entre o que é fantasia e o que reproduz acontecimentos e pessoas verídicas nos revela o esplendor da força criadora do romancista, porque ao leitor desprevenido ambos os elementos se confundem e materializam numa única realidade. E essa é, sem dúvida, a virtude mestra do eminente novelista que nos obriga a viver e a conversar no cenário em que se movem os seus titeres. Do ponto de vista das idéias, há também algo a esclarecer a respeito de Erico Verissimo. Há quem o tenha classificado como simpaticamente das doutrinas vermelhas, ou com tendências para esse lado. Parece-me errado esse conceito. Em "O retrato" ele deixa entrever o que se me afigura a sua posição em face dos problemas sociais contemporâneos. Ele detesta a guerra considerada como finalidade da espécie, e não vejo nessa ogeriza nenhum vínculo com o comunismo que necessita dos conflitos armados para alimento de seus propósitos subversivos. Reconhecer também que a estupidez da burguesia fornece o caldo de cultura para a fermentação das teorias dissolventes está longe de ser um ato em favor da esquerda totalitária, pois esse ataque é uma advertência a uma sociedade que mergulha, estonteada, nos prazeres que o dinheiro em excesso facilita e ignora o prestígio imanente do espírito. Erico Verissimo, segundo as aparências, é dos que seguem à risca o pensamento de Voltaire que afirmava não concordar, em absoluto, com uma só palavra do que diziam os seus antagonistas, mas que defenderia até à morte o seu direito de dizê-lo. É uma das formas de fanatismo pela liberdade, o melhor e mais puro dos fanatismos. Eu penso, entretanto, que vale a pena, às vezes arriscar por momentos a liberdade, em sua defesa energética, para que outros se mantenham na trincheira a impedir que ela pereça definitivamente nas mãos dos barbas. E eu pergunto aos credulos se uma liberdade de braços cruzados está suficientemente forte para enfrentar um inimigo que tem na força bruta o seu argumento supremo...

CARLOS MAUL

A DEFESA DO DIREITO DE AUTOR

Homem de letras de reputação firmada, poeta e prosador brilhante, o juiz Oliveira e Silva é também um magistrado dos mais integros e ilustres. Numa sentença a propósito de uma reclamação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais teve ele oportunidade de decidir de forma a deixar bem clara a situação dos que teimam em não submeter à lei que assegura a propriedade literária em sua plenitude. As conclusões da sentença merecem ser conhecidas de quantos vivem do trabalho intelectual e nem sempre encontram o amparo da lei. Elas firmam doutrina. Damos a seguir esse documento precioso:

"Tudo bem examinado e ponderado: Considerando que o direito autoral é uma propriedade, aliás única no gênero, tanto que o art. 660 do Código Civil permite a sua desapropriação, por utilidade pública, pela União e os Estados, relativamente a qualquer obra publicada, a cuja reedição, o dono respectivo se oponha; Considerando que o direito autoral deve ser incluído entre os direitos reais e não pessoal, como o assinala o ministro Ribeiro da Costa, em voto memorável, de relator, no recurso extraordinário n. 14.144, no Supremo Tribunal Federal, ao reconhecer cabível o interdito proibitório para impedir a turbacão dos direitos de autor; Considerando que, segundo a moderna doutrina, o sentido de cousa tendo a ampliar-se, para não ser, apenas, corporea, porém incorporea, ficando amparado, assim, o direito autoral pelos interditos possessórios; Considerando que, sendo possuidor todo aquele que, nos termos do artigo 435, do Código Civil, tem, de fato, o exercício, pleno ou não, de algum dos poderes inerentes ao domínio, não se justificaria a desproteção do direito autoral, a pretexto de não se tratar de coisa corporea, quando a lei assegura, ao proprietário, o direito de usar, gozar e dispor de seus bens, reavendo-os do poder de quem quer que injustamente os possua; Considerando que, entre aqueles direitos, ainda se pode incluir, como no velho direito romano, o de abusar, porque não é passível de censura ou proibição o autor que entenda inutilizar a sua obra literária, artística ou científica, por não corresponder mais ao seu renome ou prazer pessoal, no momento; Considerando que o réu, na contestação, como clube recreativo e esportivo, confessa haver representado, em sua sede social, várias peças teatrais, por um grupo de amadores, com o intuito de distrair os seus associados, assinalando, porém, que, sem intuito de lucro, não recebendo os interpretes qualquer remuneração; Considerando que o réu, ao acusar a autora de propósitos argentários, como sociedade arrecadadora do direito autoral, silencia, prudentemente, sobre a falta de sua aprovação e do Serviço de Censura para os espetáculos que tem montado; Considerando que im-

procede o libelo do réu, contra a autora, quanto aos seus propósitos de cobrança do direito autoral, porque a autora, conforme o art. 1.º § 2.º, do não é passível de censura ou proibido decreto n. 4.092 de 1920, o faz, na qualidade de mandatária dos seus associados, em todo o território nacional, garantindo-lhes, assim, o gozo da propriedade intelectual, como acontece em todos os países cultos onde essa proteção requintada na consagração plena do direito moral do escritor, artista ou cientista; Considerando que, só no Brasil, ainda existem reservas e restrições em matéria de direito autoral e defesa da própria reputação do autor, como se fosse possível a todo aquele que cria emoção ou beleza, adotar a penúria como como filosofia de vida, ou a desplacência diante do truncamento da obra de arte, enquanto todos os que concorrem para a montagem, por exemplo, de uma peça, desde o empresário, o diretor, ao figurinista e contra-regra, estão, inicialmente, garantidas na sua remuneração; Considerando que é direito moral do teatrólogo não consentir que a sua comédia, drama ou tragédia, sejam representados por elencos incapazes, que os desfigurem no texto, no gesto ou nas inflexões, provocando-lhes o desprezo e o riso das plateias, sendo caso recente o do escritor Julio Dantas proibir que artistas de circo representassem "A Ceia dos Cardeais"; Considerando que esse direito ainda mais se amplia, quando o autor não consente que a sua peça teatral seja adaptada ao cinema, radiofonizada ou televisionada, com o justo receio de que os elementos, que a integram, de beleza criadora, sofram uma espécie de caricatura ou deformação que as comprometeriam perante as pessoas de bom gosto literário; Considerando que a alegada ausência de lucro com que se abroquelou o réu, na contestação, ao referir-se ao trabalho dos seus amadores e ao convite para os espetáculos que encena, não constitui a gratuidade que parece existir, à primeira vista, quando o réu naturalmente só permite a entrada, para tais espetáculos, aos sócios quites com os cofres sociais, havendo lucro mediato com o alargamento do seu quadro, pelo interesse de pessoas atraídas pela atividade teatral; Considerando que, mesmo permitisse o réu o acesso, aos seus espetáculos, gratuitamente, ao público, ainda assim não poderia montar peças, sem audiência da sociedade autora, que é mandatária, por lei, dos seus associados e sem anuência do Serviço de Censura; Considerando a prova produzida, o direito e a lei: — Julgo procedente o pedido, nos termos da inicial, pelo que condeno o réu nas custas e ao pagamento de dez mil cruzeiros, toda a vez que transgredir o preceito, e, ainda, da honorária do patrono da autora, de vinte por cento sobre o valor da causa."

LIVROS DO DIA

"DEZ NOITES DE AMOR"

○ jornalismo durante uma atividade de meio século não enfrequeceu em Jarbas de Carvalho a sensibilidade artística e literária, fato aliás que se observa em numerosas

personalidades que foram simultaneamente de imprensa, presas ao comentário e à crítica dos acontecimentos do dia, e escritores de polpa; com a vantagem da clareza do estilo que é a característica da profissão. O cronista e o novelista nunca deixaram de existir nesse brilhante anotador de ocorrências. Daí o terem saído de sua pena várias páginas vivas e palpitantes que lhe asseguram um lugar destacado na história da nossa literatura contemporânea. Agora essas qualidades de Jarbas de Carvalho se apresentam de novo num livro de contos: "Dez noites de amor". Há nesse volume ficção e pintura da vida real, e os tipos dessas miniaturas de romance são traçados com segurança de linhas, movem-se com naturalidade e exprimem nos diálogos elegantes e harmoniosos conceitos ora leves, ora profundos, de acordo com o ambiente social em que se agitam. Homem de cultura e de convicções, analista dos problemas da sociedade da alma, Jarbas de Carvalho já nos dera algumas obras de envergadura, como as notas sobre o Marques de Abrantes e o esplêndido ensaio político "Articulações de um governo delegado" cujas idéias são da maior atualidade. Mas em "Dez noites de amor" ele se afirma um contista vigoroso, criador de excelentes fábulas, às vezes irônico, na sutileza com que apresenta os seus temas, outras vezes sentimental quando aflora com leveza as questões que determinam os atos das criaturas. É um livro que se lê com interesse até ao fim, sem fadiga, antes com encanto porque o escritor dispõe de um instrumento verbal dos mais poderosos e comunicativos. Em suma, um magnífico livro que assegura a Jarbas de Carvalho uma posição destacada entre os autores que cultivaram e cultivam o gênero difícil que é o conto.

— * * —

"SONHO DE ORFEU"

É este o libreto de uma opereta em dois atos de Arnaldo Nunes, Poeta dos de mais forte vibração lírica dos nossos dias, autor de livros que lhe deram um posto bem alto entre os favoritos das musas, e de Aducto Fernandes, escritor que ainda recentemente nos deu alguns estudos muito sérios e importantes em torno de assuntos da proto-história brasileira, divulgados pela Revista da Academia Fluminense de Letras. O tema é explicado numa introdução erudita. Os autores o definem como a ressurreição de Orfeu "por intermédio da Musa, que o desperta depois de um sono de vinte séculos. Ele, diante da realidade cultural, não acredita mais que basta dizer-nos como se produz, como se dança, como se fala, como se pensa e como se ama; pensa, porém, que o dever do poeta é fazê-lo agir, fazê-lo pensar, fazê-lo sentir, para que o artista aja, pense, e sinta esteticamente."

Nessa ordem de idéias os autores trazem ao cenário as musas da mitologia helênica, e com elas nos apresentam belos e profundos pensamentos, que às vezes recebem em versos sugestivos a participação da música de dois ilustres compositores patrióticos, os professores Domingos Raimundo e Djalma Lopes Guimarães, catedráticos da Escola Nacional de Música. "Sonho de Orfeu" é uma peça que reúne todos os elementos de sedução para um grande espetáculo.

LITERATURA HISTÓRICA

Para comemorar o centenário da vitória das armas brasileiras em Caseros, na guerra de 1851-1852 contra Juan Manuel Rosas, ditador da

República Argentina, a Biblioteca do Exército lançou na sua coleção um livro com o título: "Vida e ação do Conde de Porto Alegre", incumbindo-se desse trabalho os escritores Carlos Maul, e coroneis De Paranhos Antunes e Jaime Ribeiro da Graça, membros da Comissão Diretora daquele órgão de cultura das classes armadas. Ao primeiro couberam as partes que tratam das origens do marechal Marques de Souza, que foi a figura central, no comando das nossas forças, o vencedor de Moron, e da fase principal do conflito de 51-52, examinada minuciosamente do ponto de vista da ação diplomática do visconde do Uruguai e da ação militar sob a chefia suprema de Caxias; ao segundo tocou a análise das atividades de Marques de Souza no período da Guerra dos Farrapos, e a elaboração de seu perfil como homem de cultura, e ao terceiro incumbiu apresentar o herói brasileiro, dos de maior projeção como soldado e intelectual, durante a luta com o Paraguai até o fim de sua vida gloriosa.

Trata-se de uma obra em que aparecem documentos interessantes sobre os problemas da nossa política no Rio da Prata, desde os tempos coloniais.

— * * —

CONCURSOS LITERARIOS DA ACADEMIA DE LETRAS

A Academia Brasileira de Letras está publicando edital sobre os prêmios que concederá em 1952, a saber:

I — Prêmio Machado de Assis, de Cr\$ 12.000,00 pelo conjunto de obra literária de escritor brasileiro que tenha publicado pelo menos um livro altamente recomendável, no triênio de 1949-1951.

II — Nove prêmios de Cr\$ 5.000,00 cada um, destinados a livros inéditos ou publicados em 1951, em lingua portuguesa, de autores brasileiros: a) Prêmio Olavo Bilac, para Poesias; b) Prêmio Coelho Neto, para Romance; c) Prêmio Afonso Arinos, para Conto e Novela; d) Prêmio Silvio Romero, para Crítica e História Literária; e) Prêmio Joaquim Nabuco, para História Social, Política ou Memórias; f) Prêmio Artur Azevedo, para Teatro; g) Prêmio João Ribeiro, para Filologia, Etnografia e Folclore; h) Prêmio José Verissimo, para Ensaio e Erudição; i) Prêmio Carlos de Laet, para Crônicas, Viagens e qualquer outros gêneros que se não enquadrem precisamente nas alíneas precedentes.

III — Prêmio Julia Lopes de Almeida, de Cr\$ 7.200,00, destinado a livro inédito ou publicado em 1951, de autor feminino, de prosa, de preferência romance ou coleção de novelas, ou de contos; na falta, poderá ser concedido a um livro de versos, de qualidade superior e da forma chamada clássica, sempre de autor feminino.

As inscrições aos prêmios indicados sob os ns. II e III estarão abertas até 31 de março de 1952.

Além desses a Academia Brasileira de Letras distribuirá ainda os Prêmios Francisco Alves, de 1952, que são os seguintes: a) Um prêmio de Cr\$ 10.000,00; um de Cr\$ 5.000,00 e um de Cr\$ 3.000,00, destinados a autores de Monografia sobre o melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil, que obtiverem, respectivamente, o 1.º, 2.º e 3.º lugares; b) Um prêmio de Cr\$ 10.000,00; um de Cr\$ 5.000,00 e um de Cr\$ 3.000,00 destinados a autores de Monografias sobre a Língua Portuguesa, que obtiverem, respectivamente, o 1.º, 2.º e 3.º lugares. As inscrições aos prêmios indicados estarão abertas até 31 de março de 1952.

O R A Ç Ã O D O M E S T R E

O professor Antonio Austregesilo é uma das mais fortes expressões médicas, e nas letras o seu nome cresceu tanto como na catedra da Faculdade Nacional de Medicina. Nome aureolado pelo saber o seu prestígio tanto no meio médico nacional como no estrangeiro é notável. Seus inúmeros discípulos veneram-n'o, e os seus muitos livros cheios de ensinamentos teem obtido edições sucessivas, fato que bem demonstra quão util tem sido a sua pena e o saber acumulado em tão longos anos de meditação e estudo.

Fato frequente uma homenagem prestada a algum elemento de prestígio social, foi, contudo, o almoço oferecido ao professor dr. Alvaro Cumplido de Sant'Anna, por motivo da sua eleição como presidente da Academia Nacional de Medicina e da Confederação Americana de Urologia, acontecimento este verificado ao findar-se um congresso científico no México, e aquêlê nesta cidade, a oportunidade de ser conhecida a bela oração que adiante publicamos. Numa síntese admirável, traçou o Mestre o perfil do seu sucessor na alta curul da Academia Nacional de Medicina. Foi a seguinte a oração de Austregesilo:

"Amigos e confrades.

Antes de saudarmos o querido companheiro, devemos elevar a memória do médico dr. Sant'Anna, seu pai, baiano de fôlego e de honra intransigente. A formosura dos pais, espalhou-se pelos filhos, que foram muitos, e todos de fino quilate, escritor, poeta, engenheiro, professor, médico, jurista, advogado, além da filha carinhosa e inteligente, do genro militar de oiro, general seguro, ramos de família brasileira, amável, bondosa, singela e dedicada, na beleza integral da educação. Há ainda ramo argentino, porém vejo em Sant'Anna o tipo indomável, com a serenidade das almas puras e a coragem dos espartanos.

Fui médico de Alvaro; era eu professor e êle criança rebelde. Quando o examinava recebia ponta-pés, diminuídos apenas por pequenas moedas e guloseimas dominadoras.

A criança insolente e chorona de ontem, foi subindo, venceu pela ação e pelo talento, até atingir o triunfo da curul presidencial da Academia Nacional de Medicina, o professorado das Ciências Médicas, a Presidência do Congresso de Urologia que se realizou no México, e no qual foi mais uma vez aclamado Presidente da Confederação Americana de Urologia. Aqui está o nosso amado companheiro, honrado, violento e ativo, como sonhador de esmeraldas que se transformaram em diamantes, garimpeiro pela ação do trabalho, da vitória, da coragem, da violência util, águia de grande remigio, amigo fiel, sereno triunfador, como o "quero" nos lábios, a doçura no coração e a coragem no pensamento. Alvaro Cumplido de Sant'Anna sabe "querer": "faço porque "quero" venço porque "quero", domino porque "quero"; com inteligência viva e ação ao lado, com energia dominadora de moço que os seus colegas e amigos dizem: Sant'Anna é ótimo, mas parece mau, ativo como um cão de fila, altaneiro como grande ave, vigorosa, veloz, rápida e sutil, com a "sua secretária" que é a suave violência, apesar de parecer imperioso como um tirano é mais doce que um cordeiro; amigo raro, ativo, solícito e honesto; senhor da "vontade" e do "saber"; cheio de fazeres e planos realizáveis, idéias magníficas, sonhos triunfantes, alma segura e resolução de bronze, grande e precioso camarada, honrado como um sacerdote, econômico, trabalhador, escravo das horas, desapaixionado e feliz, violento e sereno Cumplido de Sant'Anna o puro senhor das heranças paternas, brasileiro de escol, homem de blandícias, trabalhador como uma fêra, doce como um pombal, Sant'Anna nosso querido colega, Sant'Anna, do nosso coração, Sant'Anna, violento, afável, ativo e construtor, Sant'Anna, Sant'annesco..."

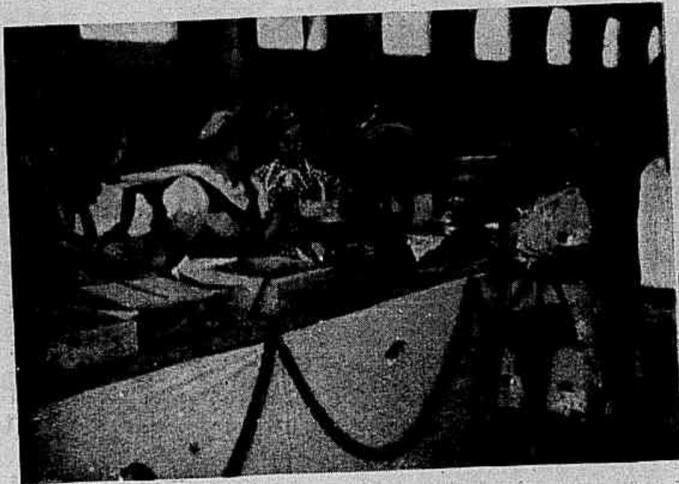
MARIA HENRIQUES — MULHER SENSIBILIDADE ARTE PERSONIFICADA

O programa "Ondas Musicais" apresentou ao público carioca em suas audições de 21 e 28 de Janeiro, pela Rádio Nacional em cadeia com as emissoras Tamoi, Guanabara e Roquete Pinto, em dois rádio-concertos noturnos, o meio soprano brasileiro Maria Henriques, acompanhada ao piano pela pianista Ella Podorolsky. Evidentemente, Maria Henriques não é uma glória que esteja, ainda, na sua fase confidencial. É uma estrêla que fulgura no firmamento da Arte, embelezando a Vida com as cintilações da sua grande emotividade e sensibilidade personificada.

Os estudos de Maria Henriques foram realizados em sua cidade natal, São Paulo, por cujo Conservatório Dramático e musical é diplomada. Foi aluna de canto de Francisco Murino. Vindo depois para o Rio, continuou seus estudos com Gabriela Bensenzon, recebendo também aulas de Beniamino Gigli. Atualmente está sob orientação de Abigail Parecis. Maria Henriques já realizou numerosos concêrto em Belo Horizonte, Pôrto Alegre, Pelotas, São Paulo e nesta capital, merecendo elogiosas referências da crítica. Ao lado de artistas célebres da cena lírica internacional, tem tomado parte nas temporadas líricas do Rio, São Paulo e Pôrto Alegre, como figura de primeiro plano. Com a orquestra do Teatro Municipal, interpretou o "Requiem", de Verdi, sendo muito

aplaudida. Cantou, também, a "Nona Sinfonia", de Beethoven, com a Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de Serge Koussevitzki. Maria Henriques, grande valôr artístico brasileiro, que atualmente empresta sua colaboração ao cast da Rádio Roquete Pinto, já atuou em quase tôdas as Emissoras desta Capital, São Paulo e Pôrto Alegre, tendo recebido recentemente um convite para realizar uma série de concêrto na Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte.

Vinhedo Celebra a III Festa da Uva



Grupo de senhoritas da sociedade local vendendo uva em benefício das obras da matriz de Vinhedo.

A III Festa da Uva, realizada recentemente em Vinhedo, a 80 quilômetros da cidade de S. Pedro, atraiu milhares de visitantes, que tiveram ocasião de verificar o alto grau de desenvolvimento do cultivo da vinha.

O certame foi realizado sob os auspícios da Secretaria de Agricultura daquele Estado, que distribuiu prêmios aos plantadores dos diversos tipos de uva, sobretudo da Niagara rosada e branca, que são, por sinal, os mais populares naquela região.

Aspecto de um dos "stands" da exposição



A Rainha da Uva de 1952, sta. Maria Terezinha Mota Neves.

A safra deste ano foi calculada em um milhão de caixas, no valôr aproximado de 50 milhões de cruzeiros.

Ao ato inaugural compareceram o sr. João Pacheco Chaves, Secretário da Agricultura, que se fazia acompanhar do dr. Joaquim Alves de Moraes, diretor do Fomento Agrícola, do general Honorato Pradel, do sr. Melo Moraes Filho, diretor da Escola Superior de Agricultura, Luiz de Queiroz, e de outras altas autoridades civis e militares.

Falaram diversos oradores, dos quais o primeiro foi o dr. Abrahão Aun, prefeito da cidade e médico conceituado, que agradeceu o apoio dado pela Secretaria da Agricultura ao certame.

O sr. Manuel de Sá Fontes Junqueira Junior, representante dos produtores da região, salientou as dificuldades que os produtores vem encontrando no combate às pragas, que anualmente devastam os vinhedos, prejudicando muito as safras. Focalizou ainda o problema da falta de um frigorífico para armazenagem da fruta, tendo feito um apelo aos poderes públicos para que auxiliem os esforços dos produtores locais.

O Secretário da Agricultura também fez uso da palavra para congratular-se com os produtores de Vinhedo pela excelência do fruto conseguido.

O AVARENTO

(Conclusão)

mesma do seu devedor e faz um estancieiro velhusco, alto e magro, de olhos parados, com cento e dez milhões de campo, arremessar um minguado níquel de quatorcentos réis, às mãos vazias de um homem esmolambado que o livrara generosamente do frio e do temporal em noite erma de sertão.

Foi para esses Shylocks que o Cristo lançou aquela maldição trágica: "Ai de vós, ricos, que já tivestes a vossa consolação!" Foi para esses Shylocks que o Cristo criou a parábola daquele homem rico, muito rico, que possuía cento e dez milhões de campo, mas tão duro e tão frio que negava um mendigo crivado de chagas, esfarrapado, cujas úlceras os cães vinham lamber, o mendigo que se arrastava humilde até a sua porta de potestado, um pouco de sobras que tombavam da sua fartura. "Senhor, dirá lá, no outro lado, esse rico da terra — Senhor, eu tenho imensa sêde! mandai esse mendigo, que eu vi tanta vez na soleira da minha porta, que molhe a ponta do dedo, só a ponta do dedo! — e venha refrescar com uma gota d'água a minha língua atrozmente abrazada". E o Senhor: "Há um abismo intransponível entre ti, rico, e mendigo, que os cães lambiam; tu tiveste na vida todos os bens; este desgraçado teve na vida todos os males; de sorte que os que querem passar de onde estás para aqui, não o podem; nem os que estão aqui podem passar para onde estás..." Palavras claras. Palavras candentes. Palavras tremendas. No entanto, oh, humanidade, oh, tonta humanidade, como andas tu com o coração encardido por essa paixão que te agulhó a terra e te faz amar esta feia terra estercorosa...

O CAMINHO SER

(Conclusão)

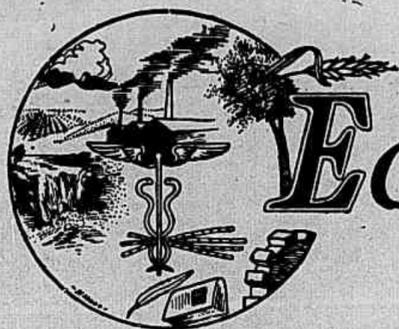
mos os meios de fazer com que os outros cheguem a essa compreensão. Talvez pudessemos atuar nas outras consciências por processos sutis, fóra do nosso alcance atualmente. Quem sabe se as vibrações do éter akasha dos indianos, que guarda em si a ciência da vida, segundo as velhas tradições, não é uma realidade e meio de comunicação direta de inteligência a inteligência e de todas as inteligências com a universal consciência?

Assim teríamos uma filosofia dinâmica em que a síntese dialética absoluta seria a integração do Ser no Não-Ser numa unidade que se apresentaria como a realização do Cosmo em nós.

Por enquanto temos que aceitar a pluralidade dos seres como manifestação dum pluralismo, vital. Talvez a vida seja uma, mas só a conhecemos como manifestação pluralista e mesmo não podemos afirmar a unidade de consciência, visto nossa consciência ser construída com elementos fragmentários e haver estados psicológicos em que nos sentimos como que diversos de tudo que eramos antes. Sómente alguém que chegasse a essa unidade do ser que supomos poderia afirmá-la, contudo é provável que não pudesse traduzi-la para os outros.

BOAS OBRAS

Além da monumental "Anatomia e Fisiologia humanas", do notável Paulo Décourt, as Edições Melhoramentos publicam "Histórias dos meninos índios" (Hernani Donato), "Pedro Américo" (Renato Sêneca Fleury) e, de Bernard Shaw, mais duas peças: "Pigmalião" e "Casa de Orates", vertidas primorosamente. Magníficos os volumes.



Economia e Finanças

ARTEFATOS DE BORRACHA

Segundo informa o Boletim de Estatística e Informações, da Comissão Executiva da Borracha, os estabelecimentos de primeira categoria, que fabricam principalmente pneumáticos e câmaras de ar, no país, são em número de 8 sendo 4 fábricas e 4 marcas, localizando-se 3 indústrias no Estado de Santo André) e uma no Distrito Federal.

Estes estabelecimentos empregaram 8.129 pessoas em 1949, contra 5.443 em 1948, pagando salários e ordenados no valor de Cr\$ 187.222.356,00 em 1949, que se comparam com Cr\$ 116.697.988,20 em 1948. O valor de suas transações alcançou Cr\$ 1.265.175.237,00 contra Cr\$ 933.395.169,00 em 1948. Este ramo da indústria apresentava, em 31 de dezembro de 1949, investimentos totais que montavam a Cr\$ 1.745.108.189,00, consumindo Cr\$ 21.320.720,00 de combustíveis e energia elétrica, Cr\$ 71.408.230,00 de produtos químicos, Cr\$ 310.819.845,00 de matérias primas diversas, contribuindo com impostos no montante de Cr\$ 159.188.644,00.

Os estabelecimentos que constituem a

indústria leve, fabricando milhares de artefatos diversos, são em número de 127, localizando-se 12 nos Estados do Amazonas e do Pará, 5 nos de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, 13 nos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, 72 no Estado de São Paulo e 25 no Distrito Federal.

Estas fábricas empregaram 9.604 pessoas em 1949 contra 5.090 em 1948. Seu volume de vendas atingiu Cr\$ 654.591.341,00, que se comparam com Cr\$ 398.083.758,00 em 1948. Este setor do parque manufatureiro possuía, em 31 de dezembro de 1949, investimentos no montante de Cr\$ 1.037.309.176,00, consumindo Cr\$ 22.006.386,00 de combustíveis e energia elétrica, Cr\$ 34.038.276,00 de produtos químicos, Cr\$ 93.325.955,00 de matérias primas diversas, contribuindo para os cofres públicos com Cr\$ 73.210.497,00.

NORMALIZAÇÃO DO MERCADO INTERNO DE AUTOMÓVEIS

Apesar de estarem os Estados Unidos, nosso principal fornecedor, produzindo automóveis de passeio acima das suas necessidades mais imediatas, o mercado

brasileiro ainda não mostrou indícios de normalidade. Todos os veículos que aqui chegam são rapidamente absorvidos, a despeito dos seus preços elevadíssimos. Paradoxalmente, os automóveis de maior preço são os que encontram mais facilmente compradores. Há o exemplo conhecido dos "Cadilacs", dos quais chegaram ao Brasil, no ano passado, 989, — todos através do mercado negro.

Falando, há dias, à imprensa, os diretores da General Motors declararam que a normalização do mercado interno de automóveis só se processará dentro de um ano, quando o governo brasileiro começar a fornecer cambiais para a importação regular desses veículos. Nessa oportunidade, então, poderemos comprar uma Chevrolet, Power Glide, por 52.000 cruzeiros; um Buick por 87.000; um Pontiac por 63.650; um Oldsmobile, por 84.800 e um Cadillac, sim um Cadillac, por 98.300 cruzeiros!

A oficina de montagem da G. M. em S. Caetano já está montando uma média de 3.000 carros por mês. Mas como esses carros foram adquiridos pelo regime de compensação, — que trouxe como consequência uma majoração de cerca de cem por cento — o seu preço

APRENDA A FAZER

a Higiene Científica da BÔCA

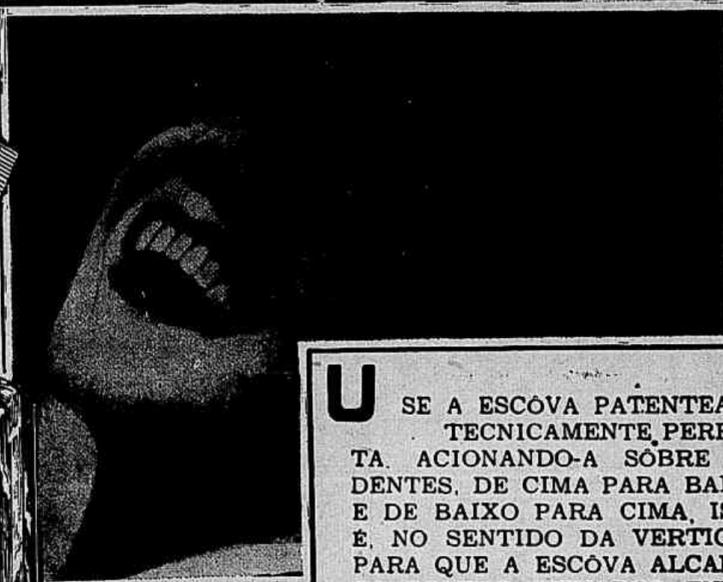
USANDO O CREME ESPUMOSO-Bukol, COM A ESCOVA PATENTEADA Bukol E, APÓS, APLIQUE O ELIXIR-ODORÍFERO-DENTIFRÍCIO-Bukol.

USO INTERNO
AROMATIZANTE BUCAL

Bukol
ELIXIR-ODORÍFERO-DENTIFRÍCIO

Uso: Algumas gotas num copo com água para lavagem da boca. Elimina o mau hálito, refresca, estimula, aniquila os germes e a mucosa bucal.

RESPONSABILIDADE TÉCNICA DO
FARM. CRUZES BARBOSA LEMTE
LAB. CAPIVAROL LTDA.
RUA BARÃO DE ITAIPU-17
RIO DE JANEIRO

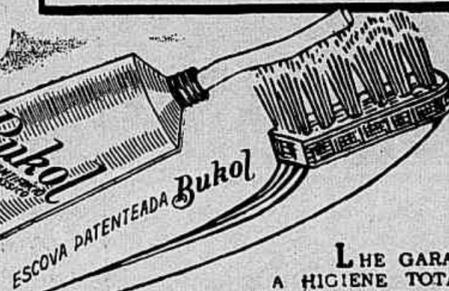
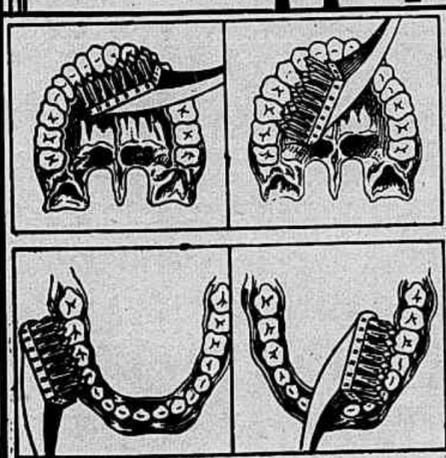


USE A ESCOVA PATENTEADA TECNICAMENTE PERFEITA ACIONANDO-A SOBRE OS DENTES, DE CIMA PARA BAIXO E DE BAIXO PARA CIMA, ISTO É, NO SENTIDO DA VERTICAL, PARA QUE A ESCOVA ALCANCE OS PONTOS SITUADOS ENTRE UM DENTE E OUTRO — CONSULTE O SEU DENTISTA.

A TRIÁDA

Bukol

O DENTIFRÍCIO CLÁSSICO



LHE GARANTIRA A HIGIENE TOTAL DA BOCA MANTERA SEUS DENTES LIMPOS E PERFEITOS, PURIFICARÁ O SEU HALITO E LHE PROPORCIONARÁ UM SORRISO DE FELICIDADE.

LABORATÓRIO CAPIVAROL LTDA.
RUA BARÃO DE ITAIPU-17 — RIO DE JANEIRO

Traqueza

ÁGUA INGLÊSA

STUDIO FRAY

é ainda hoje muito elevado, embora representando a metade do que cobravam os magnatas do mercado negro.

FINANCIAMENTO ADEQUADO PARA MERCADORIAS ESTOCADAS

Revela-se agora que, diante da possibilidade de uma guerra, que esteve iminente meses atrás, pelo menos no noticiário sensacional dos jornais, numerosos comerciantes, industriais e importadores, fizeram grandes estoques de mercadorias diversas, acima das necessidades imediatas.

Em S. Paulo, onde o esforço foi maior, a situação começa a inquietar os interessados, que precisam ir-se desfazendo de seus estoques, sem contudo sacrificar o justo preço da produção ou das suas compras. Para tanto, reclamam financiamento adequado, que lhes permita aguardar o escoamento gradativo de suas mercadorias.

Nesse sentido, já apelaram para o governo e os bancos particulares, que, entretanto, não teriam atendido com a prestesa necessária tal solicitação. Em face disso, algumas firmas já estão atravessando situação precária, não sendo de extranhar que se registrassem falências ou concordatas entre elas. Por enquanto, os círculos interessados guardam sigilo em torno do nome dessas firmas, a fim de não prejudicar as negociações para a obtenção do almejado financiamento. Mas é evidente que reina, no seu seio, a mais justificada inquietação pelos motivos acima expostos.

A FROTA PESQUEIRA

O "Beunastella", que aqui deverá chegar dentro de breves dias, é o primeiro dos grandes barcos pesqueiros destinados ao Brasil e adquiridos recentemente na Europa.

Além desse barco italiano, que vem equipado com o que há de mais aperfeiçoado em matéria de pesca e adquirido por financiamento da Caixa de Crédito da Pesca, por intermédio da nossa representação diplomática em Roma, contarão os pescadores brasileiros com mais as seguintes novas unidades; quatro barcos pesqueiros procedentes da Dinamarca, tendo a Caixa obtido tal frota sem o dispêndio de um centavo, desde que apenas patrocinou um contrato entre os dinamarqueses e a firma Julio Renner; um grande barco oriundo da Noruega, para fazer demonstração dos modernos equipamentos de pesca e pertencente à firma Grieff, também sem dispêndio para a Caixa. Tais unidades já estão navegando para o nosso país.

O Brasil ficará, assim, dotado, dentro de curto prazo, de uma grande e moderna frota de pesca de alto mar.

SILOS PARA REVENDA

O Serviço de Expansão do Trigo, que encomendou a uma firma americana 500 silos metálicos, prefabricados, para estocagem da produção nacional, informa que 48 desses depósitos já se acham em Recife, para revenda, aos agricultores de Pernambuco e Paraíba; 52 foram desembarçados no Rio, para atender aos pedidos dos produtores da região central; e 300 acham-se a caminho do sul, para revenda aos triticultores do Rio Grande do Sul, S. Catarina e Paraná.

CABELLOS BRANCOS QUÉDA DOS CABELLOS

JUVENTUDE ALEXANDRE

AGUA PURA SAUDE SEGURA SO' COM VELAS ESTERILISANTES

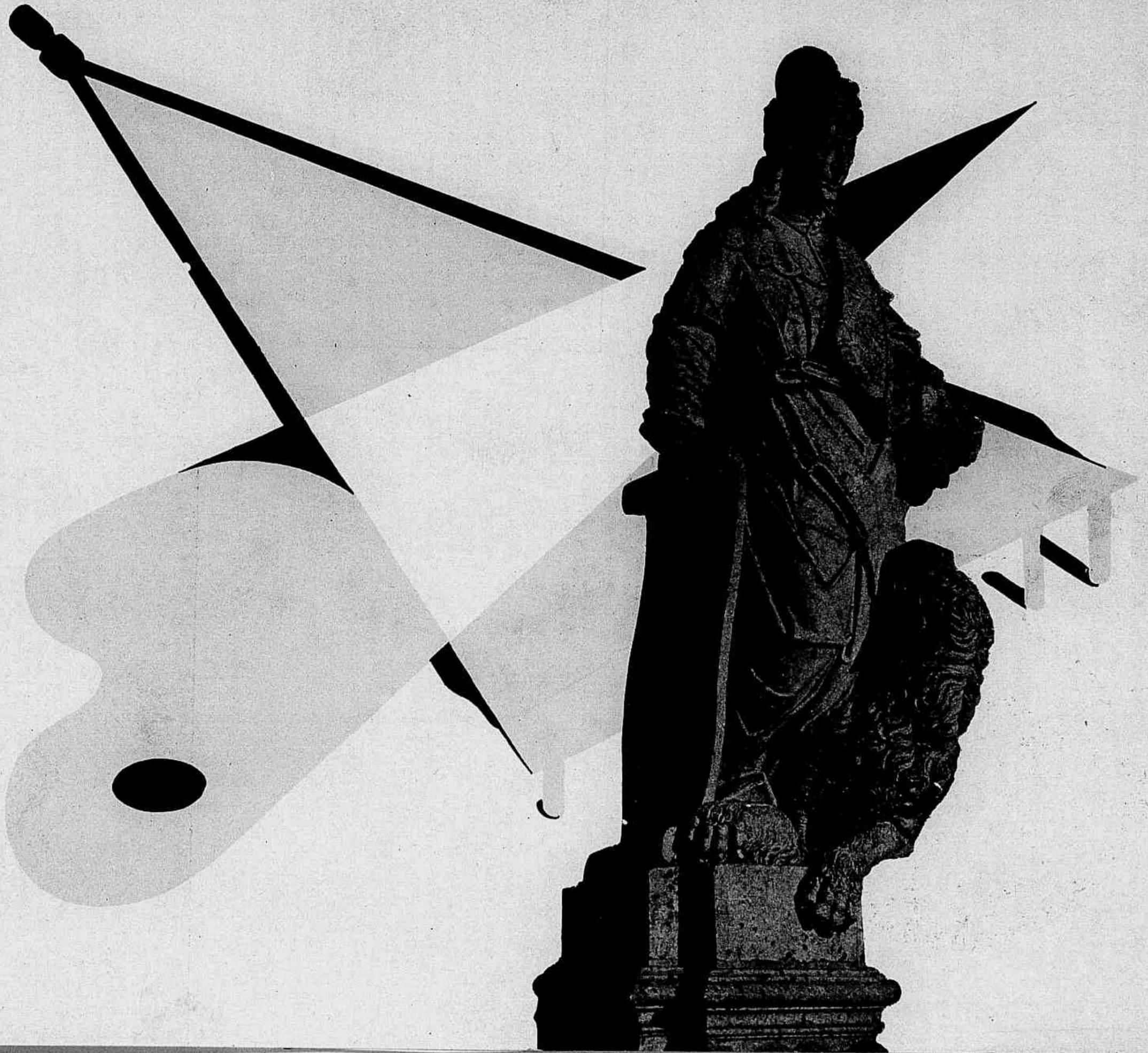
SENUN

PÓ DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA De Mme. Campos FINO ADERENTE E INVISIVEL À VENDA EM TODA A PARTE

Caspa? Petroleo Soberana

EXIJAM SEMPRE THERMOMETROS PARA FEBRE "CASELLA LONDON" HORS CONCOURS

UMA OBRA MONUMENTAL!



Há muito que se fazia necessária a publicação de uma obra como esta: que fôsse um estudo da maior amplitude possível sobre a evolução das artes plásticas no Brasil. Empreendimento de difícil realização, porque demandava longas e exaustivas pesquisas, que só poderiam ser feitas por verdadeiros especialistas, e que se tornaria dispendioso, não só pelo trabalho de pesquisa, como pelo alto custo de edições no gênero, está êle agora em vias de concretização, por iniciativa das Companhias de seguro do grupo Sul América e Banco Lar Brasileiro, que nada têm com o comércio editorial, mas desejam tra-

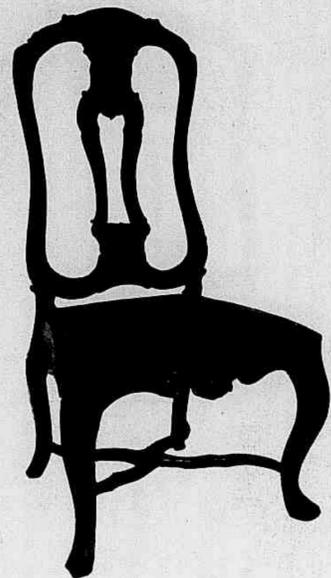
zer a sua contribuição e o seu estímulo às atividades culturais no Brasil.

Há mais de ano que um grupo de estudiosos trabalha na elaboração dessa obra gigantesca, que terá 3 volumes de grande formato, enriquecidos por centenas de ilustrações quase tôdas inéditas. Rodrigo M. F. de Andrade foi convidado para coordenar êsse imenso esforço. A 25 especialistas foi confiada a elaboração dos capítulos que estudam a evolução das artes plásticas em nosso país, desde as primeiras manifestações arqueológicas e da arte indígena, passando pela pintura, pela arquitetura ou pela imagi-

nária colonial, até as mais audaciosas realizações de Lucio Costa, de Oscar Niemeyer e de Candido Portinari, sem esquecer as poéticas e ingénuas criações da arte popular.

Cêrca de Cr\$ 300.000,00 foram pagos, sômente em direitos autorais. Recolheu-se copioso material documentário, em que há contribuições inteiramente novas para os estudiosos do assunto. Trata-se, realmente, de um grande esforço e de um grande serviço prestado à nossa cultura.

Planejada para meados de 1952 a publicação do primeiro volume, espera-se que, dentro de mais um ano, estejam completos os três volumes, edição que ficará como um monumento erguido aos artistas desconhecidos ou consagrados, perdidos no esquecimento ou coroados pela glória, que fizeram a sua parte para a construção do nosso patrimônio artístico.



Plano
Geral
da
Obra

Introdução

Rodrigo M. F. de Andrade

Arqueologia

Frederico Barata

Arte Indígena

Gastão Cruis

As Artes Populares

Cecília Meireles

Artes Aplicadas

José Valadares
Wasth Rodrigues
Marques dos Santos

Antecedentes Exóticos

Reynaldo dos Santos

Período Colonial

Antônio Bento
Carlos Ott
Luis Saia
Luis Jardim
Rodrigo M. F. de Andrade
Zélio de Oliveira
Quirino Campofiorito
Di Cavalcanti
Santa Rosa

Ouvreria Mobiliário

A louça no Brasil; a Companhia das Índias; a porcelana brasonada

Período Colonial — Pernambuco e as Capitanias do Norte
" " — Bahia e Sergipe
" " — São Paulo
" " — Rio de Janeiro
" " — Minas Gerais

Missão Francesa: seus mestres e discípulos
A pintura brasileira do século XIX
O movimento modernista
Pintura moderna

Escultura

D. Clemente Maria da Silva Nigra
Lélio Landucci
Manuel Bandeira
Lourival Gomes Machado

A imaginária no Brasil durante a primeira fase do regime colonial

A imaginária brasileira durante o Século XVIII

Antônio Francisco Lisboa, escultor e estatuário

Dos escultores do Século XIX à escultura moderna

Arquitetura

Robert C. Smith
Paulo T. Barreto
Germain Bazin

A arquitetura residencial e cívica no período colonial

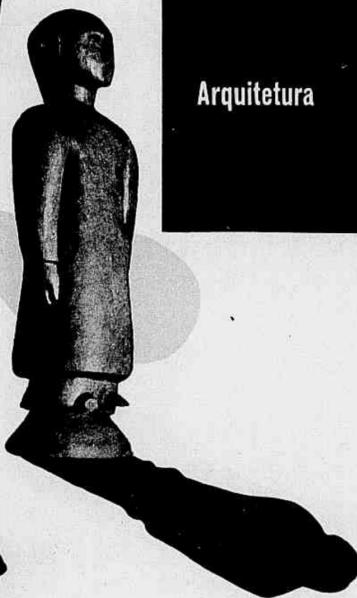
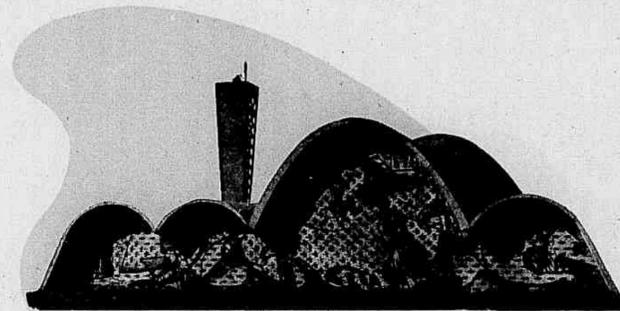
Arquitetura religiosa: I — Os prospectos, os mestres e as construções

Arquitetura religiosa: II — Evolução da talha: Os mestres entalhadores e marceneiros

A obra dos Jesuítas nas Missões Orientais do Uruguai

Grandjean de Montigny: sua influência e seus discípulos - neo-classicismo

A arquitetura moderna



Inscriva-se desde já!

A EDIÇÃO SERÁ LIMITADA...

Desde que correu a notícia de que estava em elaboração esta obra, inúmeras pessoas, por carta ou pessoalmente, têm mostrado o mais vivo interesse em adquirir "As Artes Plásticas no Brasil". Agora que se aproxima a publicação do primeiro volume, já podemos receber inscrições. Ainda não é possível afirmar quanto custará cada volume. Só é possível adiantar que, não havendo

finalidade comercial nesta iniciativa, os preços destinam-se a cobrir apenas o custo da edição, ficando ao encargo das companhias que patrocinam a publicação as despesas com as centenas e centenas de exemplares destinados a bibliotecas, universidades e instituições culturais do país e do estrangeiro. Se deseja, portanto, enriquecer a sua biblioteca e o seu lar, com a aquisição desta obra monumental, dirija, sem demora, o seu pedido de inscrição à

INSTITUIÇÃO LARRAGOITI

RUA BUENOS AIRES, 29
RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE!

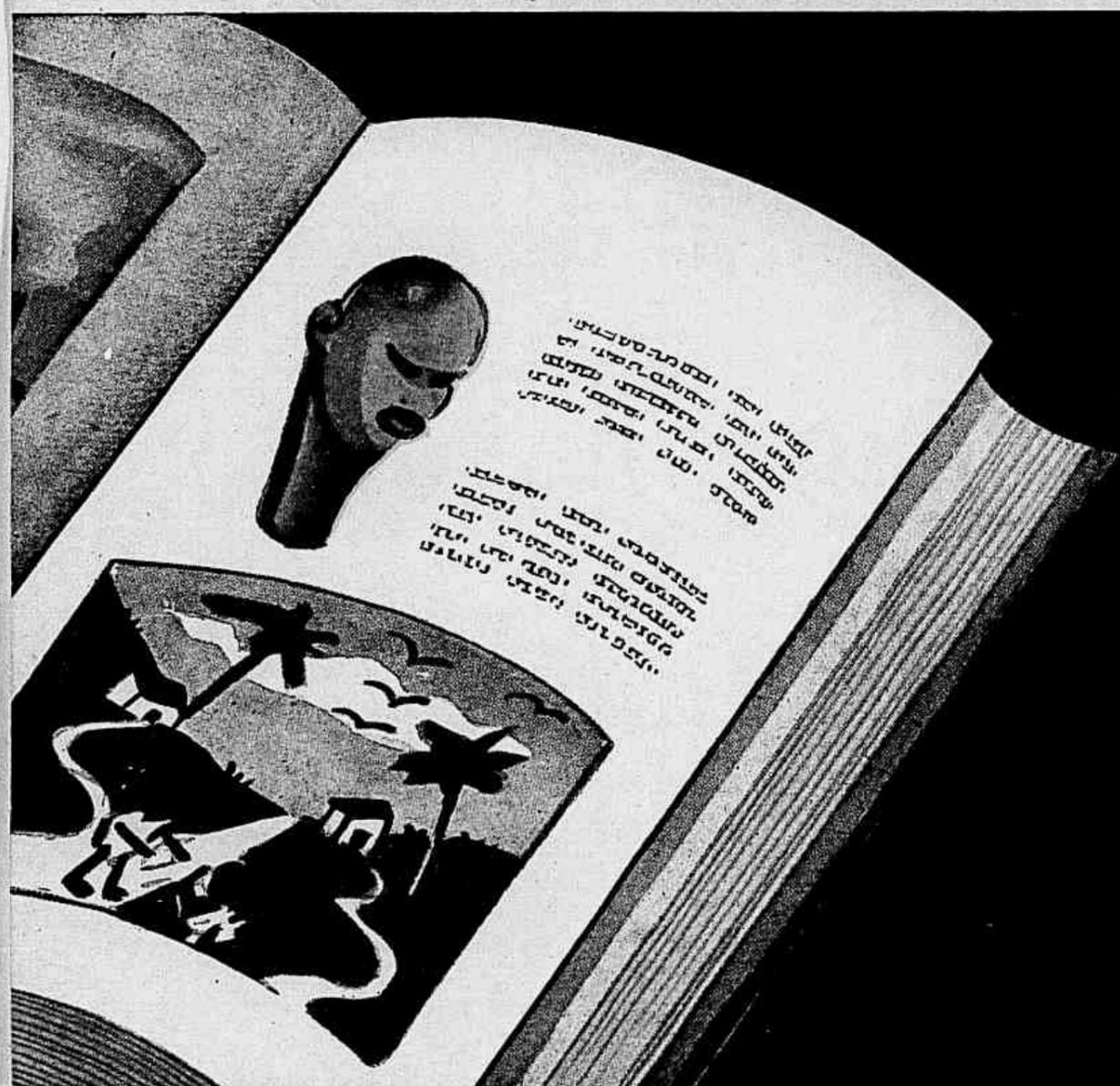
O primeiro volume, ricamente ilustrado, compreenderá os seguintes capítulos que são verdadeiras monografias:
1 - ARQUEOLOGIA - Frederico Barata;
2 - ARTE INDÍGENA - Gastão Cruis;
3 - AS ARTES POPULARES - Cecília Meireles;
4 - OURIVESARIA - José Valadares;
5 - MOBILIÁRIO - José Wasth Rodrigues;
6 - LOUÇA E PORCELANA - Marques dos Santos.

Nome _____
Rua _____
Cidade _____

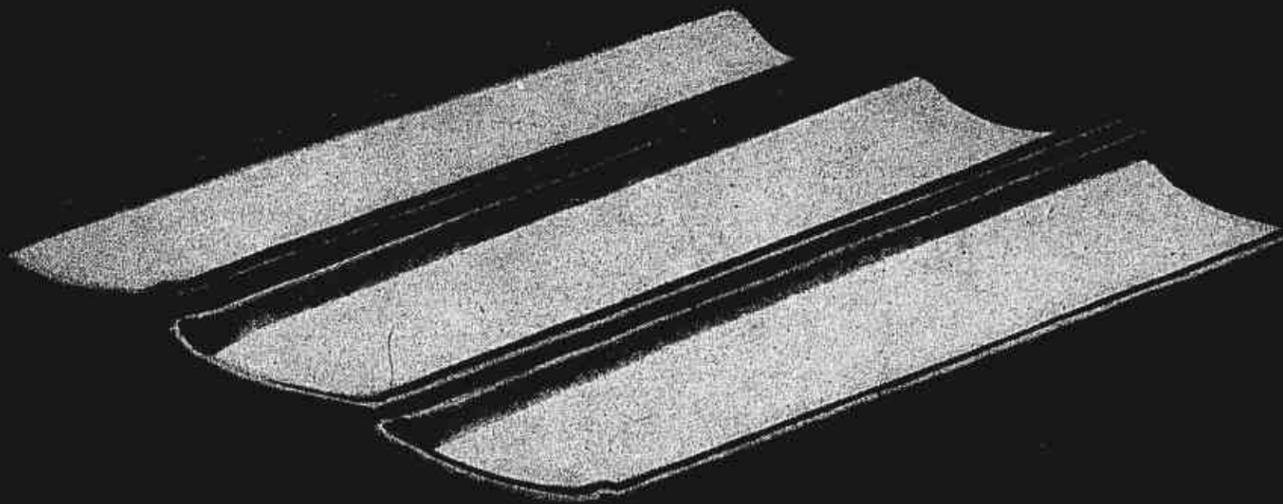
AS ARTES

PLASTICAS NO BRASIL

3 volumes



SOB A DIREÇÃO DE
RODRIGO M. F. DE ANDRADE
COM A COLABORAÇÃO DE
25 AUTORES ESPECIALIZADOS
EDITADA PELAS COMPANHIAS
DE SEGUROS E CAPITALIZAÇÃO
DO GRUPO SUL AMÉRICA E PELO
BANCO HIPOTECÁRIO LAR
BRASILEIRO



24



MODA E BORDADO
UMA
REVISTA PARA O LAR!

Os modêlos parisienses, americanos e nacionais, as "Páginas das Noivas" cheias de motivos encantadores, as indicações úteis nas páginas "De Coser e Outras Coisas", os riscos para bordar, arranjos da casa, contos, conselhos de beleza, notinhas úteis, receitas culinárias e muitas coisas mais, fazem de "Moda e Bordado" uma revista que agrada ao bom gosto da elegância feminina!

Em todos os jornaleiros e livrarias.

moda

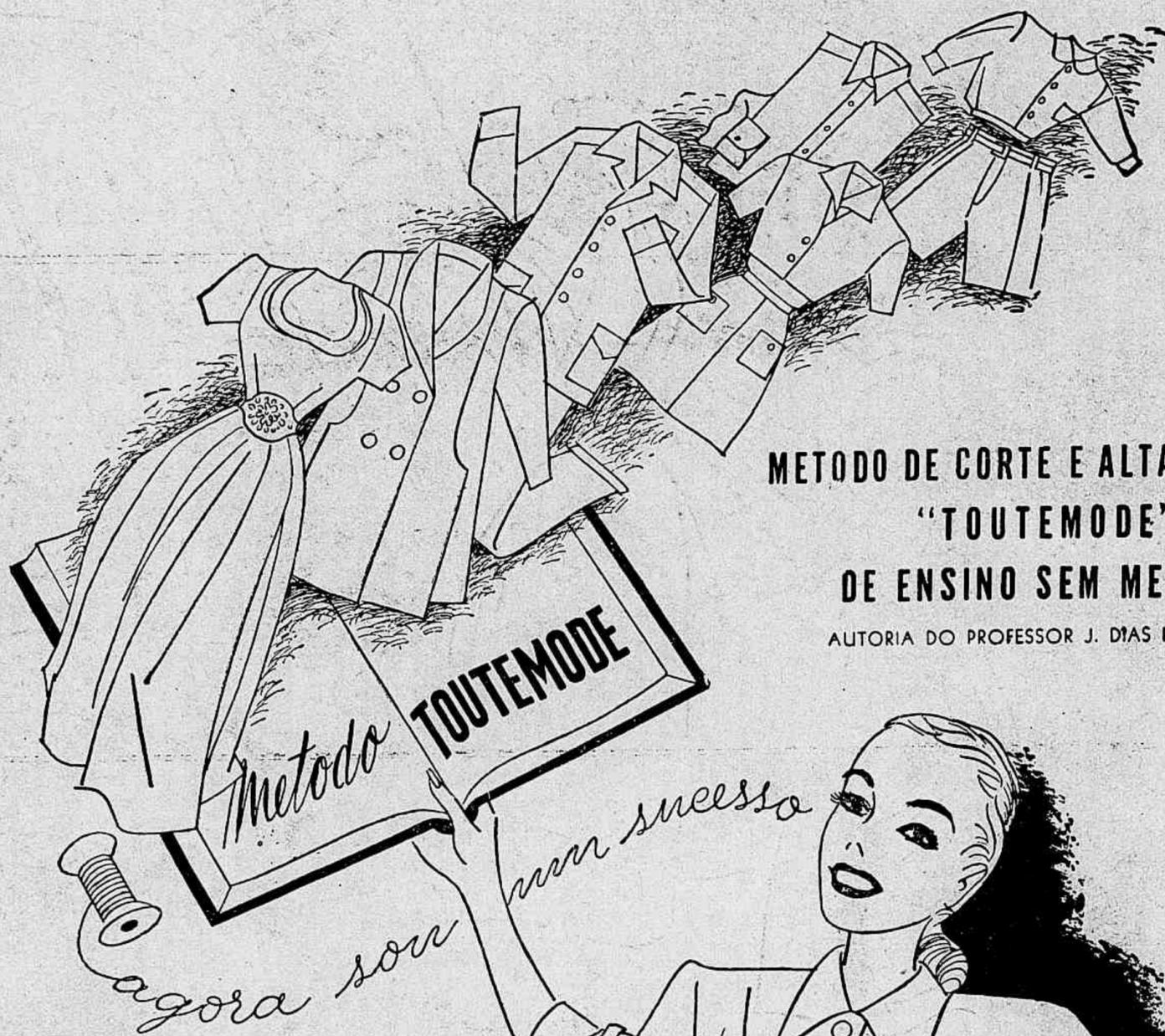
e
Bordado

NUMERO AVULSO CR\$ 6,00

Assinaturas - 12 meses

À venda em todos os jornaleiros e livrarias / Pedidos Pelo reembolso à S. A. "O Malho"

Rua Senador Dantas, 15-5.º — Rio



**METODO DE CORTE E ALTA COSTURA
"TOUTEMODE"
DE ENSINO SEM MESTRE**

AUTORIA DO PROFESSOR J. DIAS PORTUGAL

O Método "Toutemode", organizado e impresso em bellissimo livro, magnificamente encadernado, contem cerca de 400 figuras, que esclarecem com facilidade a execução de qualquer modelo de figurino, por mais difícil que pareça, acompanhando o texto com claras e simples explicações.

Lições completas sôbre vestidos, golas, mangas, pijamas, casacos simples e de "tailleurs", "manteaux", roupas de crianças, roupa branca de senhoras, pontos de adôrno e roupa branca para homem.

O preço de cada exemplar do livro, com excelente encadernação, é de Cr\$ 150,00. A venda em todas as Livrarias do Brasil. PEDIDOS AOS EDITORES: «S/A. O MALHO» Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar Caixa Postal, 880 — RIO

Enviamos pelo Reembolso - Postal.

O Prof. J. Dias Portugal, autor desta importante obra, mantém Cursos por Correspondência e nas Academias "Toutemode", com diplomas para Modistas e Professoras. R. Ramalho Ortigão, 6, 1.º andar. Telefone: 22-8635 — RIO DE JANEIRO.

